

A high-contrast, black and white portrait of Brigitte Bardot. She is looking slightly to the right with a dramatic expression, her lips parted. Her hair is styled in a voluminous, wavy fashion with bangs. The lighting is harsh, creating deep shadows and bright highlights.

Semana

bro 58 — Cr\$ 10.00

**Padre Negromonte
e os problemas
da juventude**



**...E O DIABO
CRIOU BRIGITTE**

**Problemas do futebol:
"Blitz" dos clubes
contra os deficits**



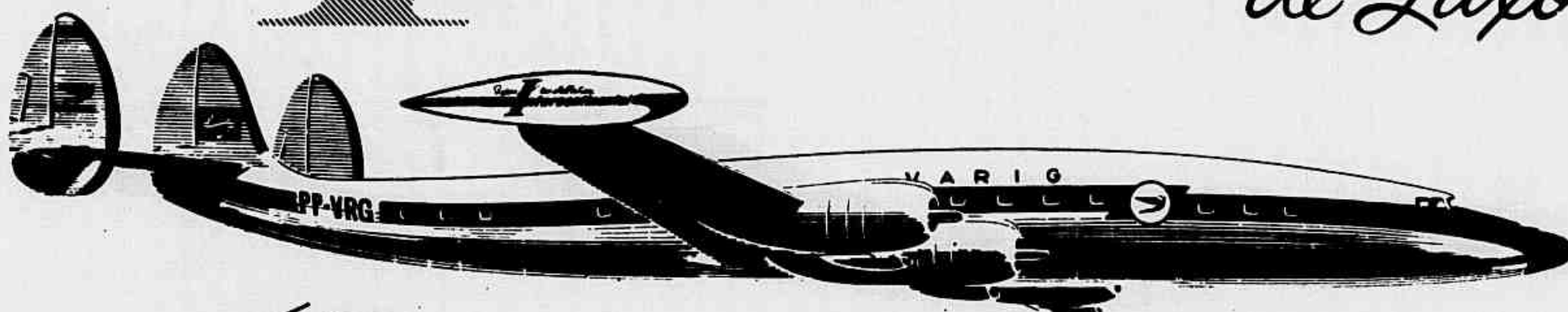
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

- * Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

REPORTAGENS

Pa. Negromonte: precisamos uma renovação social	4
«Operação Copacabana» muda a fisionomia da cidade	8
A casa de Pereira Passos	12
Bonscos nascem de lágrimas	23
As Dez mais de Long-Beach	32
«Blitz» dos clubes contra os deficits	44

SOCIAIS

As Verdades de Mariuzinha Maranguape	11
--------------------------------------	----

CINEMA

E o diabo criou Brigitte	19
Dostoiévsky (Os Irmãos Karamazov) em Hollywood	62

NOVELA

Os galhos do Cedro	29
--------------------	----

A COMÉDIA HUMANA

A Propósito de Cinema	39
-----------------------	----

MODAS

O que a mulher usa em Paris	51
-----------------------------	----

CONTO

A Nuvem	55
---------	----

POLÍTICA

Trapézio	60
----------	----

SEÇÕES

Letras e Artes	27
A Revista há 50 anos	38
Humor	48
Puxe pelo Cérebro	59

CRÔNICA

Meu filho é minha religião	66
----------------------------	----

CAPA:

Brigitte Bardot (Ektachrome Unifrance Filmes)

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2822; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647. Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

CONTATO

BRIGITTE Bardot, a deliciosa francesinha que virou a cabeça de meio mundo através de seus audaciosos filmes, embeleza a nossa capa de hoje. E tendo como título a expressiva frase do Cardenal Spelmann, que tomou conhecimento de Bardot através de «Deus Criou a Mulher», exibido em sessão privada para a Liga da Decência, em Nova Iorque — apresenta a Revista ampla reportagem sobre a vida da excitante figurinha que nos manda Paris, e cujas formas já famosas, apresentadas em sua bendita realidade, ofuscaram de muito a das Lollobrigidas e Marilyns.

PROSSEGUE Hélio Polito na sua série de reportagens sobre os problemas da juventude, entrevistando, desta vez, o padre Alvaro Negromonte. Com sua grande autoridade de pedagogo, analisa Negromonte a razão dos males que tanto preocupam a sociedade brasileira, e depois de apresentar os fatores responsáveis pela corrupção da nossa juventude, aponta as soluções capazes de as remediar.

A «Operação Copacabana» muda a fisionomia do Rio. Desde terça-feira, dia 26, têm os moradores da zona sul da cidade resolvido um dos seus mais dramáticos problemas: o dos transportes nas horas de grande movimento, com a execução da inteligente «Operação Copacabana», posta em prática pelo major Antônio João — diretor do Serviço de Trânsito. A transferência dos pontos iniciais dos lotações — da Estrada de Ferro para a Esplanada do Castelo — foi o ovo de Colombo que fez substituir — para desespero das empresas de transporte — as intermináveis filas de passageiros para uma fila nova e inesperada: a dos lotações.

PROCURA a Revista, numa enquête realizada com os presidentes dos maiores clubes de futebol do Rio de Janeiro, dar um panorama da situação econômica com que lutam os nossos clubes, diante de uma série de problemas. O estudo dessa questão vem apresentado na reportagem «Blitz dos clubes contra os deficits», às págs. 44 e seguintes.

LITERATURA: enquanto na última página escreve Dinah Silveira de Queiroz a respeito do atualíssimo problema da juventude transviada, Maria da Conceição Neves About apresenta mais um capítulo de sua novela — «Os Galhos do Cedro»; e o escritor Antônio Bulhões faz um mergulho no passado e rememora a vida no velho casarão das Laranjeiras onde viveu Pereira Passos — preciosa relíquia de um Brasil Imperial — mais um dos belos redutos do Rio antigo que desaparece, para dar lugar a uma cidade nova, sem mistério e sem encanto.

Oacontecimento pitoresco da semana foi a missa em ação de graças mandada rezar por Emilinha Borba na igreja da Candelária, e a que compareceram, aos magotes, as já famosas «macacas de auditório». O solene recinto ganhou um toque grotesco e as «macacas», com seus impulsos primitivos, ameaçaram mesmo esfaquear a cantora e despedaçar-lhe as vestes, tendo ela — impossibilitada de chegar ao próprio automóvel — sido obrigada a fugir, às pressas, num táxi. O curioso é que, no dia seguinte, davam os jornais as mais diferentes versões do motivo da cerimônia, noticiando uns tratar-se do casamento da cantora, outros do aniversário de seu casamento — notícias em nada viáveis pois Emilinha se encontrava só... Depois de complicada pesquisa através de telefonemas para os mais absurdos locais, ficou, enfim, resolvida a questão: era o aniversário de Emilinha...

Pe. NEGROMONTE: NECESSITAMOS UMA REVOLUÇÃO SOCIAL ABSOLUTA

HÉLIO POLITO

FOI EM PERNAMBUCO que nasceu o padre Alvaro Negromonte, em 1901. Ordenou-se em Nazaré da Mata, e também nessa cidade foi diretor do Colégio Diocesano (1924). Seis anos mais tarde começou a interessar-se pelos problemas da juventude, e iniciou os seus estudos pedagógicos. Entre os anos 1930/31, fundou, em Minas, a Sociedade de Pestalose. E em 1945, transferiu residência para o Rio de Janeiro, atendendo a um convite do sr. Milton de Alencar para assumir o cargo de "orientador educacional" do SAM. Sobre esta instituição tão discutida, o Pe. Negromonte prefere não falar. Adianta apenas: "reconheço que tem muita coisa errada, mais muito de bom também". E convida o repórter para uma visita a todos os estabelecimentos da instituição (convite aceito, para uma reportagem futura). Não fôsse o padre Negromonte um estudioso sobre o problema, com profundos conhecimentos teóricos, somente a sua prática em lidar com jovens, lhe daria autoridade mais do que bastante para um depoimento como o que prestou à REVISTA DA SEMANA. É autor de dois livros (um sobre o problema sexual e outro sobre educação dos filhos) que muito tem contribuído para orientação de pais e educadores. O seu telefone toca até altas horas da noite. São pessoas que o consultam sobre os mais variados problemas educacionais. Das centenas de casos que já passaram por suas mãos, dois o impressionaram grandemente. Certa vez foi procurado por uma mãe que lhe pedia aconselhar a filha de 16 anos que se mostrava muito namoradeira. O padre procurou-a, ouviu os seus problemas, para depois aconselhá-la. Mas a moça não esperou pelo final e protestou: "Não sei por que mamãe está com essas coisas. O homem que vive com ela não é meu pai!". O outro caso, que igualmente o deixou muito chocado, foi o de uma família (classe média) abandonada pelo chefe. Sem nenhuma ajuda financeira do ex-espôso, a mulher e os dois filhos (um casal) começaram a passar dificuldades. Certo dia o filho rapaz procurou a mãe, indignado, e disse a ela: "A sra. é que é responsável por todas essas nossas privações. Bonita e moça ainda, porque não procura um outro pai para nós?" — É o próprio filho insinuando que a mãe enverede pelo caminho da prostituição — lamenta o Pe. Negromonte.





Os homens triunfam muito mais pelo crime, pela falta de moral e de caráter do que pela virtude e pela dignidade

PADRE NEGROMONTE:

Falta-nos o alicerce para a construção moral da nação.



O PE. ALVARO NEGROMONTE não é homem de rodeios. Fala logo o que tem vontade de externar. Ou diz, de pronto, que não é possível atender. Mas nunca usa expedientes de protelações, ou responde às perguntas com evasivas. Por isso ataca logo o problema, quando ele aparece pela frente:

— Três são as causas do transviamento da juventude. Causas que eu chamaria de **Sociais, Domésticas e Religiosas**. E a primeira delas, com seis subdivisões: Miséria, Cinema, Imprensa, Vida Social, Vida Pública e Abandono Educacional. Mas vamos estudá-las separadamente:

MISÉRIA — No mundo inteiro, a miséria é responsável por 45% do problema da juventude transviada. Na França, a promiscuidade das habitações responde por 37% da delinquência juvenil. E no Rio de Janeiro, este é o mal da quase totalidade da camada inferior. Porque somente agora é que estão aparecendo os delinquentes "filhinhos de papai". Fortaleza, segundo os últimos estudos, tinha na miséria a razão de 100% do transviamento dos seus jovens. E João Pessoa (Paraíba), acusa a mesma causa, com um índice de 34%.

CINEMA — Muitos filmes são causadores de neuroses e deformações de caráter, cheios de excitações sexuais, escolas de furto, aventuras e homicídios. Acentuar a fraqueza da censura, e a dissidência criminosa dos pais, alguns dos quais chegam a resistir à polícia, quando essa um dia desperta e resolve fiscalizar as casas de diversões.

IMPRESSA — Essa, tem uma imensa responsabilidade. Existe uma especializada em crimes e aventuras amorosas: os chamados grandes jornais, dos quais alguns alimentam os seus leitores com as mais pavorosas manchetes a respeito dos crimes. E outros, mesmo os melhores, dedicam páginas inteiras a romancear os crimes do dia, trazendo até para as suas primeiras páginas retratos sórdidos de criminosos, que têm nisso, uma das maiores glórias de sua vida. Nesse item (imprensa), acrescentar as histórias em quadrinhos.

A VIDA SOCIAL — cuja corrupção já não guarda mais conveniências e estala à luz do sol. Como um convite para a crápula e a cuja sedução dificilmente podem escapar os adolescentes.

A VIDA PÚBLICA — Os homens triunfam muito mais pelo crime, pela falta de moral, pela audácia, pela ausência de caráter, do que pela virtude, pelo esforço, pelo cumprimento do dever, pela dignidade, pelo amor ao bem público. Colocados nos píncaros da vida nacional, servem de desgraçados modelos aos pobres jovens, que também preferirão subir por manobras escusas e fáceis, do que pelas ordeiras tarefas do estudo e da luta pela vida.

ABANDONO EDUCACIONAL — Somos um povo sem escolas, sem assistência à juventude, e sem trabalho para os nossos jovens. Vejam a situação dos moços pobres: aqueles que por muita sorte terminarem o curso primário, serão obrigados à ociosidade cerca de dois anos, porque só poderão trabalhar aos 14 anos. Mas então já se corromperam, acostumando-se ao ócio, e não quererão mais a rudeza do trabalho.

CAUSAS DOMÉSTICAS

Falta de educação doméstica, a grande causa. Sempre que digo isto, recebo protestos de numerosos pais que educam os filhos. Ai de nós, se já não houvesse pais que educassem. Mas estes mesmos, sabem que quem educa colhe os frutos do seu trabalho. De um modo geral porém, os pais modernos estão descuidando da educação dos filhos. As crianças pequenas são legadas às mãos das babás, pobres moças, honestas algumas vezes, mas na quase totalidade não aparelhadas para a missão que exercem. Depois vem o jardim da infância ou escola primária, em que os pais mal se dão conta de que têm filhos. E os adolescentes passam, em certas camadas sociais, a semana inteira sem ver a família. A pretexto de ajuda, muitas mães trabalham fora. Não discuto a necessidade ou não, desse trabalho. Mas todos vêem como a ausência da mãe prejudica a formação dos filhos. Estamos falando de famílias organizadas. Imaginem, porém, qual não será o problema, quando as paixões sôfregas já não têm freios para constituição do lar. Pensemos nos pobres jovens cujos pais mudam de amantes, como se muda de camisa. Há pouco me contavam a anedota da criança que elogiava o seu novo pai. O coleguinha que o ouvia, concordou. "Ele era mesmo um pai bacana". O ano passado já tinha sido pai dele também. Qualquer que seja o aparato legal, o concubinato, o desquite, o divórcio (onde já existe oficializado), são causas do desajustamento e criminalidade dos jovens.

CAUSAS RELIGIOSAS

Somos um povo cristão de nome, profundamente religioso de sentimento, mas sem verdadeira formação cristã. Por motivos que não vamos agora estudar, faltam-nos um catecismo organizado nas paróquias, o espírito cristão na escola, e por desgraça nos sobra o agnosticismo oficial com que nos brindou a República. Quer dizer, falta-nos o alicerce para a construção moral da Nação. Desta raiz profunda, vêm todos os nossos grandes males.

REMÉDIOS

O problema é duplo: recuperar a atual juventude transviada, e evitar transviamentos futuros. Para recuperação dos atuais, deveríamos ter instituições pedagogicamente aparelhadas, que não sei infelizmente quando teremos. Já era tempo da iniciativa particular lançar para o problema as suas vistas, uma vez que os governos estão empedernidos em sua omissão e fracassados em suas tentativas. Para evitar futuros transviamentos, é necessário, sem dúvida, sanear a sociedade, despertar a consciência dos pais para o cumprimento dos deveres, e acordar os responsáveis pela formação religiosa do povo. Isto dito assim em três frases apenas, parece pouco, mas na verdade suponha uma revolução social absoluta, que vai dos fundamentos à cúpula da nacionalidade. Mas ou se fará isto ou os jovens apodrecerão por falta de fibra espiritual, de amparo doméstico, e por sobras de maus exemplos que os homens públicos lhes oferecem.

A SEMANA TAMBÉM DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS



BELLINI ACABOU COM A FESTA

O VASCO DEFENDIA no domingo sua posição de líder do Campeonato de 58... Fôra-se o primeiro tempo e persistia um nervoso empate de 0x0. Veio o segundo e o América começou por dominar as ações. Não demorou a conquistar seu "goal". Um a zero e a torcida do América explodia; meio time desceu para abraçar Nilo, que sucumbiu sob o entusiasmo dos companheiros, que anteviam em prematura euforia um triunfo consagrador sobre o líder. Mas, "seu" Bellini não estava para brincadeiras e — coadjuvado por Orlando e Paulinho — fêz valer sua autoridade

de capitão, por direito e musculatura: fechou a cara, partiu para Calazans que exibia uma alva dentadura de vitoriosa superioridade e acabou com a festa, arrebatando-lhe a bola. Bellini queria aquela bola com muito ardor — vê-se claramente — pois precisava fazê-la correr, até que lá na frente Wilson Moreira e Almir marcassem os dois tentos que fariam do Vasco o vencedor (2x1) da partida e que o conservariam — agora mais destacado — como o "mandão" do campeonato de 58.

A semana também deixou estas lembranças



"OPERAÇÃO COPACABANA" MUDA A FISIONOMIA DA CIDADE

NA TARDE DE TERÇA-FEIRA, dia 26, à famosa hora do "rush", teve o carioca, de sua cidade, uma visão diferente. As imensas filas de condução — suplício sistematicamente enfrentado por ele no centro da cidade, depois do dia de trabalho fatigante, haviam misteriosamente desaparecido. As célebres correrias pela Cinelândia e pela Avenida Rio Branco, do mesmo modo que as intermináveis filas da rua Uruguaiana,

também não se encontravam mais. Como num dia de domingo, a cidade aparecia tranqüila, quase vazia. Greve? Algum inesperado feriado? Não: era a famosa "Operação Copacabana" que se iniciava — a eficiente medida tomada pelo diretor do Serviço do Trânsito para desafogar o tráfego da cidade à terrível hora do fechamento das repartições e escritórios, bem como do comércio. Medida que, evitando os abusos

dos motoristas, vinha beneficiar os moradores da Zona Sul da cidade — principalmente os residentes nos bairros do Leme, Copacabana, Ipanema, Lagoa e Leblon.

Há uma semana, aguardava o carioca a tão propalada operação que — dizia-se — viria resolver magicamente o problema angustiante da condução para a Zona Sul. Em vez do costumado trajeto "Estrada de Ferro-Leblon" (via Gávea ou Copacabana), te-

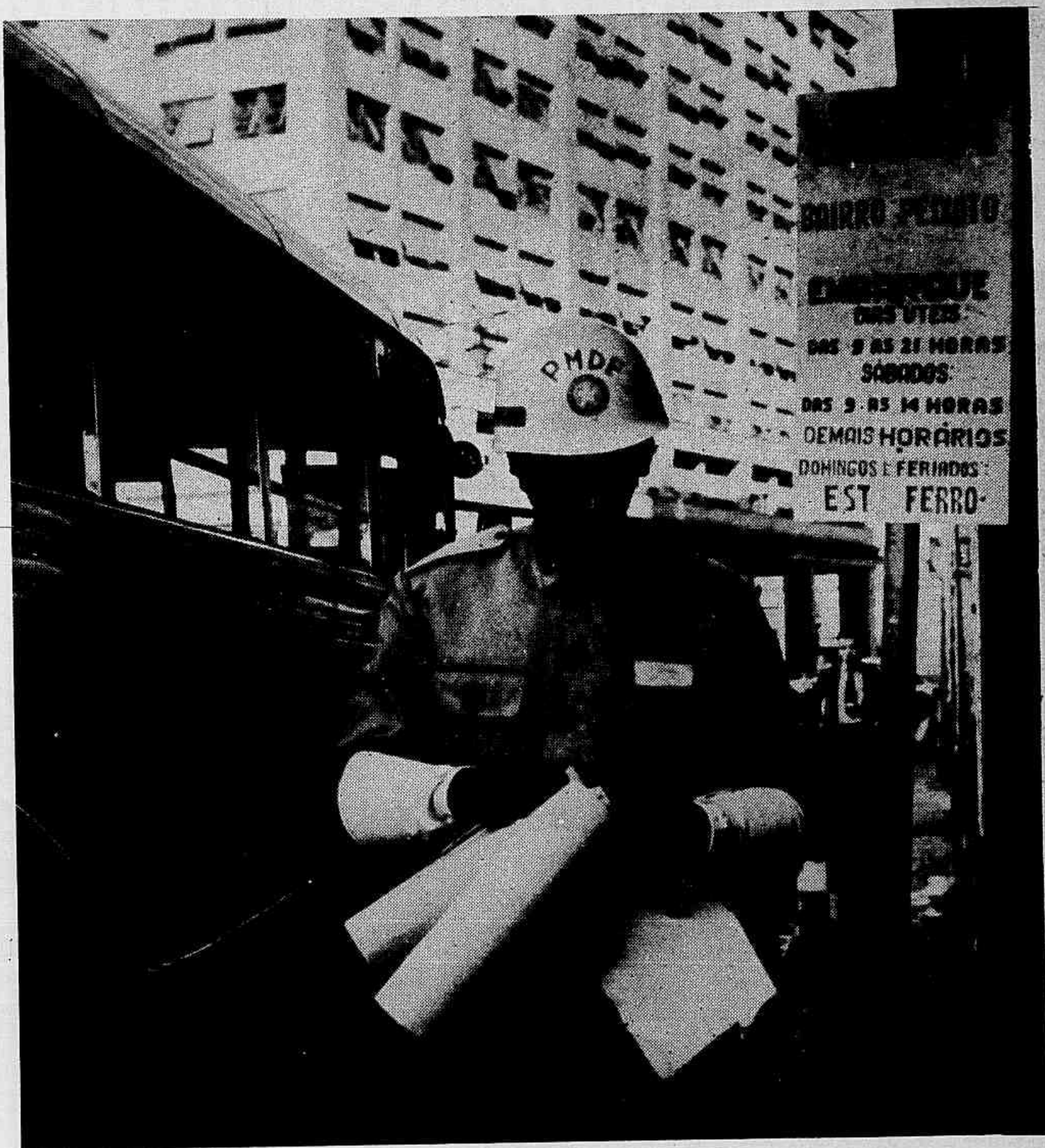
riam os lotações na própria Esplanada do Castelo o seu ponto de partida. O Castelo e seus arredores — onde trabalha a maioria da população do Rio de Janeiro, teria, assim, ali, pertinho, as filas de embarque — bastando para isso aguardar na fila. Não se fariam mais necessárias as absurdas caminhadas até os pontos iniciais dos lotações, localizados, de modo geral, na Central do Brasil. Sua vez chegaria, naturalmente, sem a necessidade de correrias e dos atropelos habituais, atrás de um hipotético lugar conseguido pela eventual descida de um passageiro na Cinelândia.

Na verdade, a idéia era, em princípio, excelente, e os moradores se veriam excelentemente servidos não só por ter à sua disposição um grande número de lotações, que os deixariam em seus respectivos bairros, mas também, porque, devido à diminuição do trajeto, cresceria o número de carros à sua disposição.

A "operação" iniciada na manhã de terça-feira, foi coroada de êxito. E, na hora do "rush", o que se viu foi, exatamente, o inverso do habitual. Em vez das longas filas de passageiros, a esperar impacientes a condução, encontravam-se extensas filas de lotações, nos novos pontos de embarque, a esperar passageiros... O carioca, pela primeira vez, em muitos anos, vira-se magnificamente servido. A medida apenas não foi bem aceita pelos proprietários e motoristas de lotação, que se sentiam prejudicados nos seus interesses, e tentaram sabotar a operação, com a "Greve Tartaruga" — tentativa de hostilizar aquelas modificações introduzidas no tráfego.

Mas, para o êxito da "operação", medidas severas foram tomadas. Desde às cinco da manhã de terça-feira, ficou a polícia de prontidão a fim de impedir qualquer movimento que viesse perturbar a ordem pública, tendo o coronel Danilo Nunes — diretor do DPS — elaborado três planos de ação (um repressivo e dois preventivos) para neutralizar a greve branca. Desde aquela hora, foi a cidade dividida em faixas, com policiamento a cargo dos Inspectores da Divisão de Polícia Política, que dispôs de homens numa distância mínima de quinze metros em todo o novo itinerário. Três mil homens ficaram em pontos fixos e móveis, em constante comunicação com a "Sala de Operações" do DPS através de telefones e da Rádio Patrulha.

Na verdade, apesar das medidas severas de fiscalização, comandadas pessoalmente pelo Diretor do Serviço de Trânsito, houve tentativa de sabotagem — como sejam as pequenas batidas das viaturas durante o trajeto, visando o congestionamento do tráfego, a simulação dos enguiços e o atraso nos transportes. Dos 357 lotações das linhas da Zona Sul, redistribuídos nas sete novas linhas cujos pontos iniciais se localizavam nas diversas ruas da Esplanada do Castelo, e cujos pontos terminais se espalhavam do Leme ao Leblon — 107 desapareceram da circulação no primeiro dia, em sinal de protesto pela nova medida. Entretanto, tal sabotagem não chegou a prejudicar a "Operação". E o carioca teve uma de suas maiores vitórias, na sua atropelada vida na cidade maravilhosa.



A polícia agiu, a fim de evitar a "greve tartaruga", e dos motoristas. E a operação Copacabana foi coroada de êxito.



As enormes filas de passageiros foram substituídas por uma outra, completamente inesperada: a dos lotações...

PRESENÇA DE EMILINHA

PROVOCA SHOW DE "MACACAS"

NA CANDELÁRIA

POR TER COMPLETADO dois anos de casada com o automobilista Arthur de Souza Costa (filho do ex-ministro da Fazenda), Emilinha Borba mandou celebrar missa de ação de graças na Candelária. E as chamadas "macacas de auditório", que se conservaram mais ou menos bem durante a santa missa, iniciaram uma demonstração de histerismo quando a artista passou para a sala de cumprimentos. E aí avançaram de qualquer maneira, empurrando o padre, os fotógrafos, e tudo que estivesse pela frente. Tão somente para tocar e chegar mais perto da artista da Nacional. Emilinha Borba usava um vestido azul e foi à Candelária acompanhada de sua irmã que declarou à imprensa nunca mais se meter em outra. Pois a demonstração do "fã clube" acabou rasgando o vestido da "Miloca" e amarrotando também o seu inteiramente.

O mais curioso de tudo foram as divergências surgidas a respeito do real motivo que levou a cantora a comparecer à igreja. Para alguns jornais, Emilinha Borba iria se casar naquele dia, no religioso. Mas isso foi logo esclarecido, pois não havia a presença de nenhum homem junto a ela. Outros, noticiaram que a missa seria pela passagem do seu 34.º aniversário (ela fez anos no dia 31 de agosto). Mas a verdadeira razão, era a passagem do seu 2.º aniversário de casamento, que não contou com a presença (na missa) do espôso. Tudo isso aconteceu no dia 28 de agosto (às 11 horas), e um padre que nunca havia assistido uma demonstração das "macacas de auditório" comentou:

— Só muita surra para essas moças tomarem juízo...

Finalmente rasgada, cabelos assanhados, e já sem um sorriso nos lábios, Emilinha Borba foi metida dentro de um táxi já que foi impossível apanhar o seu próprio carro.



APRESENTADA a uma máquina de costura, Irene von Dellinghausen foi tomada de amor à primeira vista e passou toda uma tarde pedalando a novidade. O encontro aconteceu no Patronato Operário da Gávea, onde Irene anda prestando serviços. Balanço do vale-tudo: alguns metros de costura por desmanchar. Apesar da boa vontade e entusiasmo, Irene não nasceu para costureira. Deve se contentar em somente comprar vestidos...

A MORTE DOS CISNES do Itamarati possui todas as características de suicídio. Os altivos inquilinos do casarão de Rio Branco teriam ingerido dúzias de clips, inconformados com a súbita oficialização da "política do galo branco" em seus domínios...

POLÍTICOS MINEIROS estão impressionados com a verborragia do sr. San Thiago Dantas. Amigos de Mariazinha lhe contaram que o ilustre causídico anda falando demais nos comícios, chateando as massas que o escutam resignadamente, sem entender patavina do falatório empolado. Em Governador Valadares, o homem falou 1 hora e 45 minutos sem parar. Haja fôlego e haja tímpano!

APÓS PROLONGADO desquite, reconciliou-se Gilberto Rocha Faria com o futebol e o Botafoguinho, indo ao Maracanã assistir um jogo entre o seu clube e a Portuguesa. Dizem que o Didi deu uma exibição e fez quatro goals lindos, somente para festejar a volta do filho pródigo.

FALA-SE muito em caixa baixa. Mariazinha soube que o grupo de turismo da Confederação Nacional de Comércio estima em 52 milhões de dólares a soma gasta por brasileiros no exterior, durante o ano de 1957. Ou esta lamúria de caixa baixa não passa de fita, ou estão fabricando dólar aos quilos, por aí...

E POR FALAR em Confederação Nacional do Comércio aqui vai um recado amigo ao sr. Brasília Machado Neto: faça um regimzinho, presidente. Toda gente sabe que gordura é sinal de prosperidade, mas convém não ostentá-la dessa maneira...

HÁ MAIS DE UM mês que o sr. Paulo Ferraz não dorme sossegado, vítima de horribéis pesadelos, onde é perseguido por diabólicas figuras de samurais orientais. O diagnóstico é simples: Ishikawajima aguda...

ANDA EUFÓRICO o sr. Edgard Pessoa de Queiroz com os sucessos pernambucanos que o seu banco vem alcançando na praça carioca. Antes que a mineirada raspasse toda a dinheirama do nordeste, Edgar resolveu descer, para pegar uma beirada nos depósitos cariocas.

MUITA GENTE gosta de criticar a Embaixatriz Hardion, que é tida e havida como pessoa distraída. Mariazinha teve oportunidade de vê-la "em serviço", na recepção ao ministro Jacquinet, e ficou encantada com a eficiência diplomática da Embaixatriz. Para qualquer convidado de importância, tinha uma frase ou um comentário perfeito. Fazem muita injustiça ao confundir o jeito esvoaçante da Embaixatriz com um suposto alheamento aos seus deveres sociais e diplomáticos.

O MINISTRO JACQUINET ficou aborrecidíssimo com a matéria estampada pelos jornais no dia de sua chegada, narrando minuciosamente alguns pormenores das propostas que trazia a JK. De quem teria sido a indiscrição? Do próprio jota de lá ou do nosso jota de cá?

INAUGUROU um bigode absolutamente britânico o sr. Carlos Moreira. Depois do bigode a la Eden de sir Walter Pretymah não há bigode mais inglês no Rio. Nem na Embaixada do Reino Unido.

O CALOR da semana passada impediu alguns jovens e elegantes senhores de recorrer aos seus shorts coloniais para andanças noturnas por Copacabana e Ipanema. Explicou-nos um desses rapazes: "Com esta moda de juventude transviada não me arrisco a sair na rua de short. Os comandos do dr. Eudoro podem me estranhar e vou passar a noite no distrito, com direito ainda a virar notícia de jornal e cinema."

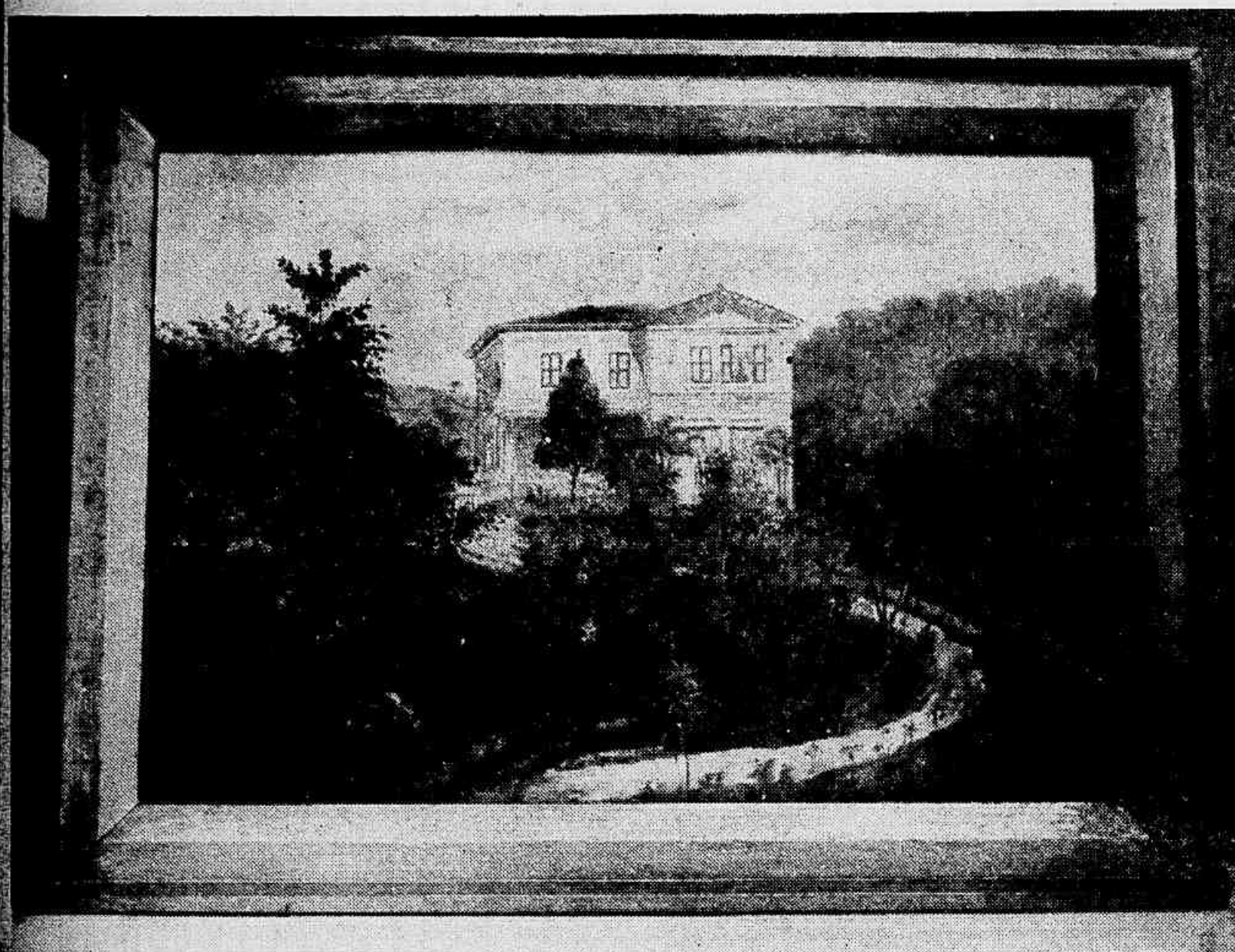
DERRUBANDO PAREDES o sr. Francisco MacDowell da Costa, cujo novo apartamento terá um salão de fazer inveja a muito clube da cidade. A programação do Chico deve estar prometedora...

O PRESIDENTE GRONCHI, em matéria automobilística, é do tipo príncipe consorte: não sabe dirigir e deixa à sua esposa os encargos do volante. Aliás, no Brasil, o presidente estará automobilística e diplomaticamente acessorizado de maneira compettíssima, pelo nosso caro Manuel de Teffé.

HOMEM SIMPÁTICO, bonito e bem elegante quando fardado, o ministro da Aeronáutica não se cuida quando em trajes civis. Na recepção que a Embaixada da França ofereceu ao ministro Louis Jacquinet, o brigadeiro Melo era o único convidado de terno marrom, cuja feitura brigava com uma camisa azul, de listrinhas. Uma verdadeira maluquice!

UM PRESENTE muito prático foi trazido pelo sr. Paulo Bittencourt da Europa para os amigos: canetas alemães, dotadas de flashlight adaptado sob a pena. Ideais para rabiscar espetos nas escuríssimas boites cariocas...

A CASA DE PEREIRA PASSOS



Ao tempo em que foi construída — há 75 anos — a casa de Pereira Passos era assim.

SÍMBOLO DE UM TEMPO QUE PASSOU

Texto de ANTÔNIO BULHÕES

Fotografias de FERNANDO PAMPLONA





A sala do piano. Ao fundo, tapeçaria Aubusson. O lustre de gás, foi adaptado à eletricidade.



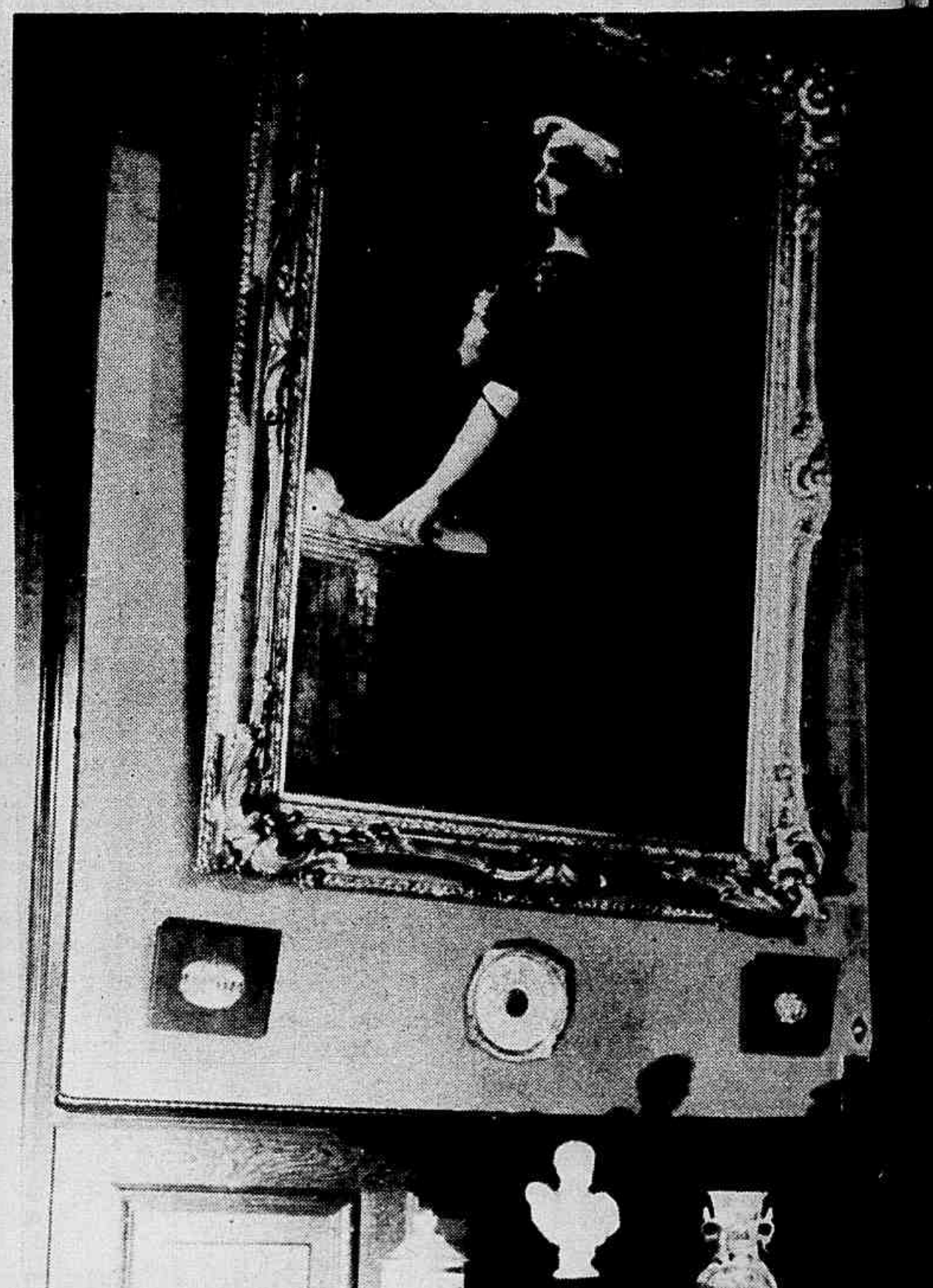
Porta de entrada: a fábrica destes vitrais foi destruída no ano de 1916.

Jardim de inverno, a que as filhas da casa chamam curiosamente de "serra".



O lustre da sala de jantar, belo e imponente, também do tempo do gás.

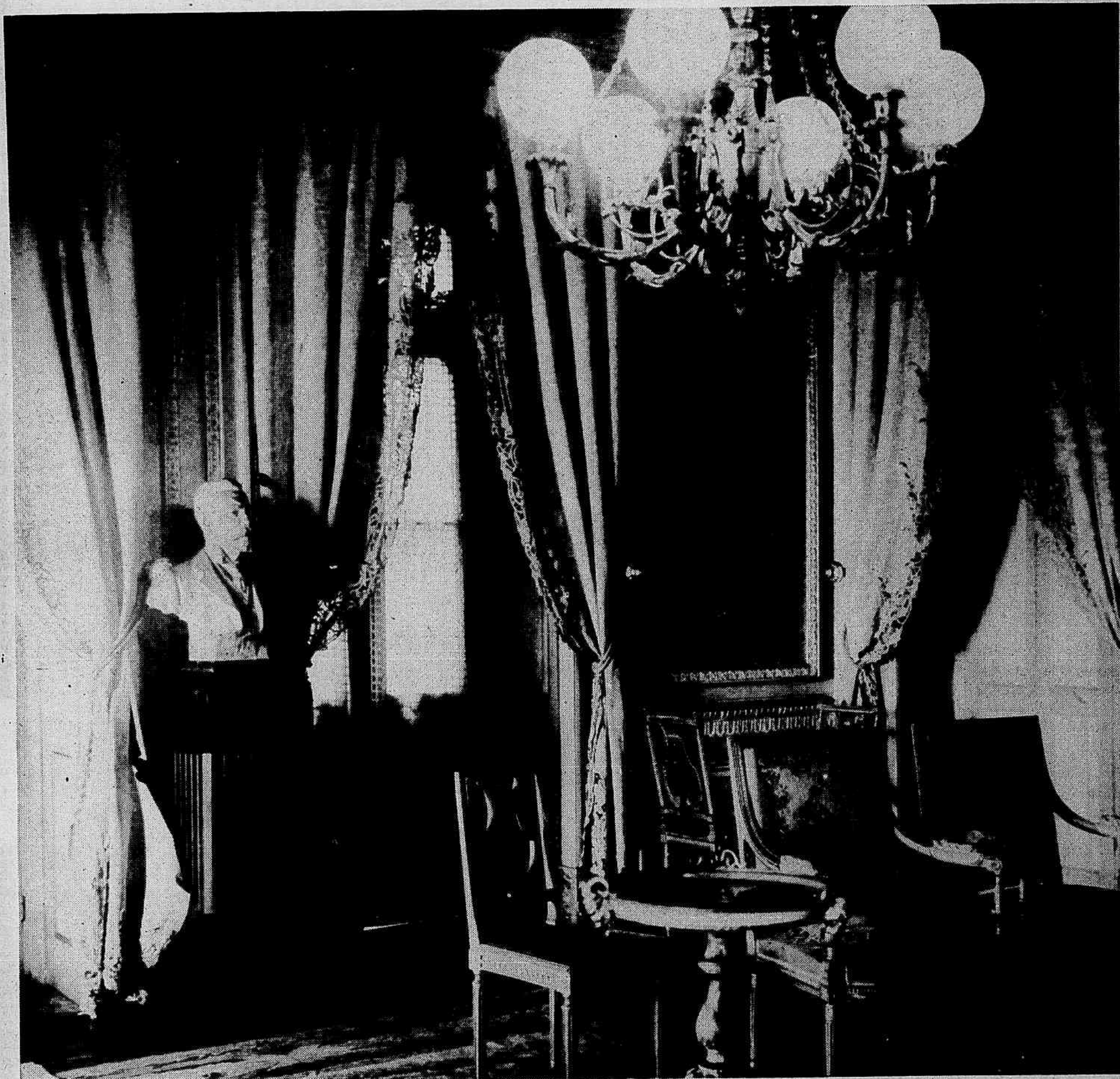
Óleo de D. Maria Rita, mulher do prefeito: dignidade no porte e no caráter.



A
de
che
de
e d
deu
em
mar

O
Per
tare
e o
do
mã
o f

é o



Salão principal de visitas. O busto, de terracota, é de Pereira Passos

ACONTECEU NA CHINA a história que vou contar, história de velhos e de coisas velhas, história de país antigo. O homem chegou, vindo do ocidente. Era maníaco de antiguidades e se viu de repente perdido nelas, descobrindo milênios em cada pedra, e dramas imortais em cada rosto. O intérprete, sábio e generoso, deu-lhe de presente um jade do século XIII. O ocidental caiu em êxtase profundo e diariamente adorava, ao crepúsculo, a peça maravilhosa.

Certo dia, outro chinês o surpreendeu nessa prática enlevada. Perguntou. Soube a causa. Sorriu com os olhos e retirou-se. Na tarde seguinte, apareceu de novo, à mesma hora, tomou o jade e com uma pancada seca o despedaçou. As feições do homem do ocidente se crispavam. O singular visitante colocou-lhe nas mãos um deus talhado em marfim e, mais sábio e generoso que o intérprete, esclareceu:

— Não perca tempo com bobagens modernas. Esta figura, sim: é do século V.

Não reparem o apólogo banal, mas é que nós aqui, no Brasil, raciocinamos muito, às vezes demais, em termos europeus. É necessário lembrar, volta e meia, que todos os conceitos são relativos. E se mesmo dentro da China, o critério de antiguidade varia de pessoa a pessoa e conduziu, no caso narrado (que é autêntico), à destruição de uma verdadeira preciosidade, que dizer então de noções que atravessam o Atlântico e mudam inclusive de continente?

Todo êsse prólogo vem a propósito de uma casa, uma casa que vai desaparecer. Para ingleses — com seus mil e oitocentos anos de Oxford — seria nova em folha: conta apenas setenta e cinco anos; para brasileiros, é uma época inteira que some na voragem do crescimento sem medida: a época em que principiavam a dominar entre nós padrões que desbancavam o bom colonial a que estávamos habituados. Tempo de decadência de uns e ascensão de outros. Os parisienses preparavam-se para a vertigem da "belle époque"; os cariocas libertavam-se do escravagismo e da monarquia. Duas épocas distantes — e contemporâneas.

A CASA DE PEREIRA PASSOS

ORIGENS

A casa a que me refiro, projetou-se e construiu-a, gastando ao todo a régia soma de sessenta contos, um engenheiro civil que viria a se tornar célebre, quase vinte anos depois. Já então, era um nome respeitado. Só, entretanto, no princípio do século XX, é que veio a merecer relêvo excepcional e consagração. Falo de Francisco Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro no governo Rodrigues Alves, o primeiro a encarar esta nossa maravilhosa cidade com um claro sentido de moderno urbanismo.

Homem afeito e afeiçoado à França (em Dordives, construiu a primeira ponte), versado em Shakespeare (anotou cuidadosamente os volumes que possuía do maior poeta do mundo), planejou e mobilou uma casa bem européia. Basta olhá-la e verificá-lo. E ao entrar nela, descobre-se logo o gosto inglês pelos pratos e vasos orientais, o gosto francês pelas porcelanas de Sèvres, tapeçarias de Aubusson, espelhos "baccarat". Arquiteto e decorador nato, foi à Rússia e trouxe um samovar legítimo; à Ásia, buscar um cetro de mandarim, uma arca de mogno japonês; ao Egito e à Turquia, atrás de tecidos eternos. Situou tudo isso no centro de um jardim brasileiríssimo, onde se encontra sapoti, jaboticaba, jambo, manga, bacuri-pari e carambola.

E desta inacreditável mistura de origens, resultou um conjunto de raro sabor austero: seu criador formou um ambiente de notável equilíbrio e harmonia, em que tudo, cada detalhe, se destaca isoladamente e se funde no geral.

CONTRASTES

Pereira Passos não chegou a assistir ao fim de seu mundo, não chegou aos dias iniciais da guerra de 1914. Daí em diante, porém, a vida, no Brasil, principiou a mudar vertiginosamente; hoje, o índice de transformação do Rio de Janeiro ou de São Paulo supera de muito o de Londres, por exemplo. Mas a casa das Laranjeiras resistia. E quando se atravessava o portão, havia uma volta instantânea a valores antigos. Os salões enormes não podiam abrir-se todos os dias, a biblioteca intimidava um tanto, soavam lá dentro palavras que aos poucos iam perdendo o uso: "adega", "sala do piano", "canapé", "psiché", "oratório", "escabêlo".

Nos fundos, o quintal. E depois, o sobrado dos empregados, com dependência para engomar, e em cima — oh, deslumbramento! — uma salinha de espetáculos, talvez o primeiro teatro de bôlso (chamava-se Olímpia, aliás) desta praça, onde as moças da casa, e seus amigos e amigas, representavam sempre. Havia ainda um galinheiro e um coarador, e no início da década de 30, ainda subia a ladeira o peixeiro, às sextas-feiras, de balaio às costas, com namorados e garoupas conservados em gelo.

Sem sentir, o repórter se deslocou para as vésperas do Estado Novo. Naquela casa, o tempo aparentemente não andava. Os filhos e as netas de Pereira Passos a conservavam tal e qual ele a deixara. Já os bisnetos apareciam, e na rua se atiravam à sinuca (então dizia-se, pedantemente, "snooker"), ao cinema (Wallace Beery, Clark Gable...) e ao futebol (centro-avante era "center-forward" mesmo); portas a dentro, porém, vestiam o paletó para jantar com as tapeçarias e só sabiam dançar ao som de orquestra.

Agora, o sonho acabou. Virá um leilão inevitável, uma demolição inevitável, um edifício inevitável. A mansão das Laranjeiras, que o velho Pereira Passos projetou e construiu há setenta anos, é um dos últimos símbolos de um tempo que acabou. Sua brasileirice reside precisamente nesse valor de imagem de um período. E se é nova para um romano fatigado de ruínas, e do seu peso arqueológico, é antiga, muito antiga, para a nossa memória de povo descoberto no momento em que do lado de lá do oceano já havia Leonardo e os primitivos flamengos.

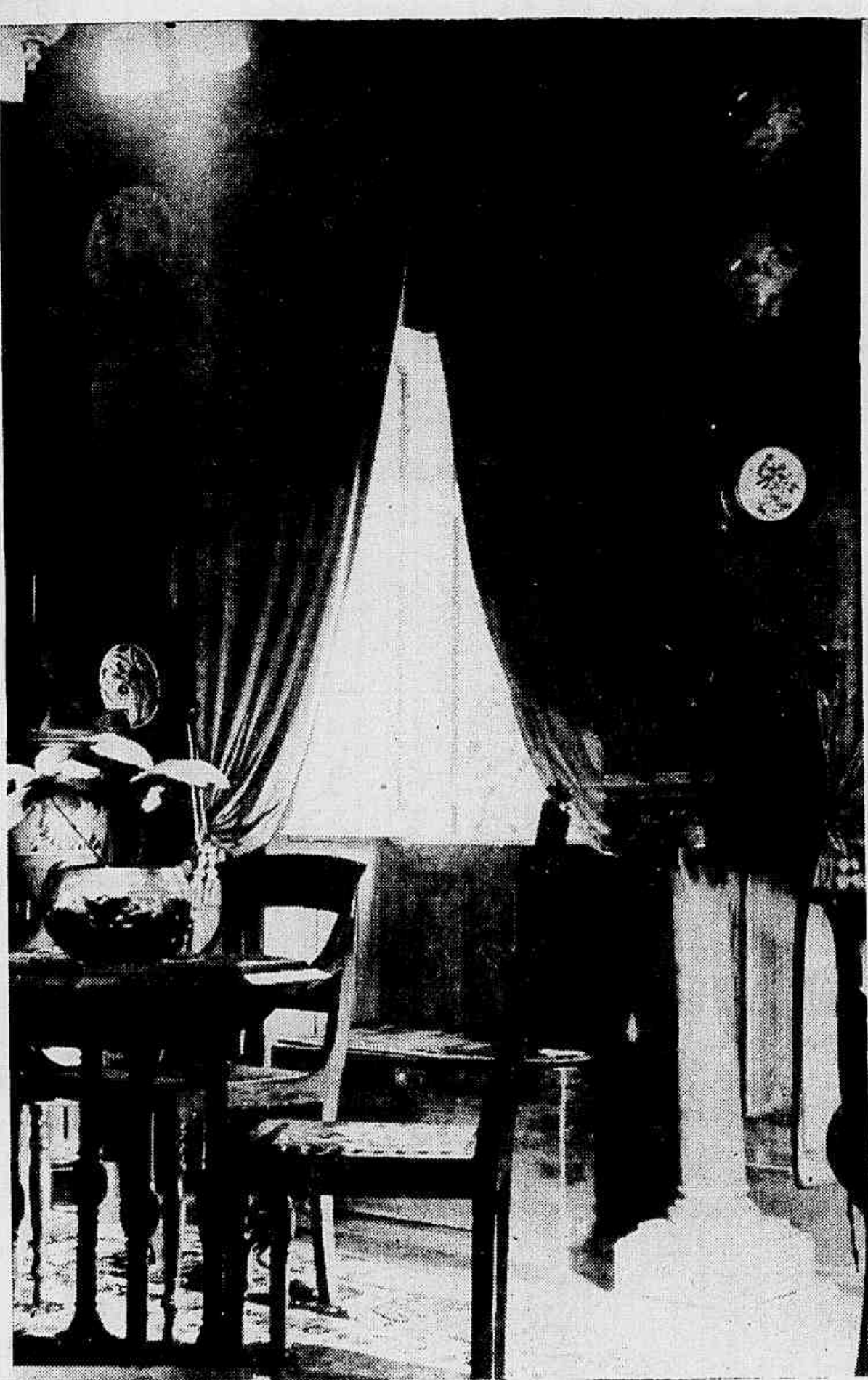
Tem de acabar, acabará, ninguém é culpado. A única solução possível, por mil e um fatores, foi a solução adotada: um belo prédio, a preservação do jardim, a perpetuação, através do nome do edifício, do velho Pereira Passos. Mas eu nasci (na quarta geração) nesta casa e dentro desta casa criei meus filhos e me casei e me fiz homem. Precisurei viver longe dela, e não sei como será.



"Hall" principal. Escada de nogueira, luz elétrica substituindo o gás. A direita, uma cópia de Murillo.



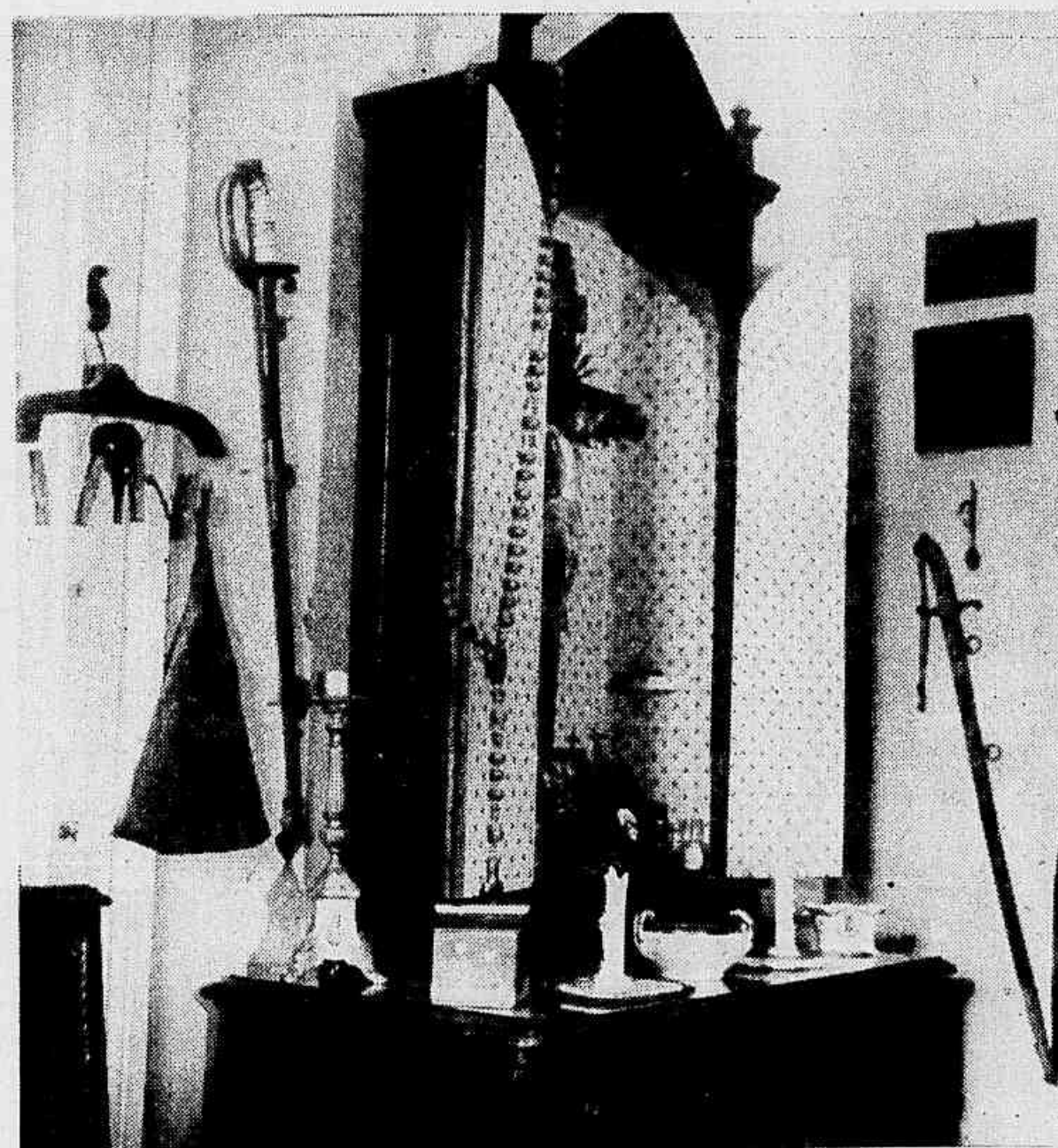
Aqui funcionava a biblioteca. Secretaria de Pereira Passos. Na parede, seu retrato, aos quarenta anos.



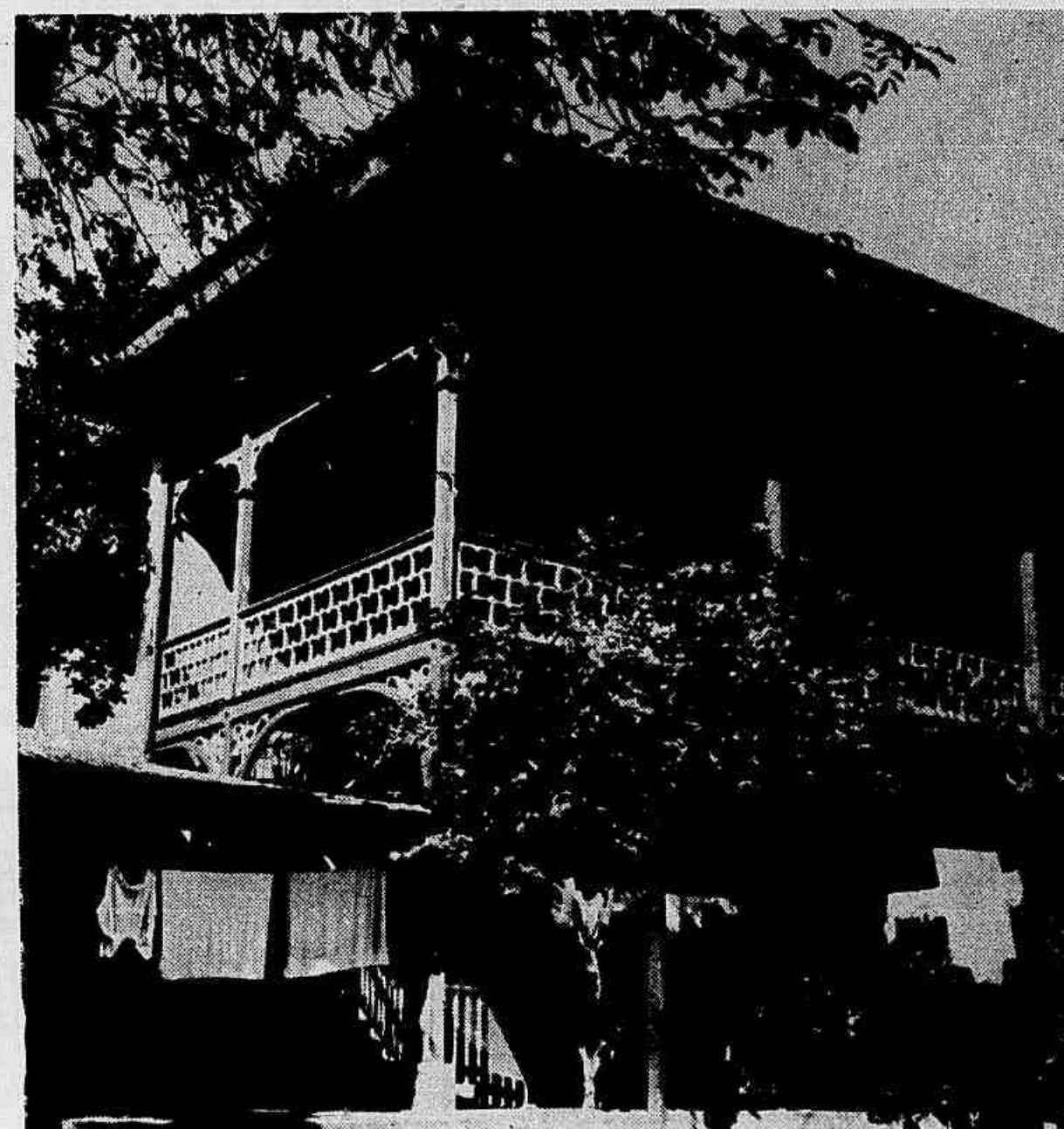
Sala do piano: tapête persa, bronze francês, mármore italiano...
O conjunto é de grande beleza, e harmonia.



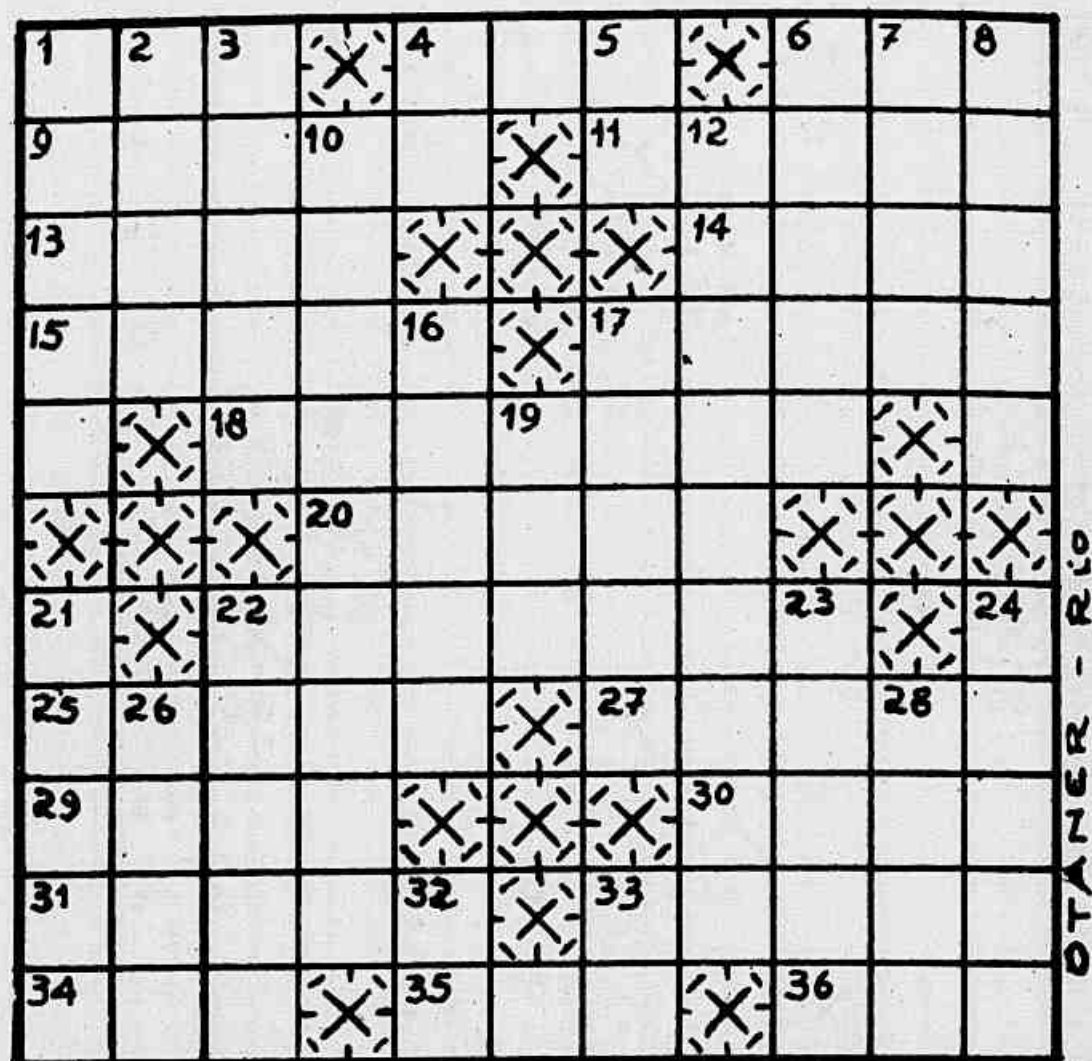
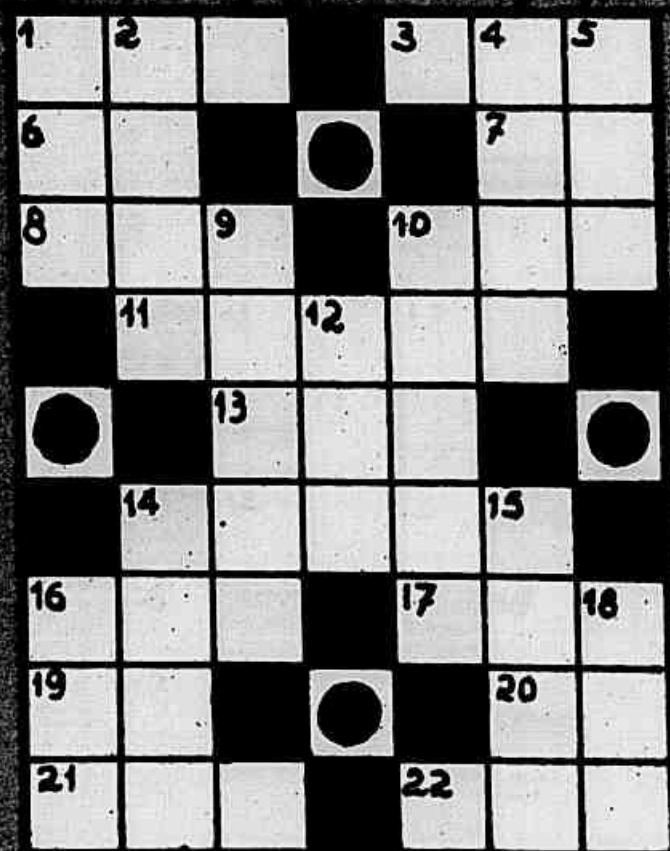
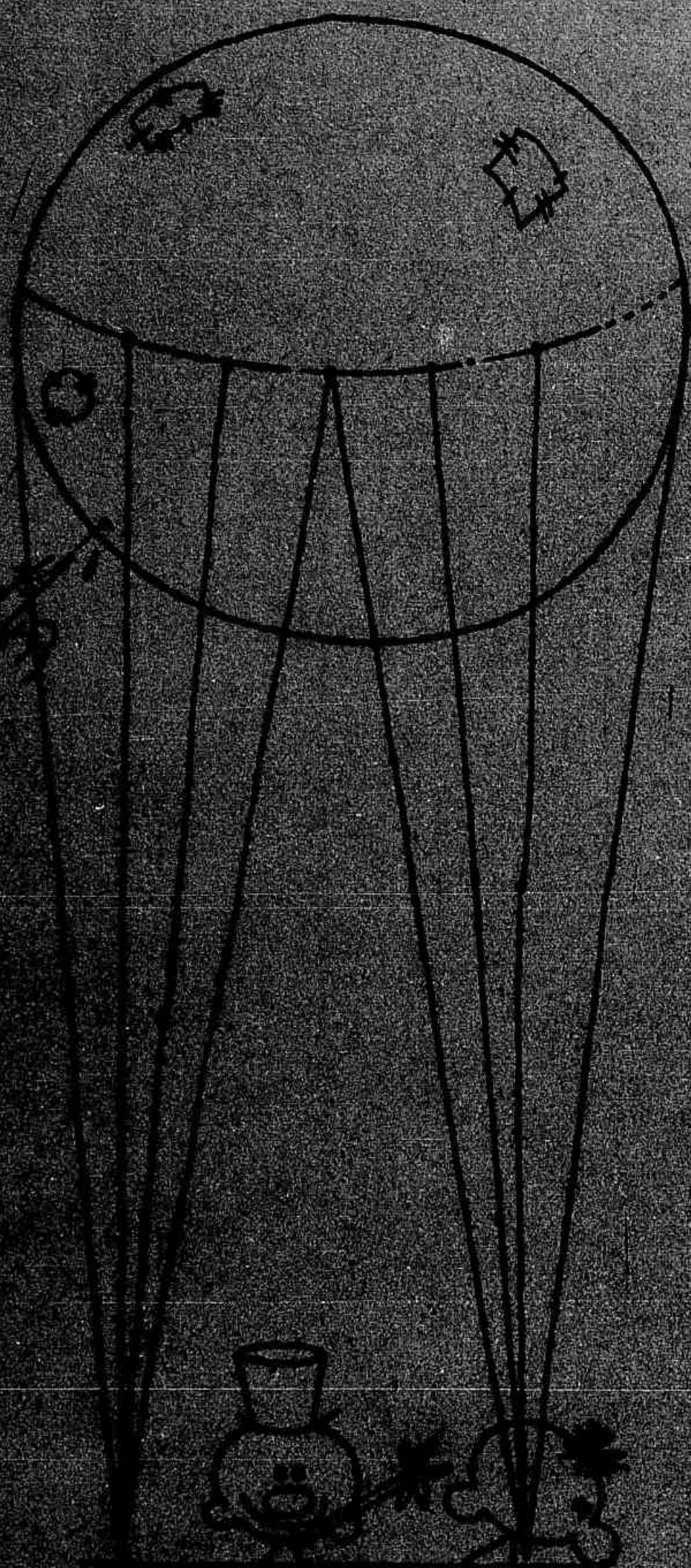
Sala de estudo. Quadros franceses (há um Mignard), lambris de
nogueira, pano da Turquia forrando o sofá.



Quarto de uma das netas: oratório de jacarandá, espadas da
guerra do Paraguai, artesanato índio.



O "bangalow" dos fundos (onde houve um teatro de bôlso) e a
garagem. Só a roupa na corda é atual.



PROBLEMA N.º 49 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1 Divisão administrativa da Dinamarca — 4. Manifestação da vontade — 6. De certo tempo para cá — 9. Candeeiro usado a bordo para iluminação e transmissão de sinais — 11. Espertalhão — 13. Irritar — 14. Elemento gasoso que se encontra no ar em ínfima proporção — 15. Amargoseira — 17. Árvore da família das Sapotáceas — 18. Curiango (pl.) — 20. Indicam — 22. Exercer em conjunto — 25. Soma insignificante com que se contribui — 27. Relação íntima entre duas almas — 29. Molusco marinho — 30. Guisado de camarões e ervas (pl.) — 31. Heliotrópio da Índia — 33. Nome de homem — 34. Coisa — 35. Sinistro — 36. Patrão.

VERTICAIS: 1. Depuro — 2. Planta leguminosa medicinal — 3. Espaço entre duas ou mais asnas — 4. Símbolo do metal de peso atômico 26,97 — 5. Rio da Rússia — 6. Jogo do truque (pl) — 7. Coroa — 8. Gênero de anelídeos tubículas — 10. Que contorna alguma coisa — 12. Colagem (de virhos) — 16. Muito bom — 17. Perturba — 19. Pau-ferro — 21. Ser volúvel — 22. Ajustem — 23. Ficar no fio — 24. Gravames — 26. Indígena da tribo das margens do Juruá e Jutai — 28. Aplicará — 32. Só — 33. Símbolo do metal de peso atômico 197,2.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 48

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: tacar — mamar — lidar — aral — reta — côr — las — sós — icérias — tapinambaba — oficial — ips — rho — gau — real — sair — ousio — corta.

VERTICAIS: caro — tal — ar — Al — rir — rato — macoteiro — mariposas — dessalgar — rasgadura — laracha — lenir — simio — Cif — aba — peúa — aite — lia — sol.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: dar — par — ar — ri — amara — alapara — tal — aparara — arara — Ur — ré — mau — pau.

VERTICAIS: dá — aral — arar — ri — maparás — matar — ralar — ala — ara — Pará — rara — um — ré.

PROBLEMA N.º 49 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Época — 3. Um dos produtos das abelhas — 6. Ali — 7. Isolado — 8. Pedra do altar — 10. Liga — 11. Malhado de preto e branco — 13. Nome de homem — 14. Fixa com prego — 16. Satélite da Terra — 17. Folha de palma — 19. Outra coisa — 20. Brisa — 21. Chefe etiope — 22. Costume.

VERTICAIS: 1. Pronome pessoal — 2. Extraordinária; pouco comum — 4. Leste — 5. Apologia — 9. Gostara — 10. Pessoa a quem se dedica amizade. 12 — Unidade das medidas agrárias — 14. Salta — 15. Fileiras — 16. A casa; a família — 18. Argola.

A CAPA



... E O DIABO CRIOU BRIGITTE



No casamento do famoso chefe de orquestra "Moustache", numa cave de St. Germain des Prés, Brigitte compareceu ao lado de seu último flêrte: o jovem músico Sacha Distel. Em baixo: ao lado do veterano Gabin, em "En Cas de Malheur".



Brigitte: Minha distração

NÃO SE DESTINAVA Brigitte à carreira do cinema. Nascida em Paris a 28 de setembro de 1934, filha de um importante industrial, recebera mesmo excelente instrução e, depois de completar os estudos secundários, cursara o Conservatório de Dança e o curso de dança de B. Kniazeff. Conhecia línguas — francês, italiano, inglês, adorava Shakespeare e recitava fluentemente o "Hamlet". Tinha boa educação musical e, sem desprezar a música popular, gostava de ouvir páginas de Beethoven, Mozart, Tchaikowsky. Em matéria de literatura, suas preferências iam para Balzac.

Deve ela sua entrada no cinema a Roger Vadin, com quem se casaria mais tarde — e que, tendo-a visto na capa de uma revista, escrevera-lhe perguntando se gostaria de participar de um filme de Marc Allegret, de quem era assistente e colaborador. Seu assentimento deu-lhe ingresso no cinema.

Durante três anos, trabalhou Brigitte nos estúdios, a fim de aprender a profissão, preferindo aperfeiçoar-se na arte dramática diante das próprias câmaras, a frequentar cursos especializados. A partir de 1952, quando fez "Le Trou Normand", teve várias oportunidades em papéis de primeiro plano. Fez, entre outros filmes, "Manina, la fille sans violes", "Trahie", "Ulisse", "Si Versailles m'était conté", "Frou-Frou", "Hellene de Troie" e, em 1955 — "Les Grandes Manoeuvres". Filmes na França, na Itália e na Inglaterra — que lhes foram projetando o nome e, principalmente, a sua adorável e coleante figura. Mas o filme que a projetou de maneira sensacional no mundo, foi o audacioso "Dieu Crée la Femme", dirigido por Vadin, e que a tornou uma espécie de ídolo da mocidade — como o fôra anteriormente James Dean. Apenas lançado, teve o filme um sucesso estrondoso, tendo Brigitte chegado mesmo a dividir, com Eisenhower, as honras da capa em um número da revista americana "Look".

Breve, tornou-se Brigitte um caso. Em todos os países do mundo aonde era apresentado, "E Deus Criou a Mulher", com suas cenas provocantes e sensuais, obtinha sensacional acolhida — a começar pela França, onde o filme estivera censurado durante muito tempo. E quando a produção foi finalmente exibida, em Paris, as filas se estenderam diante dos cinemas, de maneira inédita.

Na verdade, o filme caiu no godo do público. Conseguira Vadin fazer, de sua jovem esposa, o que não conseguira Christian Jacques com a sua Martine Carrol.

O CARDEAL SPELMANN AJUDA A BARDOT

Nos Estados Unidos, o filme também fez carreira, e muito correu para isso a frase do cardeal Spellmann, depois de assisti-lo em sessão especial da Liga da Decência:

— Deus criou a mulher, mas o diabo criou Brigitte...

Contra o filme, condenado e vedado aos católicos, uma séria campanha foi feita, através de sermões em todas as igrejas americanas, cartazes às portas dos cinemas e artigos nas primeiras páginas dos jornais. Mas a censura da igreja fez apenas aumentar a propaganda para Brigitte Bardot. Exibido em Nova Iorque, "Deus Criou a Mulher" alcançou um sucesso nunca visto, ultrapassando o de "A Volta ao Mundo em 80 Dias", de Todd, através de uma programação por vinte meses, batendo, inclusive, todos os recordes da história de filmes falados em língua estrangeira.

A imprensa norte-americana passa a falar de Brigitte com entusiasmo. O "News Week" chega a perguntar: "o bombardeiro Marilyn Monroe (made in USA) capitulará ante o teleguiado Bardot, made in Paris?"

O "New York Times" exclama: "Brigitte é um objeto feito de curvas movediças e que é necessário ver para crer".

O "The New York Daily News": "Se Sophia Loren, Jayne Mansfield ou Gina Lollobrigida forem ver Brigitte Bardot em "Deus Criou a Mulher", certamente mudarão de profissão."

E o "The New York Herald": "Quando ela não está nua, seus vestidos em geral possuem o tamanho de um fragmento de esparadrapo."

favorita? Os passeios solitários na floresta...

Na verdade, "Deus Criou a Mulher", e os filmes que se lhes seguem, mudam toda a vida de Brigitte, aumentando cada vez mais a sua popularidade. E em fevereiro deste ano ganha a BB, na França, a medalha "Victoire" — como a personalidade "mais frenética do mundo"...

Mas não é só na França e nos Estados Unidos que a fama de Brigitte se propaga, como um rastilho. A estrela passa a ocupar manchetes em todos os países do mundo. No Brasil, a exibição de seus filmes vira caso de polícia, com as invasões dos estudantes, e a organização das "filas-bôbas" — contrários que são a um aumento de preço nos ingressos de seus filmes.

O filme muda, inclusive, sua vida privada, pois Brigitte e Vadin acabam por se divorciar, e a garôta a se ligar a Jean Louis Trintignat, que fizera o papel de seu marido em "Deus Criou a Mulher". E passa a estrela a receber, com apenas 24 anos, a fabulosa quantia de cento e cinquenta mil dólares por cada trabalho que faz — quantia jamais atingida anteriormente por qualquer jovem atriz francesa.

Brigitte faz, ainda, "La Marriée est Trop Belle" (56), "O Príncipe e a Parisiense" e "Les Bijouteries au clair de lune" (1957) — que são três novos e estrondosos sucessos. Hollywood acaba por requisitá-la, com uma proposta sensacional. Mas Brigitte, que então se encontrava apaixonada, e não queria afastar-se de seu amor, recusou-se, dizendo:

— Se os americanos realmente me querem, então venham rodar um filme na França...

Tal resposta sensibilizou as francesas, sendo feita, em torno da atriz, uma campanha favorável, de simpatia — de que, aliás, Brigitte bem precisava, pois estava sendo considerada pelas famílias como um perigoso e diabólico desagregador da juventude, "a primeira pecadora do mundo". Na verdade, contra seus filmes, audaciosos, surgiam — e surgem ainda — cartas nas redações de jornais, apaixonadas, com elogios e despeitadas provocações.

Mas isso é apenas uma consequência muito natural do seu sucesso. O certo é que sua vida se torna pública. Tudo o que se refere a Bardot é razão de publicidade. Seus gostos tornam-se conhecidos. Sabe-se que ela adora perfumes, que possui um Sinca-esporte, não faz dieta, possui 200 long-playng de jazz moderno e música clássica. Que gosta de animais, de pássaros, e que mantém com a família relações cordialíssimas. Que aprecia o ciúme no homem que ama, que considera a franqueza sua melhor qualidade e o seu maior defeito — a falta de segurança em si mesma. E que gosta de responder às cartas dos admiradores.

Suas respostas, num tom de ingenuidade e malícia que lembram as de Marilyn Monroe, saem com destaque nos jornais. De volta de Sevilha, aonde fôra para a filmagem de "La Femme et le Pantin", fala que foi recebida com certa suspeita pelas autoridades eclesiásticas, mas não foi hostilizada. E acrescenta, deliciosamente:

— Mas os homens foram muito gentis.

E indagada a respeito de suas distrações, exclama:

— As visitas aos antiquários, e os passeios solitários na floresta...

Enquanto isso, sua carreira continua, sucesso atrás de sucesso. Com Jean Gabin, e Edwige Feuillères, faz um de seus mais importantes filmes — "En Cas de Malheur", onde tem, pela primeira vez, um papel realmente dramático e um diretor de categoria de Claude Autran-Lara. E trabalha, finalmente, com Frank Sinatra, em "Paris By Night" — filme com o qual Hollywood se curva ao seu desejo: o filme é rodado na França...

Figuras de repercussão mundial falam a seu respeito. Gary Cooper, depois de ver um de seus filmes, exclama perplexo:

— Mas isso não é cinema! É uma provocação!

E o grande Picasso, pondo água na fervura:

— Ela não tem nada de mais. É matéria-prima em estado bruto. Mas a gente pode dar um jeito. É só arredondar os olhos dela,

amoldar o busto em forma de maçãs, deixar os quadris como estão, tal uma pêra madura, gastar alguns milhões em propaganda — como fazem os americanos e pronto...

Enfim — uma opinião...



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



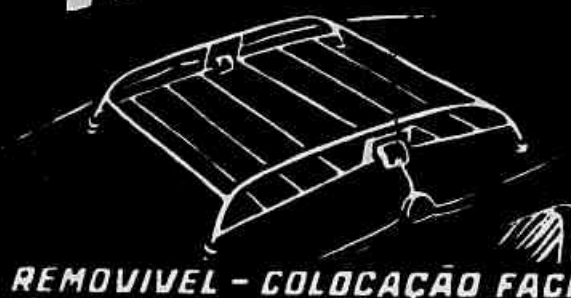
LEIAM

EU SEI TUDO DE SETEMBRO

CONTOS — ROMANCES —
CIÊNCIAS — HISTÓRIA —
CURIOSIDADES — CINEMA
— LITERATURA E MUITOS
OUTROS ASSUNTOS —

Cr\$ 15,00 — EM TÓDAS AS BANCAS

"Mil" lhe oferece:



PORTA MALAS
SUPER LUXO
CROMADOS-PINTADOS

REMOVÍVEL - COLOCAÇÃO FÁCIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO



BILHETE DE MINAS

ANTERO DE ALENCAR

BELO HORIZONTE precisa possuir o seu teatro. Ainda há pouco, quando da apresentação do famoso Ballet San Francisco, vindo à nossa capital por convite da sra. governador Bias Fortes, para um espetáculo em benefício da AMOAMI, ficou provado por A mais B, esta afirmativa. Se o espetáculo constituiu um autêntico sucesso social e financeiro, artisticamente deixou muito a desejar, por culpa exclusiva da falta de um teatro aparelhado para exhibições desse gênero de arte. Que o acontecido sirva de advertência aos nossos homens do governo, procurando a solução para o problema, porque, positivamente, Belo Horizonte precisa de um teatro à altura dos seus foros de cultura e civilização.

NAQUELE POÉTICO altiplano, bem às portas da cidade, com o ar puríssimo e seco da montanha, "Retiro das Pedras", é, indubitavelmente uma verdadeira sedução para uma vida campestre. Um tônico dos melhores para o espírito traumatizado, cá em baixo na planície metropolitana, pelas refregas do ganha-pão quotidiano. É para Belo Horizonte, o que Petrópolis é para o Rio de Janeiro. Nesse recanto poético, está sendo construído o Clube "Retiro das Pedras", e edificadas dezenas de residências. Foi eleita a diretoria definitiva com o sr. Gerson Sabino na presidência.

NA PENUMBRA da "Príncipe de Gales", na bonita reunião de sábado, destacou-se como ponto alto da elegância, a sra. Hugo Balena, em noite feliz, de negro vestida, com belíssimo colar de pérolas (seis voltas) e muitíssimo bem penteada. Também, pudera, a sra. Lais Balena é uma das Dez Mais, que sabe prestigiar com muita categoria o título.

NO IATE GÔLFE CLUBE, realizou-se a eleição da "Embaixatriz do Turismo" de Belo Horizonte, sendo eleita a bonita srta. Norma Tamm.

EM SANTOS DUMONT, a antiga Palmira de clima admirável, também houve um movimento nesse sentido. Na sede do Grêmio Literário "Mário de Lima", em bonita festa, foi eleita a srta. Helena Andrade Fonseca, "Embaixatriz do Turismo", que irá a Poços de Caldas, onde será escolhida, entre todas, a "Embaixatriz do Turismo do Brasil".

FIGURAS DE DESTAQUE nos meios literários da Capital, estiveram presentes na Livraria Minas Gerais, para o ato do lançamento do livro "Memórias de uma Professora", de autoria da escritora Maria da Glória d'Ávila Arregui.

AS "AMIGAS DA CULTURA", reuniram-se na "Príncipe de Gales", para o costumeiro Chá da Amizade, quando a sra. Bárbara Heliadora Carneiro de Mendonça, iluminou culturalmente a penumbra da buate mais bonita do Brasil, falando sobre Shakespeare.

AS ELEGANTES de Belo Horizonte gostaram imensamente da reportagem dessa revista sobre o Grande Prêmio Brasil, classificando como um verdadeiro caos de elegância, a presença dos trapézios, sacos, balões e colheres. Até hoje, o assunto continua em pauta na Roda Elegante-Social.

EM BONITA FESTA realizada nos salões do Iate Gôlfe Clube, foi eleita "Embaixatriz do Turismo" de Belo Horizonte a senhora Norma Tamm, que terá que concorrer com 89 candidatas de todo o país ao título supremo de "Embaixatriz do Turismo do Brasil", em parada a ser realizada em Poços de Caldas.

O CLUBE HÍPICO de Belo Horizonte, inaugurou as instalações da iluminação da pista. Sob o pulso forte do seu presidente, sr. José Edison Cavalcanti, o elegante "cercle" da Gameleira está vivendo, indubitavelmente, uma fase de grande progresso. As instalações de luz são as mais perfeitas no gênero, no Brasil. Uma maravilha.



ÚLTIMO RETOQUE — A coisa é mais difícil do que se pensa.

BONECAS NASCEM DE LÁGRIMAS

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

"A MORTE DE UM FILHO", lamenta-se com amargura dos-
toievskiana uma personagem dêsse a um tempo lírico e vigoroso
Kasemirz Brandys, escritor polonês, "dói mais do que o parto".
E Betsy Howard, uma criatura como tantas em nosso mundo real,
há de ter pronunciado pelo menos duas vezes essa mesma frase.
Em verdade, poucas entre tôdas as mães a entenderão melhor e
mais fundo do que essa mulher grisalha como a névoa e de olhos
de uma tranqüilidade triste como a de sóis que se apagam; é que

BONECAS NASCEM DE LÁGRIMAS



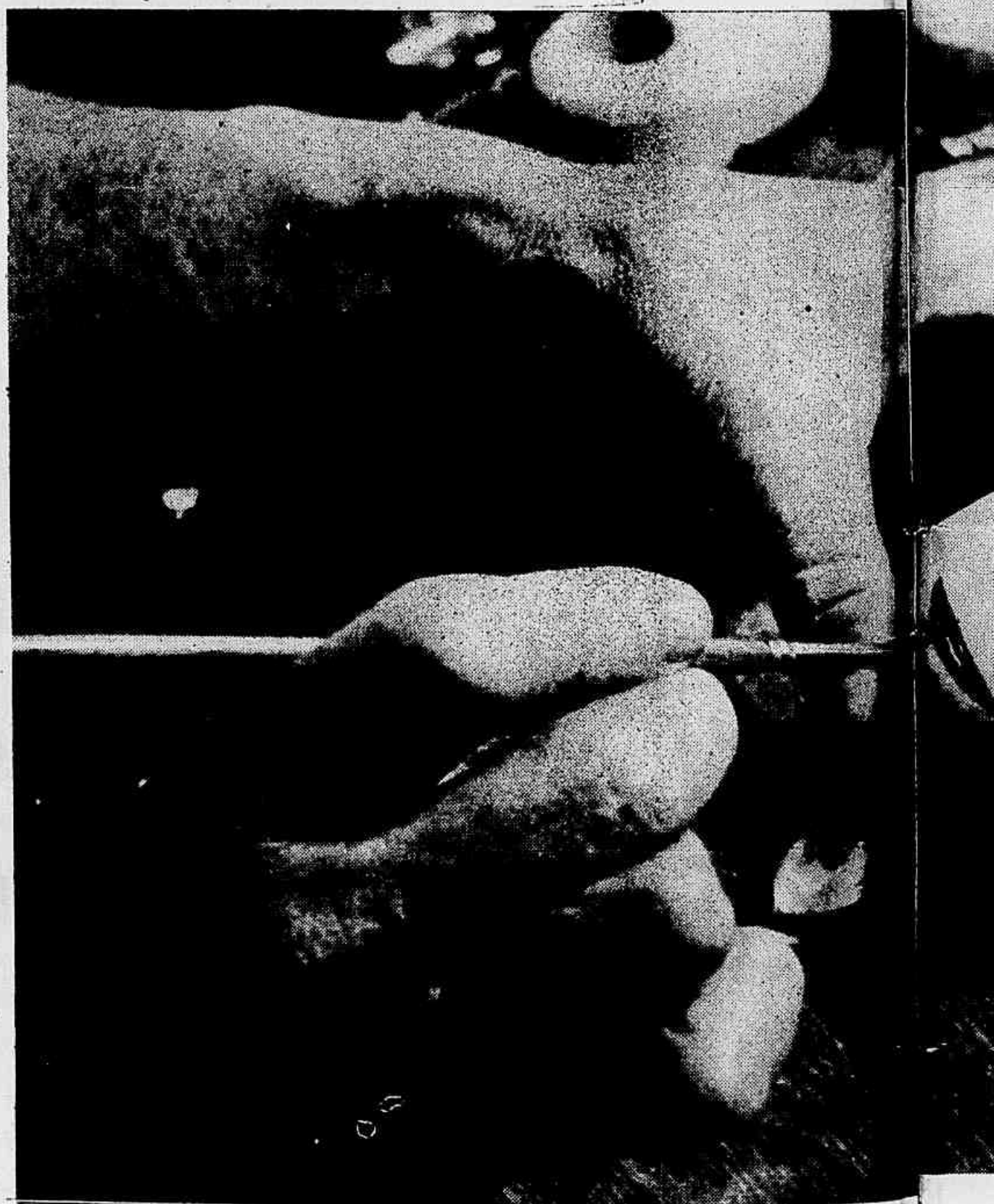
BETSY HOWARD — Dois bonecos no colo, duas filhas no céu.



PRESENTE A VISITANTES — Vale a pena ser guri.

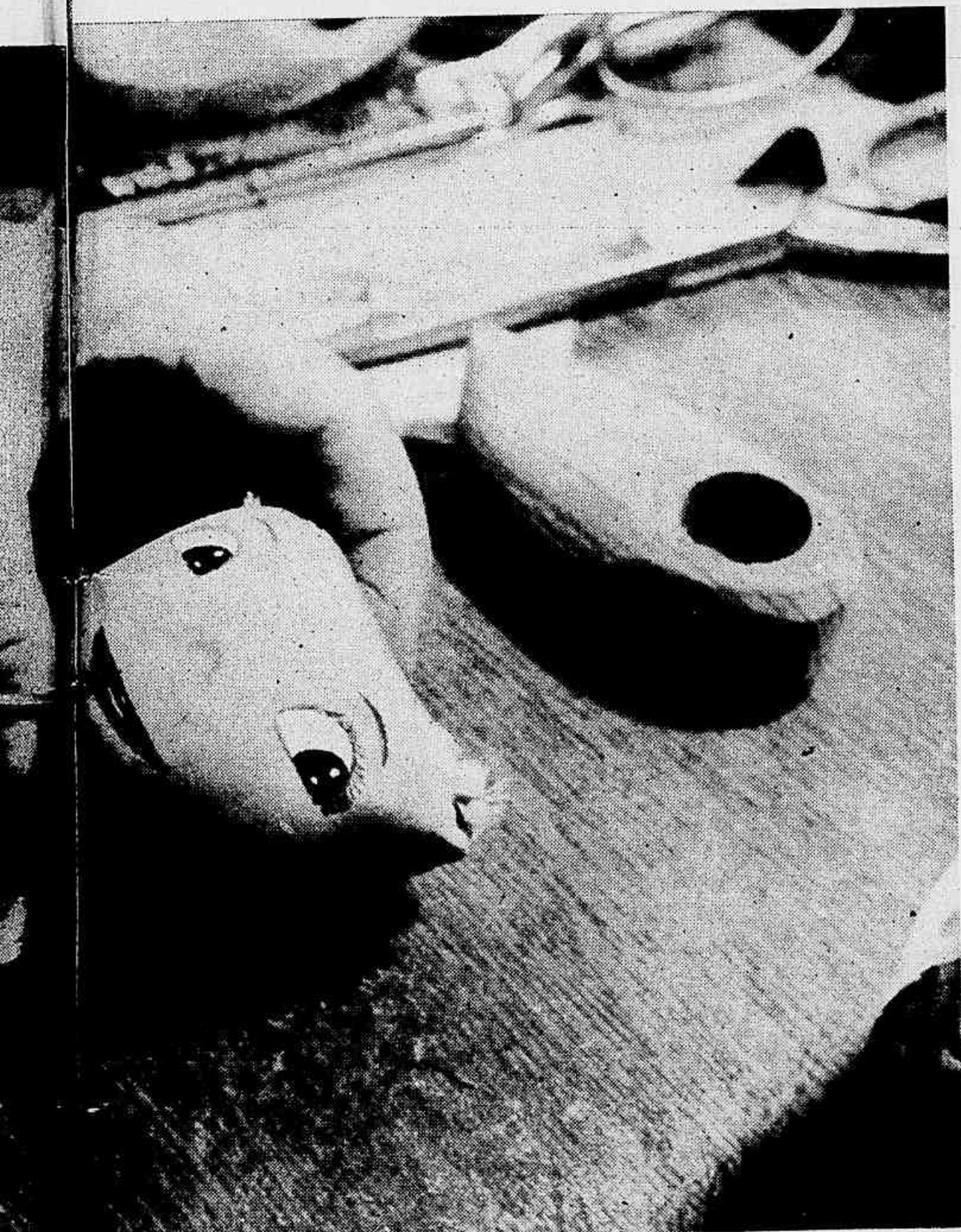


ARTESANATO — Em cada bruxa-de-pano, uma recordação.





BONECAS VÊM AO MUNDO — Quem faz o parto é o pincel



ela viu partir em tenra idade para a região das sombras (ou da luz eterna, como queiram) os dois únicos e

Dulçurosos frutos do seu ventre.

Ora, diante do temível acicate do destino o importante é sobretudo permanecer de pé. Mesmo o **snoob** Huxley, herdeiro da mais requintada aristocracia intelectual inglesa, e o doloroso Schopenhauer, herdeiro dos mais acres desesperos do homem comum, nisso concordariam. Pois Betsy Howard, embora sem conhecer lições de filosofia ou experiências de sapiente humildade, portou-se com galhardia invulgar diante da duplamente injusta imposição do Deus. "A prosperidade", escreve Bacón, "serve não raro para apontar os vícios; mas é a adversidade a que melhor revela as virtudes.

Em Betsy Howard, a virtude pareceu então a uma dessas "flagrâncias que se tornam tanto mais ativas quanto mais as esmagamos".

VIRTUDE FAZ BONECAS

Que virtude foi essa? — a de dedicar-se a partir da morte das filhas a reproduzir incessantemente as bonecas e bruxas-de-pano que antes constituíam a alegria e os encantos delas. A princípio, era apenas por distração, "um meio de tentar esquecer", como B.H. explicava. Porém cedo ela descobriu que, em lugar do esquecimento, cada nova boneca que suas mãos preparavam a ajudava a avivar a memória das crianças que não existiam mais. Não, não é isto: a lembrança não surgia dolorosa e causticante, encharcada de soluços e lágrimas como até ali; ao invés, entrava-lhe no coração quietamente, pedaço a pedaço, como se o reaquecesse e o incentivasse. Dir-se-ia que, à vista de cada bruxinha de sêda ou nylon, êle voltava a pulsar como nos dias antigos quando costumava sorrir ao impulso dos brincos infantis e da ingênua algazarra. Sim, era qualquer coisa de novo, de muito doce e de inesperado. Com o passar dos meses, o hábito arraigou-se em Betsy com a força de uma recém-encontrada religião. "Por que chorar", começou a perguntar-se, "a despedida dos que se foram, se com um punhado de gesso e alguns tons de tinta êles parecem a cada momento prestes a regressar?"

Empenhou-se portanto no seu artesanato como alguém que todos os dias deitasse um ramallete de flores primaveris diante de um velho retrato de família. O resultado aí está: de uma alma fustigada pelos maus-fados nasceu essa pequena e maravilhosa indústria que agora forma o *ai-meu-Deus* das crianças de Vancouver.

BRUXAS NASCEM ASSIM

Alguns pormenores mais:

1. — Cada boneca é pintada a mão e vestida segundo moda diversa.
- 2 — O cabelo para as bruxinhas, B.H. o consegue por donativo de um pai de muitos filhos: o barbeiro do lugar.
- 3 — Há menos de um ano, Betsy (que é inglesa de nascimento) dirigia uma fazenda no sítio conhecido como **Forbidden Plateau**.
- 4 — Cartaz colocado à porta de entrada da casa: "Bonecas moram aqui".
- 5 — Por encomenda do governo canadense, o **National Film Board** organizou um documentário do **hobby** de Betsy Howard. São desse filme as fotos que apresentamos hoje em absoluta primeira mão.
- 6 — Aos guris que a visitam, a **mamãe** desse mundo de maravilhas costuma presentear com os seus mais recentes filhos.
- 7 — Cada boneca é por assim dizer um mimo de imaginação. A cabeça e o rosto são feitos de gesso, nylon ou da mais pura sêda côr-de-carne. Olhos e boca recebem pintura de esmalte.
- 8 — Betsy trata com desvelo do guarda-roupa dos seus **bebês**. Há trajes de todos os meridianos em suas bonecas.
- 9 — Winston Churchill deu-lhe a honra de uma visita e comprou-lhe um boneco vestido de escocês.

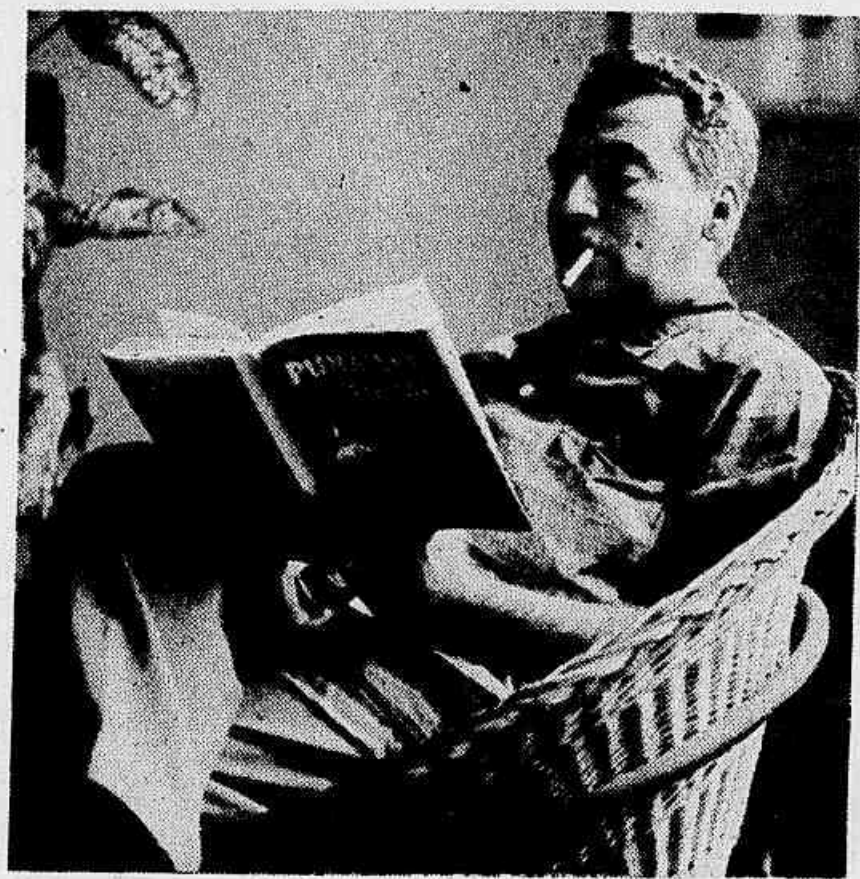
DE MÊNCIO A B.H.

A maior mortificação da vida
é a separação dos que se amaram.

Está em Mêncio. Agora, o que não está em Mêncio, mas em Betsy Howard, chama-se — coragem.

LIVROS E IDÉIAS

JORGE AMADO, CRAVO E CANELA



Jorge Amado.

O MAIS RECENTE romance de Jorge Amado é "Gabriela, Cravo e Canela" (1), que aparece separado por muitos anos do anterior, "Os Subterrâneos da Liberdade". Com "Gabriela, Cravo e Canela", Jorge Amado, abandonando as vias enganadoras da arte com intenção política, retoma sua tradição lírico-descritiva, dando-nos dessa vez um panorama excepcionalmente vivo de Ilhéus e zona adjacente, em sua fase de transição, de uma economia acanhada para outra, baseada em novas idéias orientadas pelo Progresso.

É nesse quadro em que as paixões políticas e as lutas pelo poder econômico entre os coronéis adquirem por vezes contornos épicos, que Jorge Amado faz atuar seus personagens: o árabe Nacib, a mulata Gabriela, o coronel Ramiro e outros coronéis, o professor Josué, Tonico Bastos, Mundinho Falcão, padre Basílio... Citamos unicamente os personagens principais: a comparsaria é grande, e abrange pelo menos um outro caráter curioso e muito bem esboçado: o do negro Fagundes, o bandido invadido de quando em quando por bons sentimentos.

Decerto o mais caprichado de tais personagens é Gabriela, é a mulata sensual que passa de cozinheira a esposa do comerciante árabe Nacib, para depois passar à categoria de amante e afinal novamente cozinheira... Foi para Gabriela que separou Jorge Amado o melhor de suas qualidades de romancista, imprimindo-lhe grande relêvo, desenhando-a de corpo inteiro, paciente e cuidadosamente. Por isso é que, no meio de tantos personagens que compõem "Gabriela, Cravo e Canela", o protagonista ficará, ao término da leitura, indelével na memória de muitos, enquanto os demais figurantes irão pouco a pouco empalidecendo. Gabriela é a filha do povo, sem grandes ambições, de uma alegria infantil — e Gabriela não deixou nunca de ser uma menina —, de uma sensualidade muito brasileira. Um personagem notável, na vasta galeria já criada pela imaginação do autor de "Mar Morto".

Talvez o principal personagem de "Gabriela, Cravo e Canela" seja, porém, a própria região do cacau, na Bahia: Ilhéus, e suas cercanias. Gabriela é a dimensão humana, Ilhéus a estrutura sobre a qual repousa. Estrutura complexa como uma sinfonia, cruza de vozes de todos os valores e matizes. Algumas se combatem e buscam excluir-se: as do coronel Ramiro Bastos e de Mundinho Falcão, por exemplo. Ramiro Bastos é o velho chefe político, ultrapassado em suas idéias e em seu método de governar pelo tempo, que daquelas fez objetos de museu, e dêsse, caso de polícia... Aliás, o que se nota em "Gabriela, Cravo e Canela" é êsse sobrepujar do antigo pelo novo, da política de Ramiro Bastos

pela de Mundinho Falcão, da acanhada economia ilheense dos coronéis ferozes pela economia organizada em bases mais científicas, com portos aparelhados e escoamento de produção garantido, das ciurmadadas sanguinolentas do coronel Jesuíno pela atitude mais discreta do árabe Nacib para com Gabriela..., até dos versos mineralógicos do "bacharéis" Argileu Palmeira pelos modernistas do professor Josué apaixonado...

Do ponto de vista do estilo, Jorge Amado, não escrevendo maravilhosamente bem, consegue escrever de maneira agradável e — o que é melhor — perfeitamente adequada ao que no romance acontece. As falas dos vários personagens são naturalíssimas e convincentes, e entre elas e o próprio tom do romancista quase não existem diferenças notáveis. É verdade que, quando Jorge Amado descreve as ações ou os cenários, há instantes em que a frase se complica, quer virar verso, conseguindo-o por vezes, mas quase nunca. Usa então o escritor de um recurso que não apreciamos: inverte a ordem lógica dos períodos, colocando amiúde o verbo no final dos mesmos: "Voou o sofre, num galho pousou, para ela cantou. Que trinado mais claro e mais alegre! Gabriela sorriu. O gato acordou". De outras vezes apela para a poética popular: "Já não podia de tanto pensar, já não podia de tanto penar". Um acentuado toque lírico está porém presente em todo o volume.

O valor de Jorge Amado romancista, está nessa intensa comunhão com o povo: "Gabriela, Cravo e Canela" é um romance popular, sem sofisticações, sem complicações subjetivas tão ao gosto de nosso tempo, tão do agrado de alguns escritores que outro Amado — Gilberto, o de "Presença na Política" — batizou admiravelmente de **nervosinhos de nossa era**... Os personagens de "Gabriela, Cravo e Canela" são povo: e sua existência é mais real do que muita gente viva, inclusive. No momento em que no Brasil se discute a validade do romance subjetivo, do romance regionalista, e até a extensão do rótulo **romance**, eis que aparece um livro, "Gabriela, Cravo e Canela", que não sendo subjetivo, porém um quadro vivo de uma região determinada, deixa em segundo plano a discussão sobre qualquer daqueles tópicos, de vez que só a qualidade literária no caso interessa. E essa é intensa, em "Gabriela, Cravo e Canela", a despeito de uns poucos senões de que não escapa livro algum de autor nenhum.

(1) — Jorge Amado: "Gabriela, Cravo e Canela". Livraria Martins Editora. São Paulo, 1958. 453 páginas. Capa de Clóvis Graciano.

GENTE

GRANDES COMEMORAÇÕES marcarão o cinquentenário do professor Josué de Castro, a ocorrer esse mês. *** Homero Homem, Raymundo Nogueira, alguns escritores e pintores mais, totalmente empolgados pela difícil arte de pescar. Homero Homem reivindica para si a glória de ter inventado a **Piscoterapia**. *** Breve publicará Augusto Frederico Schmidt dois novos livros: "Babilônia" (sobre esse há tempos publicamos reportagem), longo poema de inspiração bíblica, e novo tomo de suas reminiscências. *** Transformações se anunciam nos principais órgãos literários cariocas: "Para Todos", "Jornal de Letras", "Leitura" principalmente. Enquanto a falta de dinheiro entrava a expansão dos dois primeiros, "Leitura" passa a ser uma sociedade e entra em uma fase de franco progresso. *** Maurítônio Meira continua assinando excelente coluna ("Vida Literária") no "Jornal do Brasil". *** Oliveira Litrêntos tenciona fundar uma revista de divulgação literária. *** O apoio oficial faltando, foi cancelado o encontro de poetas marcado para o corrente mês, na cidade de Campos. Uma pena. *** Em compensação, o Grupo Quixote faz realizar, em Pôrto Alegre, seu Festival Internacional de Poesia agora. *** "Depois da Luta" marcará a estréia literária do contista José Louzeiro. Edição da Organização Simões. *** Campos de Carvalho capricha na elaboração de sua "Vaca de Nariz Sutil". *** Próximo livro de Rodrigues Marques: "Os quatro filhos do Papa", contos. Uma prole extensa, e escandalosa... *** E. E. Cummings fez questão de revisar, éle próprio, as provas do livro "Dez Poemas", que será lançado breve por Simeão Leal. *** Ainda para Simeão Leal, o colunista traduz, no momento, um estudo de Ernest Fenolosa sobre o ideograma chinês como meio poético. *** Sylvia Chalreo, pintora e crítico de artes, editará dois livros breve: um sobre pintura, outro sobre escultura brasileiras. *** Grandes brigas no seio da valiosa equipe do "Suplemento Dominical do Jornal do Brasil". O jovem e lúcido crítico de poesia Mário Faustino esteve sai-não-sai. Sua perda seria quase irrecuperável. *** Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Ronaldo Azeredo — a equipe concreta de São Paulo, de que é conselheiro no Rio de Janeiro o poeta e crítico cinematográfico José Lino Grünwald, aliás a estreitar por esses dias como poeta —, já estão pensando no "Noigandres 5".

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

*** QUAGLIA (Ginástico Português — mostra já encerrada) — Esse pintor, vencedor do Sétimo Salão Nacional de Arte Moderna no setor Pintura, exibiu no Ginástico Português um grupo de óleos, desenhos e monotípias, entre 15 e 31 de agosto. Um pintor autêntico, mas carecendo ainda

de certa força que somente o tempo concede, Quaglia, pela mostra de há pouco, mostrou-se um artista obsecado pela figura humana, porém já apelando, em muitos de seus quadros, para certas soluções abstratas. No quadro "O Amolador", por exemplo, notava-se essa solução eminentemente abstrata de um motivo essencialmente figurativo. Nas diversas "Figuras", o mesmo acontecia. A composição, por outro lado, ainda é um pouco simplória, na arte de Quaglia; e há por vezes um recurso ao estandardizado, ao convencional, que não aceitamos e com o qual não estamos de acordo: referimo-nos ao acabamento de mãos e pés, principalmente dos pés, e das cabeças. Reconhecemos que tais elementos — mãos, pés e cabeças — completam a figura, mas desvirtuam, tanta vez, a pintura, que sem eles seria certamente mais coerente e de maior peso. Na foto, tirada quando do "vernissage", aparecem da esquerda para a direita Pedro Goulart, Garboggini Quaglia, Benjamin Silva e Adir Botelho. O centro é ocupado pelo óleo "Figuras", no qual bem se pode acompanhar o raciocínio acima delineado.

*** LYGIA CLARK (Galeria das Fôlhas, em São Paulo) — Essa artista, cuja primeira exposição teve lugar em Paris (1951) e a primeira premiação em 1953, expõe em São Paulo pela primeira vez individualmente um grupo de óleos agrupados sob o título "Uma Experiência Radical: 1954-1958". No prefácio-estudo contido no bem cuidado catálogo da mostra, Ferreira Gullar explica a pintura de L.C. como uma pintura devorada, penetrada pelo espaço. Uma pintura que tende a ser escultura, decerto, apesar de sua bidimensionalidade. Isso significa que, de saída, a arte de L.C. repousa sobre um paradoxo: a) é pintura e, portanto, é bidimensional; b) quer se desenvolver no espaço real, ser um fato do espaço, como uma escultura de Franz Josef Weissmann, por exemplo. E, essa pintura espacial de Lygia Clark, como não podia deixar de ser, uma tentativa — entre tantas outras que caracterizam nossa época, do ponto de vista artístico. Ainda no mesmo catálogo, a própria Lygia Clark, em frases diretas e algo axiomáticas, expõe o cerne de sua filosofia: "A idéia é o espaço abstrato. A realização é um espaço-tempo. A superfície modulada é a materialização da idéia-espaço. A idéia-espaço deve ser realizada dentro do seu próprio tempo. A superfície é construída em função da necessidade da idéia-espaço a imprimir. A superfície só é bidimensional quando pré-existe a idéia-espaço. Linhas absolutamente iguais, horizontais e verticais, produzem entre si uma tensão oblíqua, distorcendo um quadrado perfeito: o espaço então se revela ali como um momento do espaço circundante. O espaço é na verdade o símbolo de nossa época". — Tudo o que, nos leva a recordar a escandalosa definição de pintura dada por Henri de Toulouse-Lautrec a alguns amigos, e que pode ser encontrada, por exemplo, em "L'Art de La Peinture", a antologia que Pierre Seghers há tempos lançou pela sua casa editôra parisiense...

PESSOAS E FATOS

Maria Martins escreveu (quase dizíamos **esculpiu**) um livro de viagem destinado ao maior dos sucessos: "Ásia Maior — o Planeta China" — lançado há tempos (com coquetel) na Livraria São José. *** Os livros de sir Herbert Read sobre Arte constituirão a base de uma antologia, a ser lançada, dentro de um ano aproximadamente, por Simeão Leal. Aliás, o conhecido escritor virá ao Brasil ano vindouro, quando da realização do Congresso Internacional de Arte da Associação Internacional de Críticos de Arte, a ter por palco Brasília. *** Euryalo Cannabrava precisa repetir, no Rio de Janeiro, as conferências que pronunciou em Belo Horizonte sobre "Fundamentos Filosóficos da Arquitetura". E depois, editá-las em livro. *** Gerson Tavares, que há meses reúne material para um filme sobre Pancetti, talvez venha a escrever também um Catálogo de vasta obra deixada pelo extinto pintor — obra de que talvez seja, hoje, o maior e mais familiarizado conhecedor. *** Para o crítico Pedro-Manuel, que há pouco regressou de Bruxelas, assumiu particular importância a obra de três pintores: dois holandeses — Bruegel e Vincent van Gogh, e o outro, flamengo, talvez de origem alemã: Hans Memling.



João Quaglia.

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES

- *** Raymundo Nogueira, em novembro, na Galeria das Fôlhas de São Paulo.
- *** Benjamin Silva, também nas Fôlhas, sem data marcada.
- *** Ricardo de Castro e Costa, na "Maison de France", em outubro.
- *** Ladjane, possivelmente em novembro, na Gea.
- *** Inimá, sem data marcada, no Rio de Janeiro.
- *** Fernando Romani, no Rio de Janeiro, em setembro.

OS GALHOS DO

MARIA DA CONCEIÇÃO ABOUT

RESUMO: No Líbano, de acordo com os rituais da terra, realiza-se o casamento da jovem Nabira com o guapo Nassim. Correm meses, em que Nassim trabalha de sol a sol, a mulher ajudando-o na colheita. Vivem felizes e, como são ambiciosos, levam avante seus planos: a educação dos filhos que vêm vindo — Samir, Abdo e Yusseff — e os sonhos de emigrar para o Brasil — terra acolhedora onde outros já tinham ido e enriquecido. Quando se acumulam na arca as economias suficientes para transportá-los ao novo mundo, acontece a tragédia: em plena festa de despedida, o forte Nassim, sob o espanto de todos, cai morto — o copo de árake na mão.

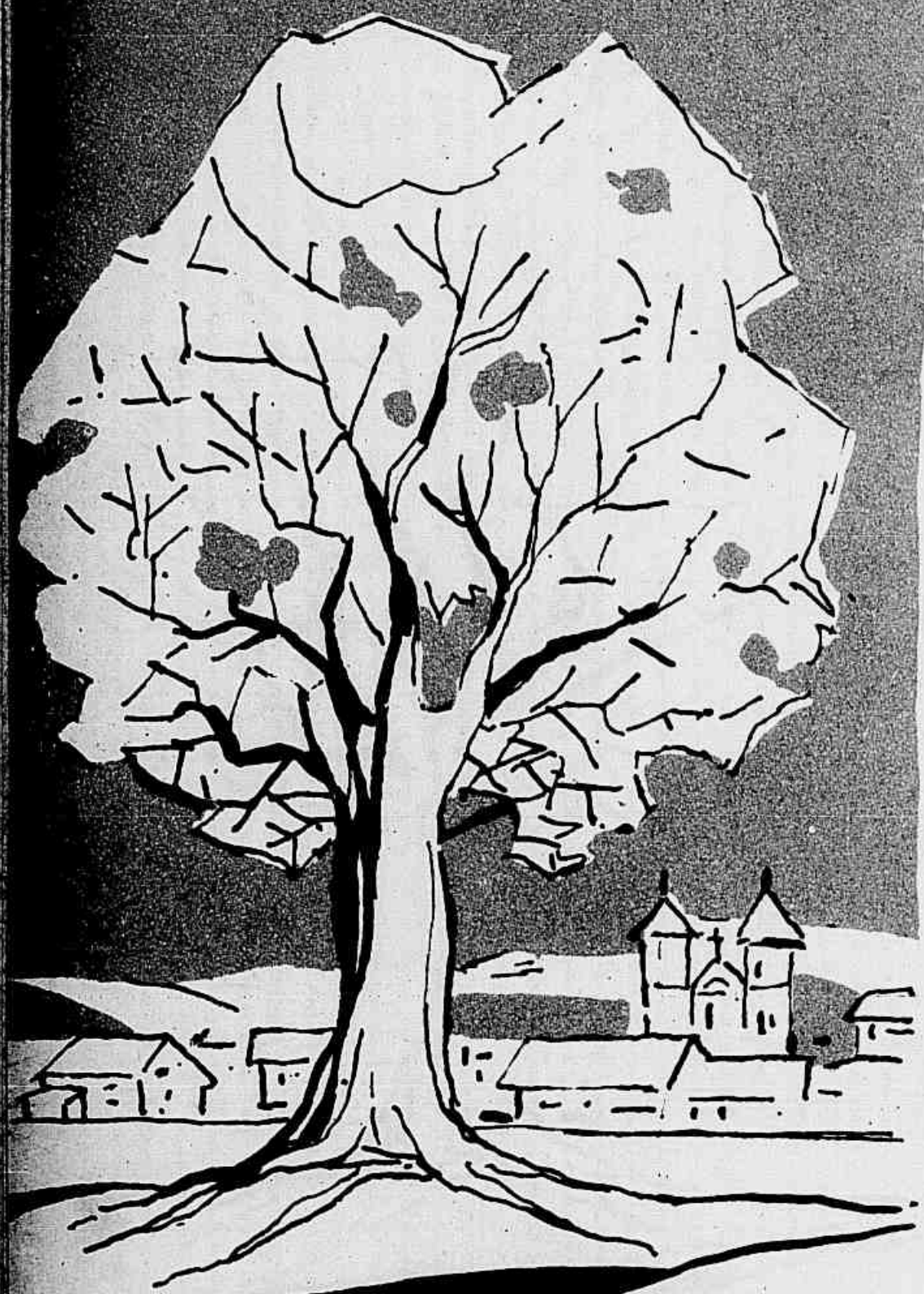
NABIRA CONTINUAVA MUDA, as feições rijas, em pé, horas a fio, ao lado do féretro do marido. Esquecera os filhos e seus seios entumecidos, porque amamentava o mais novinho, vazavam. De vez em quando sacudia Nassim como se ainda não se tivesse convencido de sua morte. Também, Nassim parecia adormecido, sorrindo, sonhando um sonho lindo... As vizinhas a continham nesses momentos, rogando a Deus que ela conseguisse chorar porque seus olhos estavam duros, secos, vidrados.

A melopéia das carpideiras era ensurdecadora. Em voz chorosa, rememoravam a vida do morto, mandavam por seu intermédio, lembranças a outros já desaparecidos. Aquêles que haviam perdido há pouco tempo um ente querido, recomendavam-lhe: — Nassim, avisa Silaiman Abeid que as figueiras que êle plantou, estão crescidas. — Nassim, diz para a minha Najla que meus olhos ainda não secaram. — Quando encontrares meu filhinho, conta para êle que ainda estou de luto.

A casa estava apinhada porque Nassim era muito querido. Era considerado um homem rico e mesmo de aldeias bem distantes vieram amigos para acompanhar-lhe o entêrro.

Adma, tendo sido muito provada pela vida, revestia-se de uma couraça capaz de fazê-la suportar qualquer golpe. Não perdeu a cabeça. Providenciava para que o café fôsse, ininterruptamente, servido. Dera de comer aos netos mais velhos e pedira a uma vizinha que estava amamentando, para alimentar o pequenino. Deus o livrasse de tomar mais uma gôta do leite da mãe, leite carregado de dor e desgraça, que lhe transmitiria infelicidade para o resto da vida.

Aproximava-se a hora do entêrro. Os amigos começaram a desfilar, um a um, desejando boa viagem ao morto. Súbitamente, Nabira saiu da casa a correr, a correr... Foi parar no ponto mais distante do pomar e atirou-se aos pés de uma árvore. Não chorava, porque maior do que a dor, era o ódio imenso e implacável sentido contra Deus por ter matado o seu homem, o seu amor, a sua vida.



CEDRO



CANABR

Contava-se que a água do Brasil pesava como Óleo, as crianças pálidas, maltratadas pelo calor.

Ninguém conseguiu arrancá-la de lá para ver o corpo do marido abandonar o lar e ser envolto pelo eterno sudário de terra e mistério. Depois que o entêro saiu, algumas mulheres ficaram montando guarda a seu lado, temendo que se suicidasse. Ela só abriu a boca para dizer-lhes:

— Não precisam ter medo. Eu não me matarei porque tenho os filhos dele.

A noite, o velho, que soluçara mansamente durante todo o dia, veio buscá-la, embora trôpego e arrasado. Rogou-lhe que voltasse para casa. Nabira, fixando sua face patética, deu um grito e soluçou alucinantemente.

As mulheres, amparando-os com carinho, conduziram-nos de volta a casa que lhes pareceu tétrica como um túmulo.

Quando naquele tempo morria, no Líbano, um rapaz solteiro, o desespero dos seus ainda era muito maior porque não deixava descendência. Sua vida extinguiu-se definitivamente. Então, num ritual estranho, misturavam à cerimônia de enterramento, a de um casamento simbólico. Fingiam que ele se casava naquele dia, para gozar daquilo considerado a felicidade máxima de um homem.

Durante quarenta dias Nabira não poria o pé além da soleira da porta, senão para ir à missa de sétimo dia, longa e dolorosa. O retrato de Nassim, cercado de crepes e de círios lacrimosos, estaria em lugar de destaque, sobre uma eça pesada e lúgubre. Durante quarenta dias os vizinhos e amigos íntimos também usariam luto. Vestiriam sempre a mesma roupa ainda que a tirassem para lavá-la de quando em vez.

NABIRA CONTINUAVA SENTINDO a alma cheia de vazio. Estava apática, indiferente. Adma cuidava-lhe os filhos e a casa, alimentava-a à força, incitava-a à vida, mencionando várias vezes o próprio exemplo. Não enviuvara ela em pior situação, carregada de cinco filhas?

Mas, não foram as palavras de sua mãe que a sacudiram. Uma tarde sentiu-se mal, sufocada. Habituada como estava ao ar livre, a longa reclusão entre paredes, alterou-lhe sensivelmente o organismo. Sentiu que desmaiaria se não fôsse lá fora, respirar o ar frio. Abriu a porta. Seus olhos procuraram, instintivamente, os vestígios da cruz de trigo ázimo. Lá estavam eles. A mancha era tênue. Ainda existia porque ela, supersticiosamente a protegera sempre. Quando espanava a porta, não deixava a escôva tocá-la. Se chovia ou fazia vento, abria a porta para o lado de dentro a fim de que a chuva e a ventania não apagassem o símbolo de sua felicidade. Quantas vezes Nassim caçara dela!

Ódio intenso dominou-a contra a mancha cínica e mentirosa que a iludira durante quatro anos. Apagou-a furiosamente com as mãos, ferindo os dedos na madeira rugosa. Onde houvera a marca da felicidade, havia agora gôtas de sangue. Nabira estremeceu. Cerrou os punhos num desafio: refaria sua vida. Sôzinha. Sem Deus, sem marido. Os planos de Nassim seriam executados. Emigraria com os filhos. Trabalharia como bicho, mas dentro de alguns anos subiria aquêlê batente, vestida de sêda, enfeitada de jóias e cuspiria no lugar exato, onde as gôtas de seu sangue se estavam coagulando. Apanhou no chão uma pedra e arranhou profundamente a madeira para, daí a muito tempo, reconhecer o lugar certo.

A ALDEIA ESCANDALIZOU-SE. Muitos acharam-na louca; outros diziam que queria liberdade, aventuras. Julgaram-na cri-

minosa por desejar levar os filhos e abandonar o sôgro. Nabira não ligava aos comentários. Justificou-se apenas com a mãe. Disse-lhe não pretender sujeitar-se nunca ao triste e monótono destino que ela tivera. Jamais se casaria de novo e passar anos labutando na terra para garantir uma vida medíocre, não queria.

O padre veio aconselhá-la. Foi em vão. Os cunhados escreveram. Em vão. O professor da única escolhinha da aldeia, contou-lhe horrores sobre as selvas brasileiras. Em vão. Adma nunca mais lhe dirigiu a palavra. Em vão. O sôgro chorava horas a fio. Em vão.

Só o velho poderia defendê-la, contando que ela estava pretendendo realizar o sonho do marido. Mas numa triste vingança, porque ela o abandonaria, não disse a verdade a ninguém. Também, foi o único a não pedir a Nabira que ficasse. Tinha medo, medo de interferir outra vez contra o destino.

O surto de emigração se adensava. Da aldeia havia partido um grande grupo. Agora formava-se outro maior que seguiria dentro de um mês. Apenas dois homens levavam as espôsas e os filhos. Os outros aventuravam-se sós. Ou eram solteiros ou deixavam as famílias para mandar buscá-las mais tarde quando estivessem em melhor situação. Nabira declarou que partiria com êsse grupo. As mulheres da aldeia não lhe dirigiam a palavra. Consideravam-na uma indecente, uma perdida. O que faria, solta no Brasil? Não sabiam que nela o sexo estava morto. Não era uma mulher. Era uma máquina de tecer sonho, de enriquecer família.

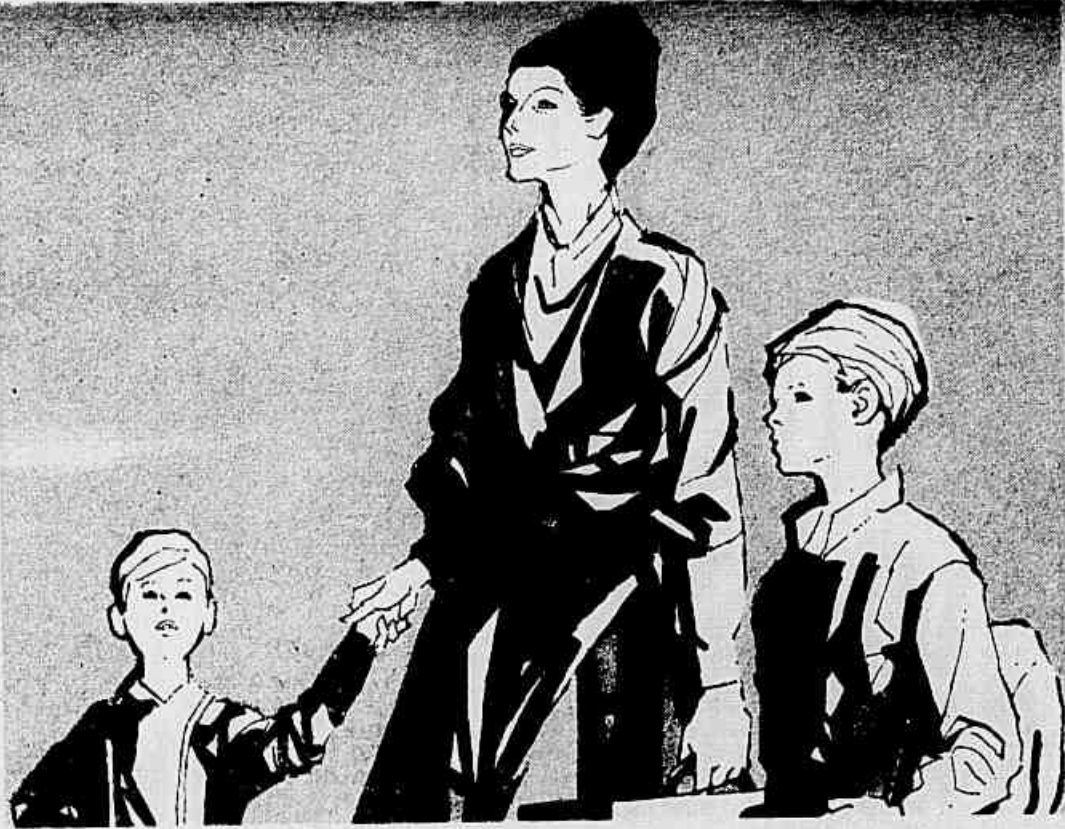
Ela dividiu o dinheiro da arca, metade para si, metade para o sôgro. A casa não seria vendida. O filho mais novo ficaria com o velho. Nabira rogou-lhe para educar a criança, mandando-o à escola o mais cedo possível. Prometeu que só mandaria buscar o seu caçula depois da morte do avô. No fundo do coração, o velho admirava a nora que era forte, corajosa e não alijara de seus ombros de mulher, a tarefa que o marido determinara intentar.

PARTIRAM OS IMIGRANTES numa grande carroça pela estrada de Beiruth, acompanhados, até muito longe, pelos seus familiares. Apenas a Nabira, ninguém acompanhou. O sogro ficara em casa, sofrendo a saudade dos netos mais velhos. Adma fôra embora, viver com uma das filhas. Disse não ter coragem para continuar morando na cidadezinha em que Nabira a envergonhara. Não atendeu os rogos desta, no sentido de ficar ali para ajudar o velho a criar o menino.

Nabira não tinha ninguém para dar-lhe o último adeus, desejando-lhe boa sorte, mas talvez, fôsse a mais animosa daquelas criaturas que enfrentavam o desconhecido. Apertava ao seio Samir e Abdo enquanto lágrimas grossas lhe escorriam no rosto. Lágrimas de saudade do seu Yussef nascido num dia de sol, num dia muito azul, em que Nassim lhe dera uma pulseira de ouro, torcida, arrematada por dois corações. A pulseira estava em seu braço, destoando de seu vestido de luto.

A noitinha separaram-se, entre lágrimas e votos de ventura, os que seguiam dos que ficavam. Os parentes regressaram a pé à aldeia e a carroça continuou para Beiruth, gemendo nos gonzoos, parecendo chorar também. Samir e Abdo dormiam. Nabira estava serena, confiante na sorte com a sensação de que Nassim a protegeria sempre. Sentia-se isolada porque as duas mulheres do grupo não lhe falavam. Só um rapazinho imberbe se aproximara dela com simpatia e carinho. Nabira imaginou-o a sentir falta da mãe,

frutas eram ácidas e mirradas,



sua saudade, atirando-o para ela. Enterneceu-se. Quando arranhou sua ceia e a dos filhos, chamou-o para comer também.

TERRÍVEL SAGA de heróicos emigrantes que tendo vivido sempre nas restritas limitações de suas aldeias, audaciosamente se atiravam num mundo de idéias, língua e costumes completamente diversos dos seus. Quando o navio que os levara do Líbano para Marselha, deixou-os em França, sentiram-se perdidos e medrosos. Ninguém os compreendia. As passagens para o Brasil eram compradas por gestos ou através de raríssimos e providenciais intérpretes. Enganados pelos intermediários, passagens de terceira classe em porões infectos, custavam-lhe os olhos da cara. Muitos empregaram-se em Marselha fazendo trabalho bruto, para arranjar o dinheiro que os transportaria à Terra da Promissão.

No navio no qual Nabira e os filhos viajaram, além dos companheiros de aldeia vinham mais dois grupos de árabes. Um de Zarley, outro de Alepo, na Síria. Agregavam-se todos em volta de um velhote de Zarley que fôra marinheiro e conhecia vagamente a terra onde buscariam fortuna. Bebiam suas palavras, embora estas os desencorajassem. O velhote era pessimista. Contava que a água do Brasil pesava como óleo, as frutas eram ácidas e mirradas, as crianças pálidas, maltratadas pelo calor. Febres transmitidas por mosquitos, matavam centenas de pessoas.

Nabira ouvindo isso, apertou instintivamente os filhos contra o seio como se quisesse protegê-los daquelas ameaças e perguntou-lhe, num desafio, porque então emigravam para lá. O velho, mirando-a entre os olhos semicerrados, teve de confessar que entre os países por ele conhecidos, nenhum lhe parecera mais promissor, para quem buscava fortuna, como aquele Brasil gigante, ralmente povoado.

Sorriram, cheios de esperança. O riso de Nabira foi o mais amplo.

Agora, depois de tantas vicissitudes atravessadas em comum, o grupo a adotara. Nabira impunha-se pela sua coragem, seu rosto triste e vontadoso, sua impressionante dignidade.

Uniam-se todos numa mesma esperança mas os grupos se faziam de acôrdo com os lugares de onde tinham vindo. Do seu, Nabira transformara-se numa espécie de líder. Ajudava os homens a fazerem planos, lembrando-se das idéias de Nassim. Consolava as duas mulheres, se choravam. Nas noites negras e longas, fazia-os dançar ou cantar as velhas canções da aldeia para esquecerem tristezas. E, paradoxalmente, a música de ritmo tristonho e plangente os animava. Sofriam muito, principalmente, pela falta da alimentação forte e saudável à qual estavam habituados. Alguns adoeceram. O rapazinho imberbe teve um febrão e o carinho com que Nabira o tratou, acabou por colocá-la num plano especial no coração daqueles que de princípio a hostilizaram.

Longa viagem. Emocionante chegada. As ilimitadas costas do Brasil os impressionaram. Quanta terra para conter seus sonhos! O céu claro e azul era um prognóstico de boa ventura. O apito estridente da chaminé do arcaico vapor que os trouxera para a Terra da Esperança, soou como um grito de vitória. Haviám vencido a primeira etapa! O silvo foi áspero, vibrante, comovente e vivo como seriam, certamente, suas vidas ali...

SALTARAM EM SANTOS. Já não tinham quase dinheiro e tinham ainda menos, coragem de se separar. Os sírios seguiram para S. Paulo. Os de Zarley e da aldeiazinha de Nabira, uniram-

se na ânsia de deliberar o que fariam, apegando-se uns aos outros, pois eram, reciprocamente, tudo o que lhes restava da pátria longínqua. Alugaram um barracão caindo aos pedaços e lá viviam em promiscuidade, homens, mulheres e crianças. A comida era feita em comum. O azeite para a lamparina que iluminaria as suas noites, devia ser dado, cada vez por um dos moradores. Na noite em que seria pago pelo velho marinheiro de Zarley, êle esturgiu a chama com um sôpro enérgico pois não tinha um vintém. Falou que não precisavam de luz para iluminar tanta miséria. O rapaz imberbe morreu ali mesmo, esvaindo-se em violenta desintéria. As crianças o viram morrer. Samir perguntava a mãe, a todo instante, porque haviam deixado a casa limpa onde moravam e comiam tão bem.

Lentamente o grupo foi-se dispersando, cada um encarando a própria sorte. Nenhum enfrentaria as dificuldades de Nabira, precisando trabalhar com duas crianças às costas. Ela foi heróica. Fêz os piores trabalhos, deixando os filhos aqui e ali. Seus vestidos começavam a rasgar-se. Várias noites dormiu sem comer, para que Samir e Abdo tivessem um pouco de leite. Suas mãos ainda se tornaram mais feias e ásperas, seu rosto porém continuava invulnerável às agruras do tempo e da vida. Liso e belo.

A emigração continuava cada vez mais caudalosa, libaneses e sírios espalhando-se pelo Brasil. Os primeiros a chegar começavam a se firmar e um desses, pediu Nabira em casamento. Amou-a pela sua coragem e beleza. Com aquela mulher ao lado, conquistaria o mundo. Nabira sentiu-se tentada a casar. Estava exausta, cansada de lutar sôzinha. A tentação foi rápida, entretanto. Imaginar-se nos braços do homem balofo e envelhecido, repugnou-a. Depois, ainda não estava vencida. Ainda teria fôrça para prosseguir. Venceria só! Só voltaria, para cuspir na marca que deixara em sua porta.

Um dia viu-se com algum dinheiro. Comprou quinquilharias: pentes, grampos, latas de talco e de pomada cheirosa para cabelo de negro. Pôs tudo num tabuleiro e foi vendê-los numa das esquinas de S. Paulo. Com alguns meses, o tabuleiro virou mala pesada de sortimento. Nabira e os filhos seguiram para o interior do Estado. Samir a ajudava tomando conta do irmãozinho e servindo de intérprete quando era necessário.

Então, começou uma saga mais suave, porém ainda cheia de obstáculos. Ela e os filhos conheceram quase todo o interior brasileiro, levando a malinha de bugigangas a vilarejos afastados, onde raramente chegavam um vidro de perfume mesmo ordinário, fitas para cabelo ou pílulas purgativas. Os mascates carregavam e distribuíam ilusões nas regiões inóspitas e quase desertas do Brasil, começando a acordar.

O tempo corria. Caiu o Império. D. Pedro foi banido da pátria estremecida e no vilarejo onde Nabira mascateava na ocasião, nem se soube disso. O tempo ia correndo, correndo...

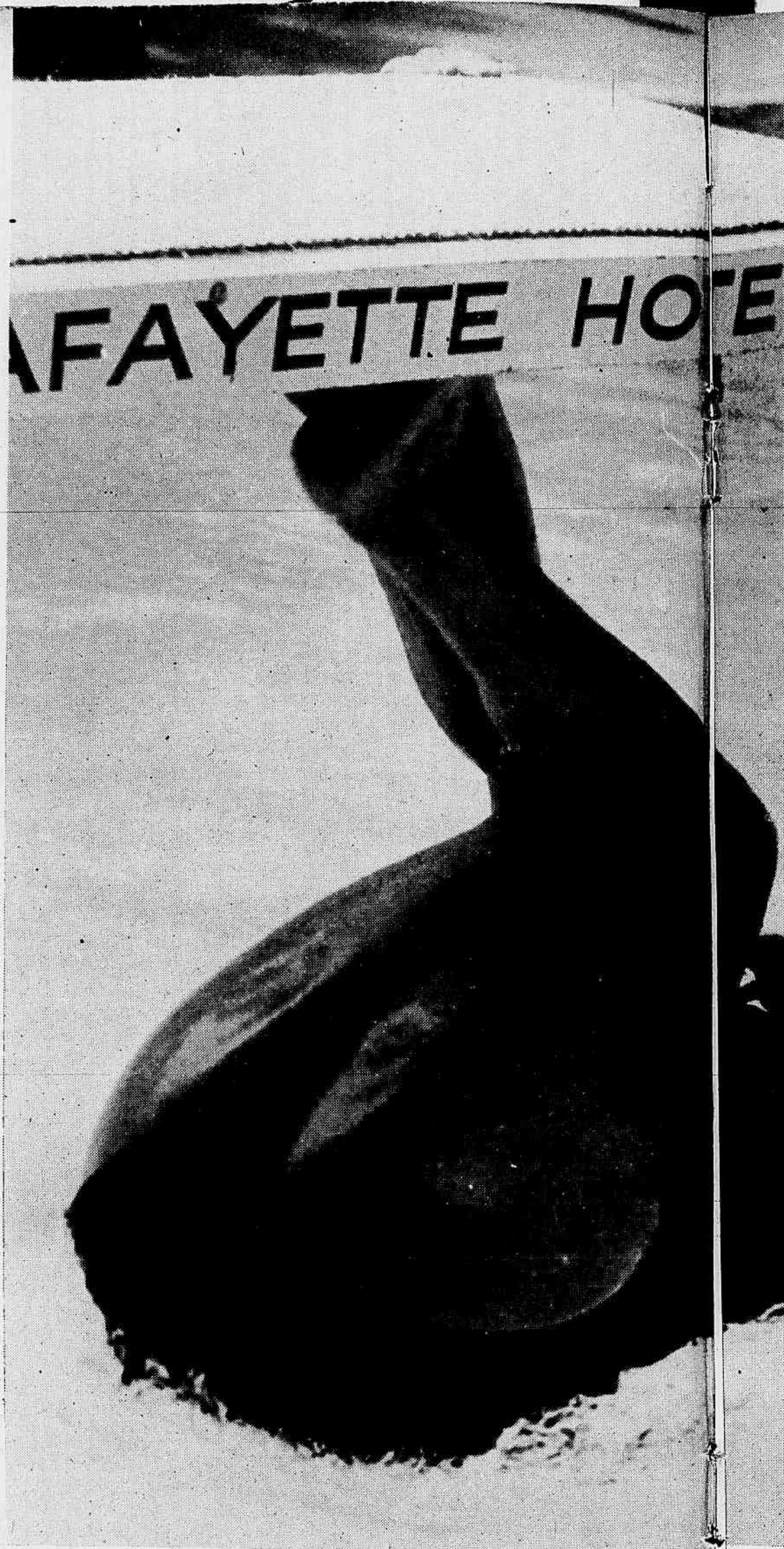
Correndo... correndo... e como seria impossível fazer justiça ao espírito dessa mulher, embora com adjetivos superlativos, é preferível que sejam relatadas algumas de suas atitudes, capazes de defini-la perfeitamente: uma vez, parou numa vila onde três famílias libanesas pereciam de febre amarela; não a deixou em busca de nova praça para seu humilde comércio, enquanto não viu curados os patricios, que conseguira salvar com o risco da própria vida. Outra vez, matou com as próprias mãos um cão que mordera a perna de Abdo à entrada de um aldeamento. — Es-

(Continua na pág. 57)

NAO SÔMENTE ENTRE as elegantes existem as "dez mais". Também nos concursos de beleza, com as suas alegrias, as suas tristezas, as suas histórias, ou os seus problemas, pode-se eleger as "dez mais" de cada coisa. Só que isso nunca poderia ser feito no início, ou mesmo durante o concurso. Sômente após o seu término, quando tôdas as candidatas vão para casa, quando nada mais poderia acontecer, com relação ao concurso, é que se pode recordar tudo, rever as anotações, dar um "vereditum" completo. E pesados todos os prós e contras, é que a REVISTA DA SEMANA publica agora a lista das "dez mais de Long-Beach em 1958".

À MARGEM DE UM CONCURSO DE BELEZA — III

AS "DEZ MAIS" DE LONG BEACH



A MAIS ESCANDALOSA

Monique Boulinguez, Miss França, estreou em Long Beach trocando de roupa em pleno pátio de manobras, no Aeroporto. O seu traje típico não fôra enviado para Nova Iorque, e sômente o recebera na hora do desembarque. E como queria ser fotografada junto às demais, pediu as "hostess", sem maiores protocolos, que fizessem um círculo, e arrancou um vestido e colocou outro.

Depois, pousou na piscina, nas mais provocantes posições. Por isso foi advertida, mas não se modificou. Dois dias mais e estava "plantando bananeira" para os fotógrafos, e deixava-se fotografar de um jeito não muito decente para uma moça. Por tudo isso ninguém mais que ela poderia ter sido "a mais escandalosa".



A MAIS FELIZ

Gladys Zender, do Peru, foi a vencedora do ano passado. Quando foi eleita Miss Universo, ficou radiante, chegou a chorar de alegria. E durante um ano inteiro, viajou por quase todo o mundo, e foi admirada por milhões de pessoas. Apesar de rica, e possuir tudo que uma moça deseja, gostou dos presentes que recebeu, "principalmente das jóias e do automóvel conversível". Apesar de tudo isso, a sua maior felicidade foi passar a coroa à sucessora. E explica: "É bom ser Miss Universo, mas nada melhor do que a gente voltar a ser o que é. E poder ser dona de si mesma. A minha alegria de hoje, não pode ser comparada a de ninguém. Vou voltar a poder ser simplesmente Gladys Zender". Por isso, Miss Peru (também ex-Miss Universo) foi escolhida como "a mais feliz".

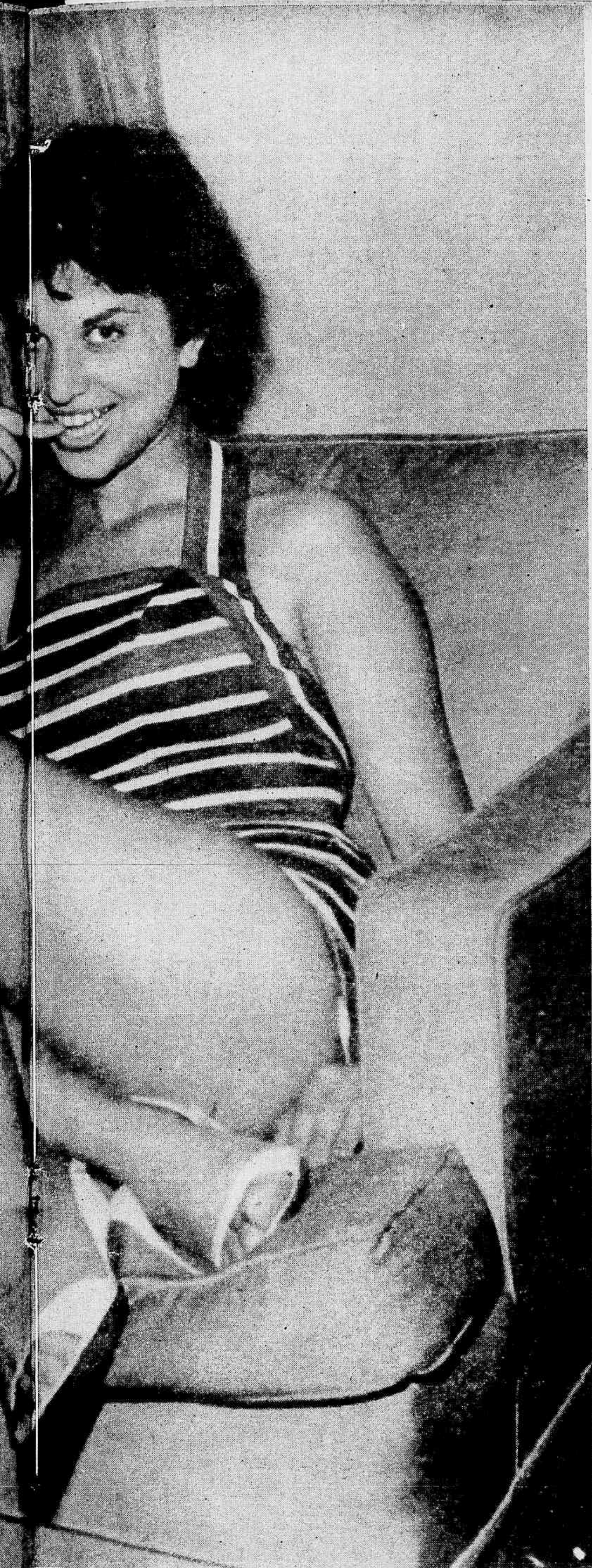
A MARGEM DE UM CONCURSO DE BELEZA — III



A MAIS INJUSTIÇADA

Em um concurso de beleza, muitas misses que mereciam melhor sorte, são relegadas a um segundo plano. Tôdas não podem ser classificadas, é claro. Mas existem injustiças que revoltam. Desde Nova Iorque, Miss Cuba (Armínia Perez y Gonzalez) era uma das preferidas da imprensa, e parecia ter assegurada a sua classificação entre as cinco finalistas. Isto era o mínimo que poderia conseguir. Muitos asseguravam até que, se não fôsse a primeira, estaria, infalivelmente, no segundo pôsto, não havendo dúvida entretanto, que ficasse entre as três principais. Para surpresa geral, Miss Cuba foi eliminada na primeira escolha. Tornando-se, portanto, "a mais injustiçada".





O MAIS LINDO CORPO

Clara Copella, de 20 anos, nascida em Nápoles, não era como as suas antecessoras de 1956 e 1957, que se tornaram famosas pelos escândalos que provocaram. Muito ao contrário até. Ainda no aeroporto de Nova Iorque chegou a brigar com os fotógrafos americanos, que queriam levantar a sua saia, um palmo acima dos joelhos. E em Long Beach, manteve a mesma atitude discreta. Ali estava a Itália, representada por uma moça de família, no maior rigor da expressão. Clara não conseguiu chegar até as semifinais. Ninguém sabe por que, mas não chegou. Porém uma coisa ficou provado, desde o início: Miss Itália possuía o mais lindo corpo do concurso. E isso não conta ponto para classificação? Sômente os senhores juizes poderiam explicar a razão do engano.



O MAIOR BUSTO

A representante do Havai (Geri Hoo), a primeira vez que apareceu na piscina, o fez de maiô de duas peças, inteiramente proibido em Long Beach. Mas o pior de tudo é que parecia ter sido comprado um número menor que o do seu manequim. E a parte I do maiô, era inteiramente insuficiente para cobrir-lhe o busto provocante. De princípio julgava-se que a culpa era da roupa de banho. Depois ela apareceu de vestido, e o problema continuava: busto quase de fora. Consultada a lista de medidas, veio a revelação: Miss Havai possuía o maior busto do concurso. E o mostrava assim, talvez pela vaidade de provar, que pelo menos em alguma coisa, era "a maior"...

À MARGEM DE UM CONCURSO DE BELEZA — III

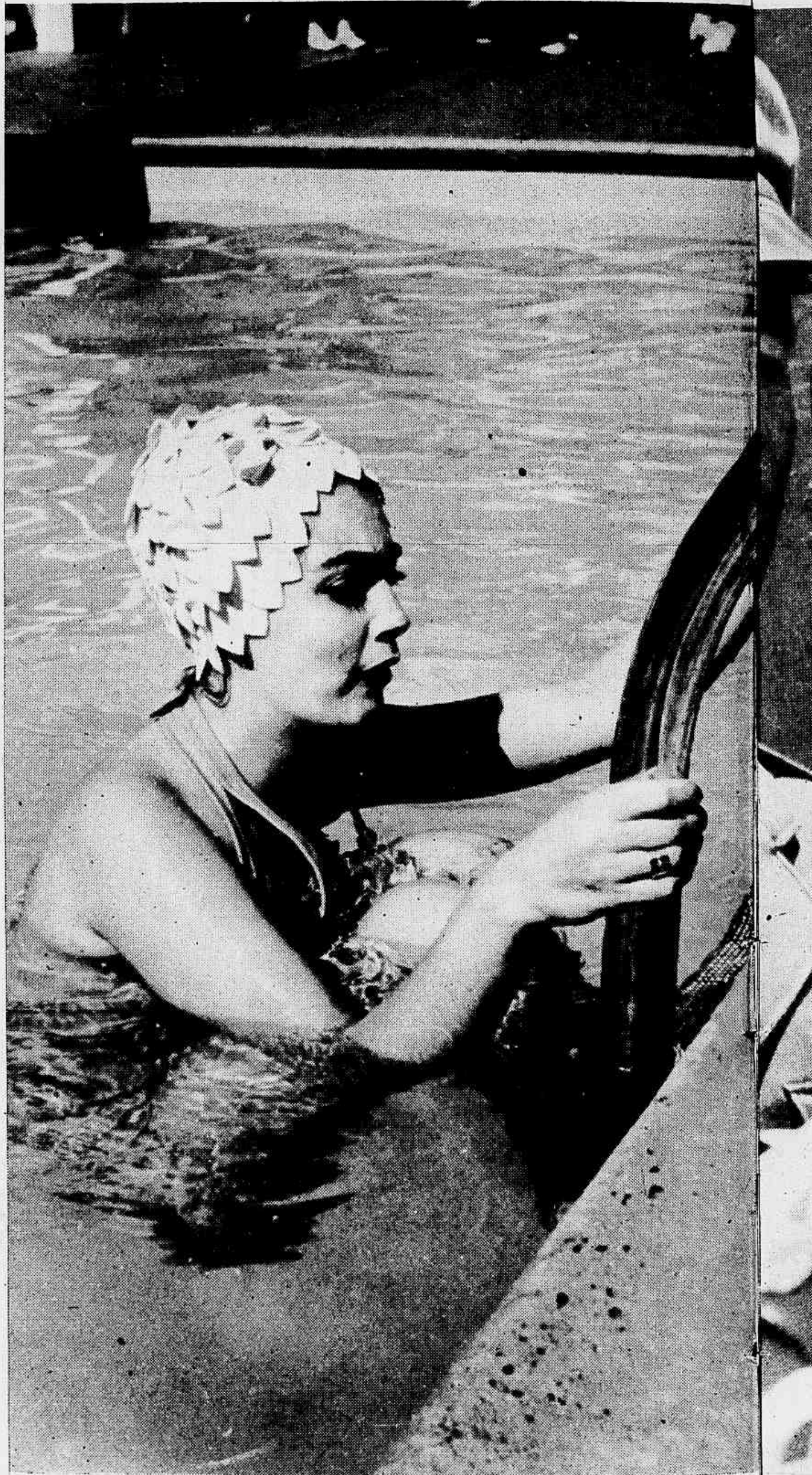
A MAIS ESCONDIDA

Alguns dizem que aparecer o menos possível era uma das "metas" de Adalgisa Colombo, para conquistar o título máximo. Outros alegam que não se tratava de nenhum "esquema" ou plano previamente traçado. Apenas — diziam estes últimos — Miss Brasil havia perdido três quilos absolutamente imprescindíveis para acerto de suas medidas, e queria recuperá-los, com repouso, antes de ser vista pelos juizes. De uma forma ou de outra, se Adalgisa Colombo não foi muito vista em Nova Iorque, muito menos em Long-Beach. Só aparecia em público nos programas oficiais, e assim mesmo, demorava o menor tempo possível. Na piscina então, somente esteve por duas vezes. A primeira delas, de vestido (não atendeu à imprensa americana, que pediu para pôr maiô), e na segunda vez, quando já havia sido classificada como a "segunda mais bela do mundo". Só nessa oportunidade ficou de maiô à disposição da imprensa, na piscina do Lafayette.



A MAIS LINDA AMERICANA

Donna Kay Brooks, Miss California, era a favorita absoluta para o título de Miss Estados Unidos 1958. Os jornais de Long Beach teciam-lhe os maiores elogios. E Miss California desfilara na parada de domingo, como uma autêntica rainha. "É ainda um páreo duro para Miss Universo" — chegavam a argumentar alguns entendidos. Veio a escolha das semifinalistas (15) de Miss Estados Unidos, e a bela Donna Kay aparecia entre elas. No dia seguinte, todos acreditavam mais ainda que, à noite, a coroa iria para a sua cabeça. Mas não aconteceu o previsto. Miss California não conseguira classificar-se ao menos entre as cinco finalistas! Argumentam os juizes que ela falhou no "teste de inteligência", que teria feito um discurso infeliz. Mas nada disso modificou a nossa opinião, a escolhemos como "a mais linda americana".



O MAIS LINDO ROSTO

Luz Marina Zuloaga poderia não ter sido eleita a Miss Universo 1959 (êles escolhem de um ano para o outro). Mais uma coisa estaria provado, desde o princípio. Era o mais lindo rosto que concorria este ano. A imprensa a conheceu no Aeroporto Municipal de Long Beach. E logo passou a assediá-la para dezenas de fotografias. Passou a ser figura obrigatória em tôdas as fotos. Escolhiam um grupo de três ou quatro misses qualquer que fôsse, mas entre elas estaria obrigatoriamente a Miss Colômbia. Vincent Trotta (o mais antigo juiz de Long Beach) foi mais além: "Luz Marina possui o rosto mais lindo que já apareceu por aqui. Nunca se viu coisa igual". E depois então de uma declaração dessas, partindo de Trotta, ninguém teria dúvida (e não poderia ser de outra forma) em apontar Miss Colômbia, como "o mais lindo rosto".



A MAIS CORAJOSA

Ninguém mais do que Alicja Bobrowska (Miss Polônia), merecia a indicação para "a mais corajosa". Tendo sido a primeira miss da "cortina-de-ferro", a disputar em Long Beach, estreou de maneira brilhante. Mas a sua coragem vem do fato de haver embarcado para os Estados Unidos com apenas cinco dólares na carteira, pois as autoridades do seu país não permitiram que viajassem com maior importância. E nem jóias ela possuía, para empenhar ou vender, em caso de necessidade. É certo que Alicja foi bem sucedida, e ganhou um bom contrato. Mas se as coisas não tivessem corrido bem para o seu lado, teria de fazer grandes ginásticas para pagar até a sua hospedagem por uma noite em Nova Iorque, já que na volta do concurso, os patrocinadores nada têm a ver com essas despesas.



A MAIS TRISTE

Quando foi anunciado pelo locutor do Auditório Municipal, os nomes das quinze semifinalistas, e entre êles não estava o de Miss Inglaterra, a tristeza tomou conta de Dorothy Hazeldine, uma loura de olhos azuis, que nascera há 19 anos passados. Suas antecessoras, com muito menos qualidades, sempre conseguia um lugar entre as cinco. Até mesmo a do ano passado, com pernas cheias de varizes e idade (27) superior à permitida pelo regulamento do concurso. E ela, moça e com bela plástica, fôra eliminada de saída. Dorothy, que era no início uma das mais comunicativas e alegres, tornou-se calada e tristonha. E ninguém chegou a superar-lhe a melancolia.

DUAS PÁGINAS do presente número são dedicadas ao noticiário internacional, destacando-se, entre os principais fatos, a morte do Cardeal Carlos Nocella, a 22 de julho no palácio Taverna, em Roma, com a idade de 82 anos. Professor de retórica e de humanidade, laureado em direito civil e canônico, fôra Dom Carlos Nocella anteriormente Patriarca latino de Antioquia e de Constantinopla.

Notícia ainda a Revista o lançamento, no dia 27, de julho, de mais um encouraçado italiano — o *San Giorgio*, em Castellamare di Stabia, com grandes solenidades; o veraneio do presidente do Conselho de Ministros da Espanha — o sr. Maura; as experiências feitas com novos aeroplanos dirigíveis na Inglaterra e na Espanha, apresentando a foto da primeira ascensão do novo dirigível inglês, no parque de Aldershot: "o dirigível elevou-se aos ares de frente de uma grande multidão — diz a Revista — tendo, porém, de voltar à terra após 400 metros de percurso, devido a um desarranjo no motor". Dá, também, uma foto do primeiro aerostato dirigível espanhol — o "Torres Quevedo", durante as experiências no polígono do parque militar de Guadalajara. O nome do dirigível é o de seu inventor.

Vem, depois, a nota pitoresca referente a uma tourada na Espanha, e que a revista apresenta num tópico intitulado "Uma colhida original".

"Foi verdadeiramente original a chifrada que recebeu o Espada Recajo na corrida de touros que se realizou em Carambachel, na Espanha, na primeira semana de agosto.

O toureiro em questão lidava o segundo para matá-lo, quando inesperadamente foi colhido pelo bicho do modo o mais cômico possível.

Recajo nada sofreu, mais do que um belo susto e teve a sorte, se é que a teve, de ser o primeiro toureiro que já se tenha visto em tão cômica posição.

A REVISTA DA SEMANA oferece aos seus leitores um magnífico instantâneo tirado

justamente na ocasião em que o feroz animal apanhou o toureiro".

NO BRASIL, ainda é a Exposição Nacional que merece as honras deste número. Pelo visto, o certame conquistou o carioca. Todas as cerimônias que têm lugar no Rio, a propósito disto ou daquilo, são realizadas nos pavilhões da Grande Feira levantados na Praia Vermelha: congressos, conferências, banquetes. A grande solenidade da semana é a sessão solene de encerramento do 2.º Congresso de Agricultura, que tem lugar no Pavilhão de S. Luiz, e que conta com a presença do presidente da República e de outras altas personalidades, como o dr. David Campista.

E ainda é na mesma tecla que bate Raulino, na sua crônica: "E vá um mortal fazer a resenha dos fatos da semana, quando a Exposição desenha-se admiravelmente em todos os momentos, em todos os assuntos, de todos os dias.

Falo da exposição propriamente dita, nas revelações surpreendentes da nossa produção, que vêm reabilitar a manufatura nacional, até hoje criminosamente desprezada, levianamente esquecida".

E prossegue o cronista, saborosamente:

"Imagine-se que, na seção de tecidos, fui encontrar uma casimira em tudo igual a do terno que eu trajava e que me foi impingida como fazenda inglesa! Lá estava ela, a "fazenda inglesa", diante de mim, a rir-se da ignorância carioca; lá estava ela, muito catita, em amarfanhados artísticos, padrão moderno, caíndo em frisos e pregas graciosas lá estava ela, nacional dos pés à cabeça, pois era também nacional a lá que lhe servira de berço.

Mais adiante um chapéu em tudo igual ao meu, o calçado — que sei eu? — Tudo a dizer em côro: — até hoje, para sermos valorizados, emprestáramos o rótulo de estrangeiros, e só deste momento em diante poderemos seguir caminho com o verdadeiro nome, o nome próprio de batismo, que era tão desmerecido...

Não é em um dia, não é em uma semana que se pode visitar e observar todo esse acervo revelador da nossa produção. É necessária uma visita longa, pertinaz, constante, continua, para se ver artigo por artigo, gênero por gênero, atentamente.

E, para exemplo, gaste-se uma semana (e ainda é pouco) para ver a importantíssima seção do Rio Grande do Sul: ali há de tudo, perfeito e acabado, faltando apenas ao grande empório gaúcho, a borracha, para produzir tudo o que o Brasil produz.

A seção da Bahia, recentemente inaugurada, é outra poderosa revelação.

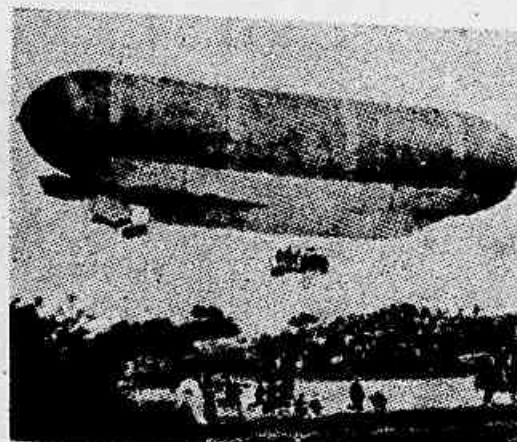
Sob o ponto de vista dos divertimentos, a Exposição é, durante o dia, de uma frieza glacial. A noite atrai um pouco mais, com a iluminação, as musicatas e os espetáculos, mas isto não basta; é preciso o atrativo pelas ruas, ao ar livre, para prender o povo que não pode despendar muito nas diversões pagas; passeatas, prêmios, cavalhadas riograndenses, festas originais ao ar livre, tudo o que tiver um pouco de atração provocará avalanches de concorrentes e tornará a pitoresca Praia Vermelha o ponto preferido para a vida noturna".

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

6 DE SETEMBRO DE 1908



O primeiro aerostato dirigível espanhol — o "Torres Quevedo".



A primeira ascensão do novo dirigível inglês no parque de Aldershot.



O Espada Recajo colhido pelo touro na ocasião em que se preparava para matá-lo.

Era assim há cinquenta anos.

A COMÉDIA HUMANA

A PROPÓSITO DE... CINEMA



Aqui está o maior cenário da terra. A ponte sobre o Rio Kwai foi construída exclusivamente para ser destruída depois de oito meses de trabalho e 32 milhões de cruzeiros de custo.

CARLOS A. NASCIMENTO

A HISTÓRIA DE UMA PONTE — Uma ponte com 140 metros de comprimento por 17 de altura foi construída no Ceilão para servir de cenário para um filme que em breve será exibido no Brasil. Trata-se de "A Ponte Sobre o Rio Kwai". A ponte propriamente dita foi construída por 500 operários com a ajuda de 35 elefantes para o transporte do madeirame pesando várias dezenas de milhares de toneladas. A construção custou 80 mil libras, aproximadamente 32 milhões de cruzeiros. Os espectadores terão a oportunidade de assistir a uma cena em que um trem se faz em destroços ao atravessar a referida ponte. O trabalho executado por meio milhar de operários durante 8 meses serviu para uma cena de 15 segundos de duração.

CORPO DE UMA, ROSTO DE OUTRA

Um filme que está sendo exibido no Brasil — “A Mais Bem Despida” — envolve um fato curioso e possivelmente único na história da cinematografia. Os produtores da película usaram fotografias “lisonjeiras” da atriz Vera Valmont usando apenas seu corpo. O rosto, de outra mulher, foi adaptado num truque de foto-montagem. As fotos foram distribuídas aos milhares para a publicidade do filme. Agora, Vera está processando o produtor. Para melhor instruir o processo, Vera juntou ao mesmo a fotografia “falsificada”. O juiz, por sua vez, solicitou (por dever de ofício, acreditamos) que se despisse para que ele pudesse constatar a veracidade da denúncia.

ATÉ PARECE PILHÉRIA

As jopanêsas (nascidas no Japão) que aparecem no filme “The Townsend Harris Story” usam cabeleiras postiças. Motivo: os responsáveis pela produção da película acharam que os cabelos das japonêsas não se pareciam com cabelos de japonesa!

A película “A Estalagem da Sexta Felicidade” trata de uma história ocorrida em Hong-Kong. A produtora do filme, entretanto, achou por bem filmá-la no País de Gales porque certas regiões do País de Gales se parecem mais com Hong-Kong do que com Hong-Kong.

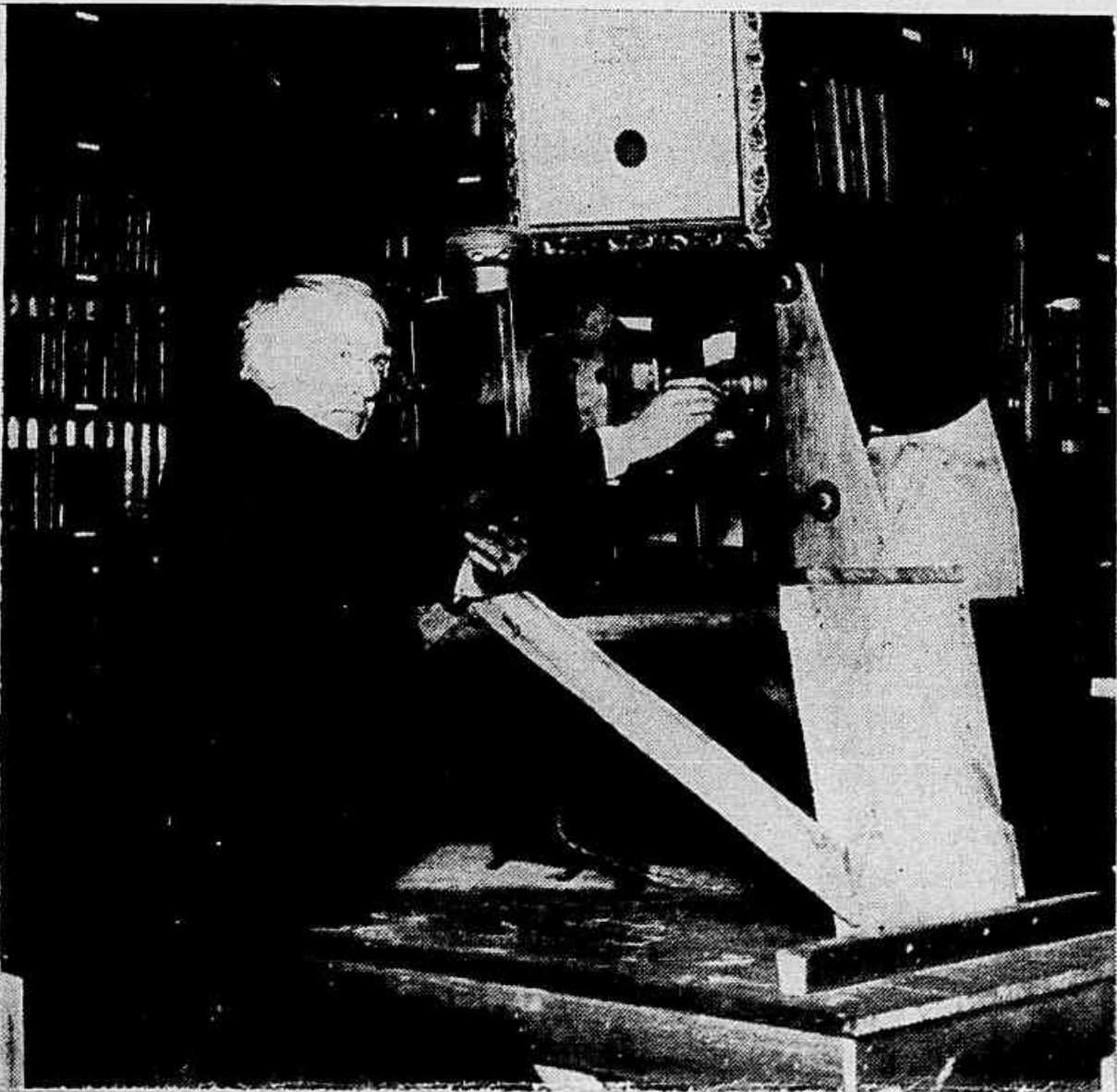
VIAJOU DA ÁSIA PARA A AMÉRICA PARA ASSISTIR A UM FILME

Existe um cidadão em Tóquio que viajou da capital japonesa a Nova Iorque (40 horas de avião) apenas para assistir a um filme. Trata-se de Toghishige Ishikawa, gerente da RKO no Japão. Toghishige, que participara da produção da película “Escapade in Japan”, não tivera oportunidade de ver o resultado de seus esforços. Quando o filme estreou nos EE.UU., Toghishige não teve dúvidas, cruzou o Pacífico, desembarcou em Nova Iorque, tomou um táxi que o levou do aeroporto ao cinema onde estava sendo exibida a película, assistiu ao filme e voltou imediatamente para o aeroporto, onde embarcou em outro avião com destino àquele país asiático. O capricho do japonês custou cerca de 120 mil cruzeiros.

JUVENTUDE TRANSVIADA FAZ DAS SUAS

No elegante cinema Center, de Nova Iorque, deu-se uma das cenas mais degradantes que se pode ter memória de qualquer cinema do mundo. Um filme de “rock’n’roll” intitulado “Jam-boree” estava sendo exibido quando uma turma de rapazes e moças da juventude transviada começou a fazer algazarra. Pu-

As primeiras máquinas projetoras de cinema. Na foto, o cientista Alva Edison quando testava o projetor na biblioteca de sua casa.

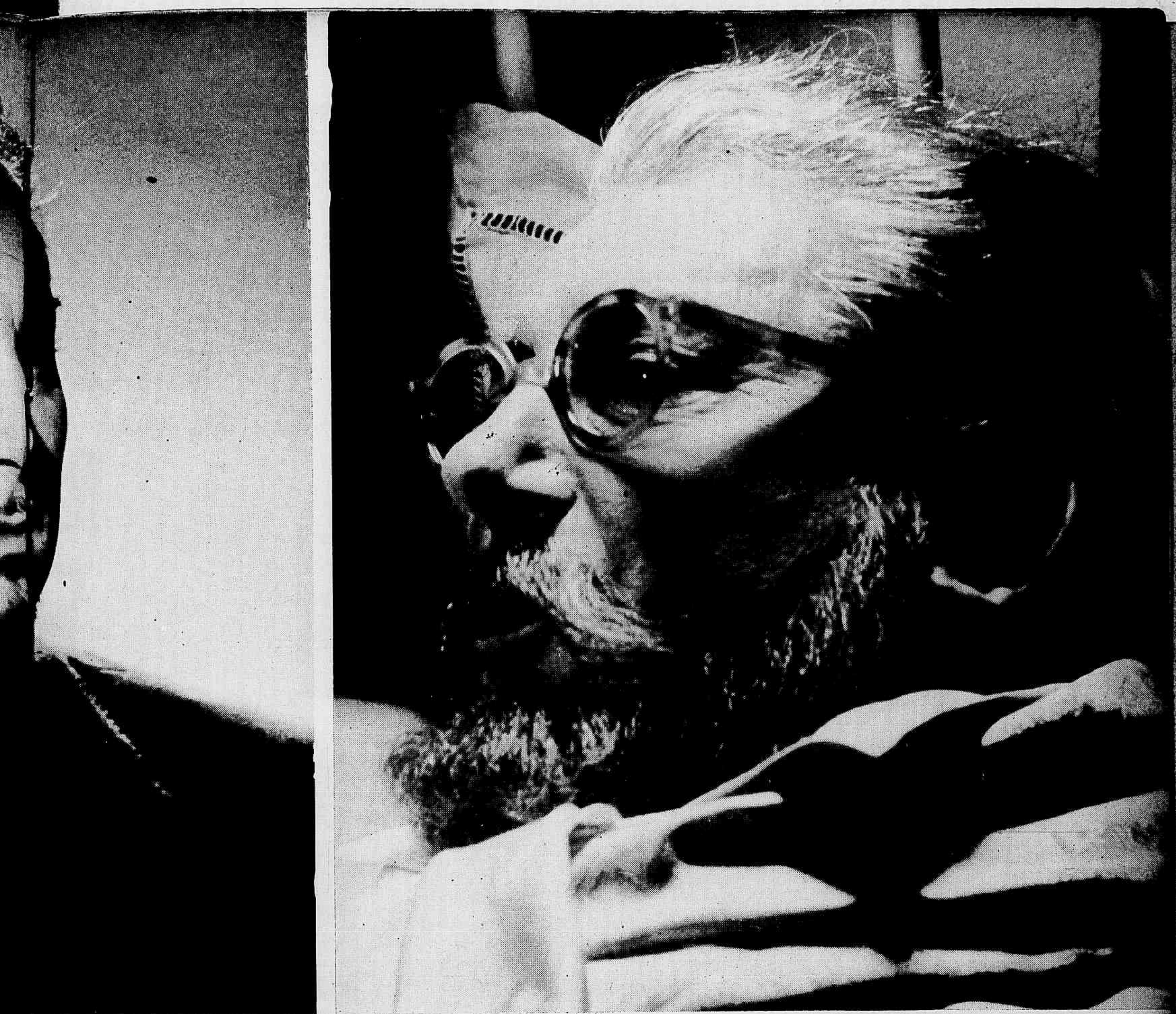


Um exemplo de caracterização perfeita. O ator francês Pierre Brasseur. O robusto e saudável Brasseur aparece no filme “La Vie

lavam, dançavam, gritavam histéricamente e assobiavam estridentemente. Quatro “vagabundos”, preocupados com os danos que poderia causar tão insolente platéia, procuraram acalmar os ânimos e tiveram como resposta uma agressão coletiva por parte do grupo que esfaquearam e apunhalaram os funcionários da casa. Com a intervenção de uma patrulha policial os “bons moços” deixaram silenciosamente o cinema depois de revistados pelos policiais. Na busca realizada pelos agentes da lei foi encontrado um verdadeiro arsenal de facas, punhais e navalhas deixados sorrateiramente debaixo das poltronas...

FILME PROIBIDO

Uma película recentemente exibida no Brasil foi proibida na Índia. Trata-se de “O Rei e Eu”, que depois de exibida em alguns cinemas de Nova Delhi foi retirada de cartaz. A decisão do governo indiano se deve ao fato da forte pressão exercida pelo governo monárquico da Tailândia, que considerou a obra ofensiva a seu regime e a seu povo.



Brasseur para desempenhar o papel do famoso escritor Sacha Guitry — recentemente falecido — passou por uma incrível transformação a Deux” como um velho de 71 anos, doente e alquebrado. Ao lado, o mesmo Brasseur como é na realidade.

O HOMEM QUE MAIS FILMES ASSISTIU...

... foi Reg Whitley, crítico cinematográfico do jornal “Daily Mirror”, de Londres, que durante sua carreira de 50 anos de jornalismo assistiu a 7 mil filmes e viajou 110 mil quilômetros para assistir “in loco” a produção das películas que mais tarde iria criticar. Reg aposentou-se do jornal londrino com 71 anos de idade.

CINEMA — PARAÍSO DOS FUMANTES

Até pouco tempo fumar nos cinemas de Londres era proibido. Agora, porém, os dois cinemas do circuito Classic lançaram a nova moda. Criou-se, então, os chamados “Smokeless Days”, o que quer dizer dias em que é proibido fumar na sala de projeção e dias dedicados àqueles a quem o fumo desagrada. Dos 7 dias da semana, apenas dois são dedicados aos abstinentes.

A propósito, foi fundado recentemente um cinema em Hamburgo (Alemanha) cuja característica principal é ter uma parede de vidro que separa os fumantes dos não fumantes.

Vale lembrar que o proprietário de um cinema de Brooklyn, preocupado com a saúde de seus freqüentadores, proibiu que os mesmos fumassem na sala de projeção de seu cinema. A queda de freqüência foi de tal monta que o proprietário, para evitar a falência de seu estabelecimento, não só suspendeu a proibição como até instalou um quiosque para a venda do que ele chamou de “pregos de ataúde” (referindo-se aos cigarros).

E POR FALAR EM CINEMAS CURIOSOS...

Ios cinemas mexicanos existem sempre dois investigadores que rondam a sala de exibição para impedir que os espectadores imitem os atores em cenas de amor. Para as autoridades mexicanas, beijo fora da tela é imoralidade.

O cinema Gospher de Minneapolis, E.U.A., inaugurou um serviço de sessões ininterruptas durante as 24 horas do dia.

Sem dúvida, a cidade de Minneapolis é a mais curiosa nesse particular. O cinema Academy, por exemplo, lançou um sistema que por certo dará muitas dores de cabeça a seus proprietários.

A COMÉDIA HUMANA



Els aqui um truque de foto-montagem. Nessa foto, Cornel Wilde aparece quatro vezes numa fotografia. Trata-se de uma foto de publicidade para o filme "O Trampolim do Diabo" em que Wilde tem nada menos de 4 atividades na película: escreveu o roteiro, interpretou, dirigiu e produziu a película.

Trata-se de "cinema fiado", isto é, o espectador pode assistir filmes durante os 30 dias do mês e pagar a conta quando receber o ordenado. E tem mais, o cinema Academy ainda oferece presentes de aniversário a seus freqüentadores.

Ainda nos EE.UU., um comerciante de Ookley fundou um cinema ao ar livre. Os cinemaníacos aplaudiram a idéia mas os vizinhos não eram da mesma opinião. O barulho era insuportável. O comerciante achou por bem "subornar" seus vizinhos e ofereceu-lhes alto-falantes que, ligados ao distribuidor de som do projetor cinematográfico, transformavam o ruído em som. Agora, os outrora revoltados vizinhos, "escutam" os filmes em casa. Quem não está gostando disso é a estação de rádio local, que perdeu seus ouvintes de radioteatro.

Existe uma cidadezinha no sul da Inglaterra chamada Grange-over-Sands. Grange possuía, em 1957, 2.948 habitantes. Essa pequena localidade dispunha de apenas um cinema que fechou suas portas no começo do ano em curso. Motivo: uma lei que reza: "Todo o cinema de qualquer localidade com mais de 3.000 habitantes terá de pagar imposto". Acontece que, por ironia da sorte, o último recenseamento acusou 3.002 habitantes para Grange-over-Sands e o proprietário do cinema não estava em condições de pagar o tributo à coroa.

O CINEMA NO OUTRO LADO DO MUNDO

O cineasta Vincent Sherman, de regresso da África, onde fôra filmar a película "Naked Earth", contou coisas incríveis sobre sua aventura no Continente Negro. Para começar, os nativos de Uganda, que ajudaram na produção da película, se recusaram receber o pagamento em dinheiro papel porque as cédulas seriam devoradas pelas formigas (os nativos guardam o dinheiro enterrado no quintal de suas casas). Outros nativos não aceitaram dinheiro de maneira alguma; queriam que seu trabalho fôsse pago

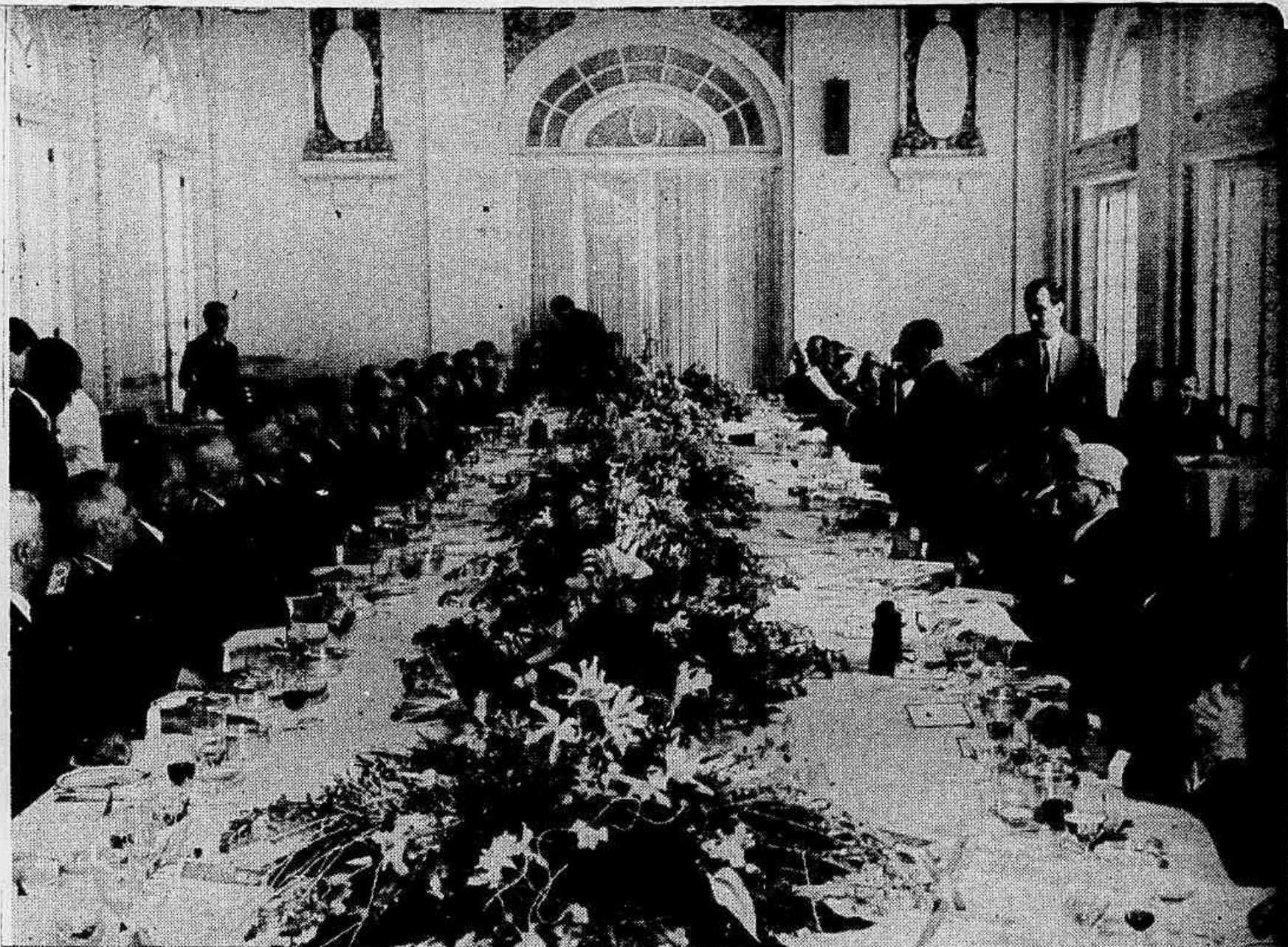
com cabras, pois com uma cabra um nativo compra uma mulher e na opinião dos ugandenses, uma mulher é uma coisa muito útil. Outro problema que Sherman encontrou foi com o título da película. Para os "versados" em inglês da região e os "entendidos" em literatura, "Naked Earth" significava "terra nua" e aquilo era um insulto, pois na verdade nem todos andavam despidos em Uganda. Em represália contra a "insolência" do cineasta, os nativos resolveram sabotar a produção. Foi preciso que Sherman falasse com o "kabaka" (o feiticeiro da região) para que tudo ficasse esclarecido. Não termina aqui a odisséia de Sherman; durante a noite era impossível se transitar pelas estradas, pois o leito das mesmas era também o leito preferido dos elefantes que, com seus enormes corpos, dormiam ocupando toda a largura da estrada. Durante os 5 meses em que Sherman esteve em Uganda perdeu 8 quilos, teve duas crises de desintéria e apanhou uma febre tropical.

Na Malaia, os filmes têm legendas em 9 idiomas ou dialetos. Assim, o cidadão que vai ao cinema encontra letreiros nas seguintes línguas faladas no país: hindi, tamil, malaialan, sindhi (para os espectadores de origem indo-malaia) e malaio, mandarim, hokkien, teochew e cantonês (para as comunidades de origem chinesa). 874 filmes estrangeiros foram vertidos para os idiomas nacionais durante o ano de 1957.

A Rússia possui 62 mil cinemas sendo, portanto, o primeiro país do mundo em número de casas de espetáculos no gênero. Em segundo lugar vem os EE.UU. com menos de 20 mil casas e em terceiro a China Comunista com pouco mais de 9 mil. O Brasil possui 3.200 cinemas. Na U.R.S.S., os cinemas têm programas triplos e existem também os chamados cinemas ao ar livre que apresentam filmes de enredo de longa-metragem além dos cinemas ambulantes, com 12 mil unidades circulando por toda a União.



Um brinde entre os srs. Mário A. Ribeiro e gen. Nelson de Mello.



Flagrante parcial do almoço no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro.

O GRANDE PRÊMIO "DUQUE DE CAXIAS"

NO DOMINGO 24 de agosto o Jockey Club Brasileiro prestou a sua tradicional homenagem ao Exército Nacional, recepcionando os oficiais gerais sediados nesta capital com um almoço no Salão das Rosas do Hipódromo da Gávea e fazendo correr a importante prova «Grande Prêmio Duque de Caxias», em honra do patrão das nossas forças de terra. O sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente da sociedade, saudou o Exército Brasileiro, em nome do qual agradeceu o gen. Augusto Magessi. O «Grande Prêmio Duque de Caxias» foi vencido pela égua «Turqueza», do Stud Paula Machado, cujos titulares, os irmãos Francisco Eduardo e Linneo Eduardo de Paula Machado foram saudados pelos presentes com uma taça de champagne. Uma festa de cordialidade e distinção, que mais uma vez reuniu as figuras destacadas do nosso turf metropolitano e do exército brasileiro.



Os irmãos Paula Machado são saudados pela vitória de «Turqueza» no G. P. Duque de Caxias.



Em nome do Exército, o gen. Augusto Magessi agradece a homenagem do Jockey Club Brasileiro.



O sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, saúda o Exército.

Futebol pode dar lucros:

"BLITZ" DOS CLUBES



Nos dias de grandes jogos o Maracanã produz grandes arrecadações. Depois da conquista da Copa do Mundo o interesse do público

COM ESTA REPORTAGEM pretendemos auscultar a posição dos grandes clubes do futebol carioca em face dos seus problemas financeiros, através da palavra de seus presidentes. A vitória do Brasil na "Copa do Mundo", interessando um público até então indiferente ao esporte e atraindo-o para os estádios no campeonato da cidade, veio estimular decisivamente os esforços dos clubes para se livrarem de uma renitente crise que os acompanha há muitos anos.

Esta epidemia crônica de deficits atinge com mais rigor os chamados "clubes pequenos", cujas possibilidades de grandes atua-

ções não podem ser freqüentes: vale dizer que suas arrecadações são fracas. Os "pequenos" representam ainda um dos mais desagradáveis papéis do esporte, o de celeiros dos clubes poderosos: revelam bons jogadores e — para safarem-se dos eternos prejuízos — são obrigados a vendê-los, instituindo verdadeiros leilões de mercadoria humana.

Os clubes "grandes" estabelecem entre si uma feroz luta, cada qual querendo reter em seu poder a parte do leão. A meta desta guerra autêntica chama-se campeonato e prolonga-se por alguns meses de contínua agitação. A opinião pública oscila violenta-

S CONTRA OS DEFICITS



cresceu, e os clubes querem aproveitar os bons ventos, libertando-se dos insucessos financeiros que os perseguem.

mente de acôrdo com as vitórias, e derrotas, exigindo a saída ou entrada de profissionais no quadro principal; surgem as famosas "ondas" — um técnico sai, outro é contratado. Os figurões do clube (os chamados "cartolas") pressionam os organismos de direção com as mais variadas imposições; os profissionais treinam, jogam, contudem-se, sofrem estafa, relaxam a produção, recebem vaias da platéia; enfim, é realmente uma guerra, e como tal só traz vítimas, exclusive naturalmente o campeão e sua torcida.

E uma das principais vítimas é a situação econômica dos clubes — embora qualquer dirigente afirme com bossa industrial que "o futebol hoje é um negócio" os departamentos de futebol pro-

fissional de todos os clubes do Rio são reconhecidamente deficitários. Como é que se luta tanto para sofrer prejuízos? Por que o futebol, tendo tamanha popularidade em nossa terra, não consegue lucros? Foi um pequeno aspecto destes problemas — que envolvem dezenas de circumproblemas — que tentamos abordar, visando conhecer um pouco da situação financeira atual dos grandes clubes do Rio. Os presidentes do América, Bangu, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, nos apresentaram depoimentos que refletem, em resumo, o presente estado de desenvolvimento de suas gestões, focalizando também as justificativas das posições que assumiram diante dos desequilíbrios financeiros.



Solich não é mais um simples técnico para o Flamengo. De sua presença à boca do túnel depende a confiança da torcida — que significa renda.

Fausto de Almeida (Bangu): OS JOGADORES DO BANGU GANHAM MAIS DO QUE O SEU PRESIDENTE

O presidente do Bangu acha que as taxas pagas por utilizar o Estádio Municipal do Maracanã e à televisão são os principais causadores dos prejuízos dos clubes. Foi justamente Fausto de Almeida que apresentou na FMF um relatório do IBGE contendo estatísticas de frequência nos campos de futebol. De 54 a 57 o público caiu de 3 600 000 espectadores para 1 700 000. São cifras que o presidente alvirrubro guarda de memória e que nos revela indicando a televisão como elemento responsável pela captação destes espectadores que abandonaram os campos de futebol.

Fausto de Almeida considera as excursões como "as válvulas de equilíbrio orçamentário dos clubes". Mostra-nos que uma excursão ao exterior dá em média 2 milhões, ganhos em 60 dias, e esta quantia possibilita recursos suficientes para a manutenção dos clubes nos 300 dias restantes do ano.

O presidente afirma-nos que o Bangu movimenta 24 milhões por ano e que o "deficit" geral do clube (em 1957) foi de 2 milhões. Mas acha o resultado compensador, em razão da obra de assistência social (programas esportivos e culturais) que o Bangu vem prestando aos operários da Fábrica e suas famílias. E Fausto acrescenta com orgulho que o Bangu é o terceiro clube do Rio em quadro social, atrás apenas do Vasco e do Fluminense e o que cobra as mensalidades mais baratas de todas (Cr\$ 50,00). Qualquer torcedor sabe que o Bangu, a exemplo do Fluminense, está pondo em prática uma política administrativa contrária às grandes despesas. Fausto de Almeida acha esta a solução mais indicada para o clube no momento, e justifica o aproveitamento de um quadro sem jogadores de grande cartaz, salientando que "a renovação de valores no Brasil é imensurável". E acha que os jogadores do Bangu recebem ótimos vencimentos (sendo o

salário-teto de 17 mil cruzeiros) comparáveis aos dos coronéis do exército e dos letra "O" do Serviço Público. E ainda comenta:

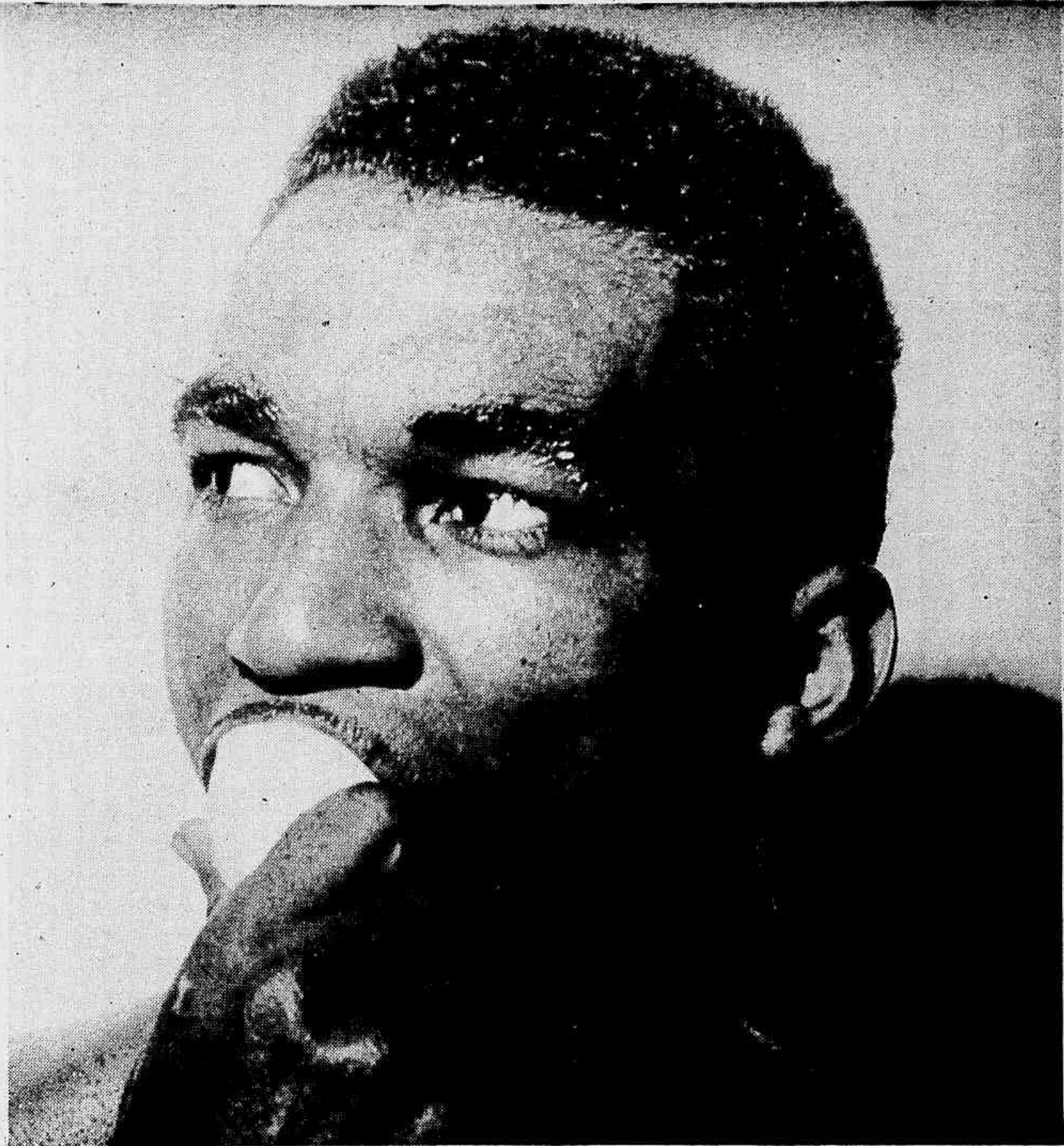
— Somadas às gratificações, vê-se que os jogadores do Bangu ganham mais do que seu presidente, com seus 23 anos de serviço público e no fim de sua carreira funcional."

O presidente do Bangu conclui suas observações na esperança de que seu time faça brilhante figura no campeonato, "chegando pelo menos à frente de dois dos quatro "grandes" em 58."

"Embora eles tenham orçamentos duas e mais vezes maiores que os nossos, defendemos a tese de que não é só com craques renomados que se conquistam vitórias."

Hilton Santos (Flamengo):
"CALENDÁRIO ANUAL DE JOGOS."

O presidente do Flamengo localiza num plano eminentemente administrativo os reveses financeiros dos clubes do Rio. Admite que a questão dos "deficits" abrange vários fatores determinantes, mas, a seu ver, bastaria que o Flamengo organizasse uma programação anual de seus jogos para que se resolvesse de vez a situação econômica do clube. Em vista disto, já está comandando a elaboração de um calendário fixo das partidas do Flamengo por uma temporada inteira, incluindo os prélios de campeonato, os amistosos locais e as excursões. A principal utilidade deste calendário é a de fornecer à administração do clube uma larga perspectiva dos futuros compromissos com uma boa margem de antecedência, o que permitiria uma certa estimativa dos lucros e despesas que o Flamengo encontraria. Portanto, a medida adotada pelo Flamengo é perfeitamente coerente com o ponto de vista de seu



Hilton Santos considera Vasco x Flamengo em "melhor de três" um verdadeiro tesouro. Didi (o mais bem pago do Brasil), sozinho vale um espetáculo.



Barbosa quase abandonou o futebol quando o Vasco o dispensou. Foi resgatado ao seu posto em 59 e hoje é um dos cartazes do time.

presidente diante dos fracassos financeiros que assolam os clubes de futebol. Julgada a causa principal — a organização administrativa — é através dela que se procurará debelar os malôgros.

E, inteligentemente, o presidente do "mais querido" acaba de instituir uma taça a ser disputada entre Flamengo e Vasco, numa "melhor de três". A tradicional rivalidade que cerca este embate é uma fonte permanente de lucros à espera de ser aproveitada. O último Vasco x Flamengo, realizado por ocasião do Rio — São Paulo, rendeu a bagatela de 4 milhões de cruzeiros, recorde brasileiro em partidas regionais. É esta a mina que o presidente do Flamengo quer explorar.

Como todos os seus co-irmãos, busca o Flamengo as bôlsas gordas no futebol, pois delas precisa. Não foi por falta de inte-

rêsse que perdeu Zagalo e está em vias de perder seu segundo campeão mundial, o ponteiro Joel.

Paulo Azeredo (Botafogo):
"PODEREMOS GANHAR 15 MILHÕES NA
EUROPA, EM 59."

Com suas sensacionais e vultosas aquisições, seus salários régios, seus 4 campeões mundiais, além de três craques do pré-selecionado, o Botafogo pôs o futebol em polvorosa. É o clube do momento e cada passo que dá é assunto para intermináveis discussões. Diante das críticas feitas à orientação do Botafogo, seu presidente, Paulo Azeredo, retruca que o clube não está gastando à-toa seu capital.

A ida de Vavá para a Espanha foi um bom negócio para todos: emancipou o jogador e pôs fim aos débitos do Vasco.

Pela massa humana que arrasta para os estádios o Flamengo para o clube, no final da temporada. Para evitar isto, o Flamengo



Assinala que possui hoje um dos maiores quadros do Brasil e enumera, com exemplos, as vantagens da política milionária: na semana inaugural do campeonato, o Botafogo ganhou nada menos de 2 milhões de cruzeiros, com as cotas obtidas no jogo com o Fluminense e na excursão ao Norte. As propostas que o clube tem recebido do interior do país e do exterior são as mais tentadoras.

— Em 59 realizaremos uma excursão pela Europa em bases excepcionais — afirma Paulo Azeredo. — Se tudo correr como está previsto, ganharemos 15 milhões de cruzeiros líquidos, ao fim da viagem. E por quê? Porque tem no time um Didi, um Garrincha, um Newton Santos, um Zagalo, etc.

É uma diretriz diferente na política econômica do futebol.

A maioria pensa em gastar pouco, para cortar as despesas que ocasionam os grandes prejuízos. O Botafogo está gastando muito, aproveitando ao máximo o cartaz do futebol nacional surgido após a Copa do Mundo e — como afirma-nos o seu presidente — para ganhar muito.

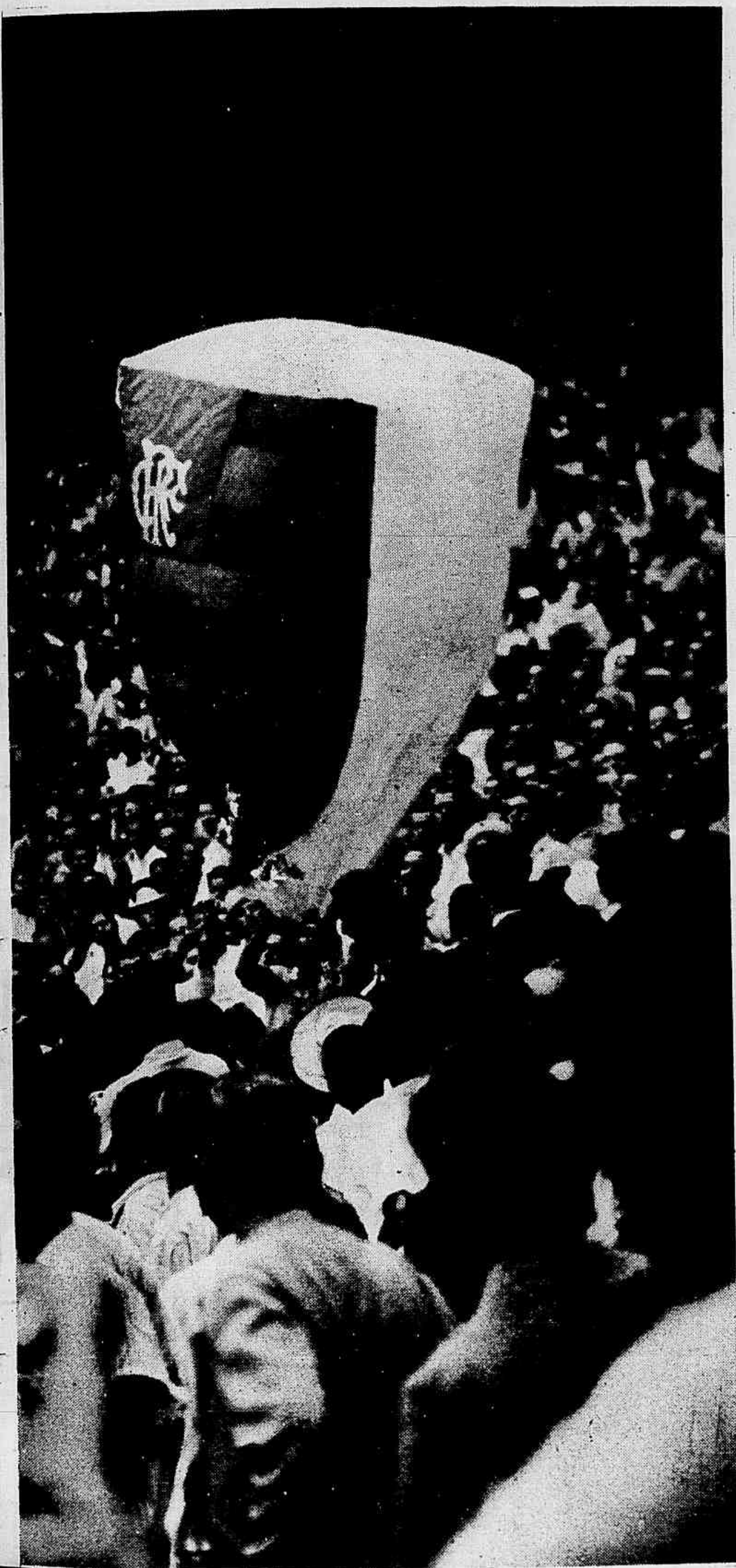
Jorge Frias de Paula (Fluminense):
“EQUILÍBRIO ORÇAMENTÁRIO É META NO TRICOLOR.”

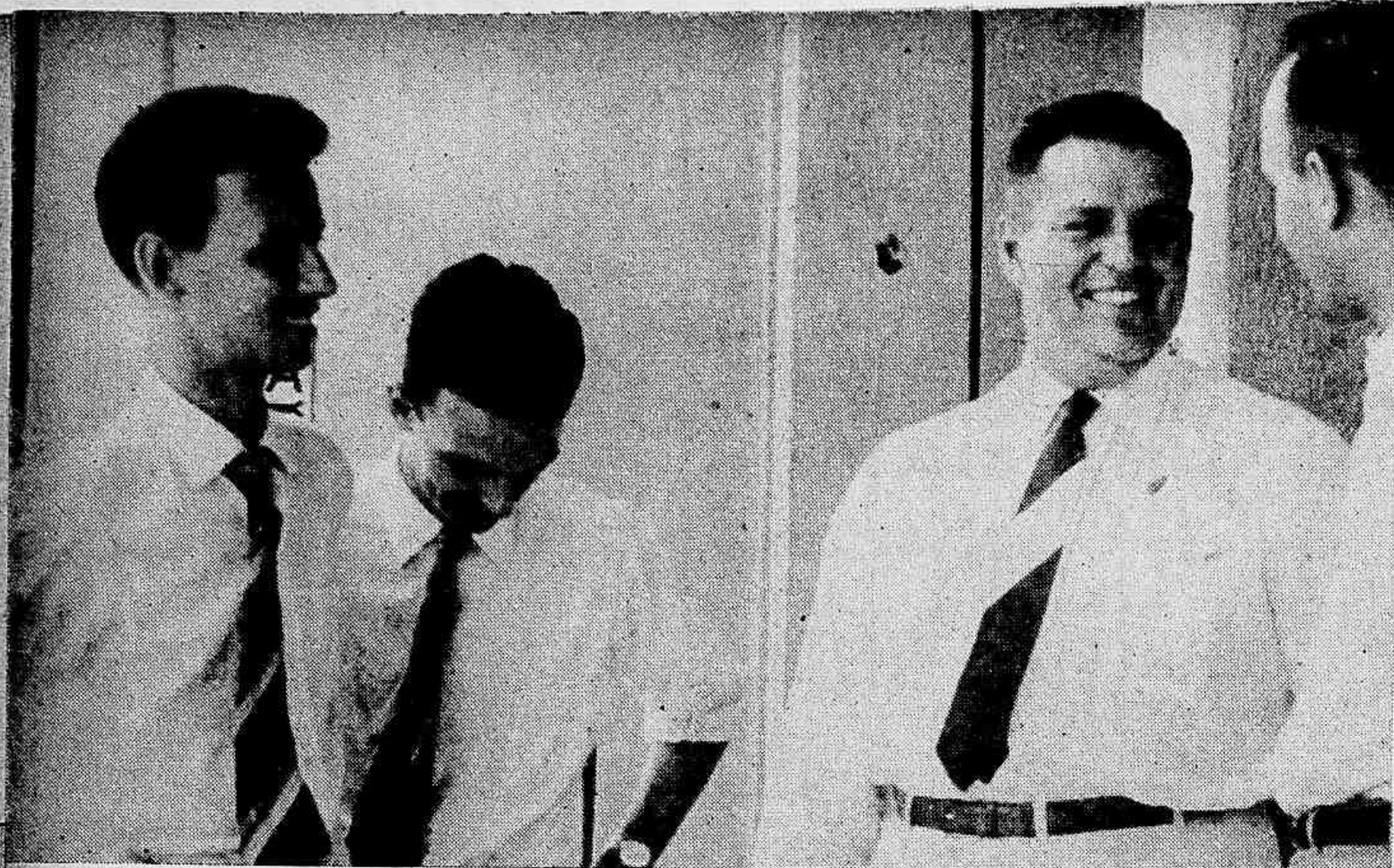
O presidente Frias de Paula de início nos surpreende:

— O Fluminense não tem problemas. Sua vida administrativa está em ordem e a financeira equilibrada.

devia estar nadando em dinheiro. Mas as cifras acusam prejuízo vai instituir um plano de seus jogos, válido por um ano inteiro.

A teoria do Botafogo reza que só um scratch fabrica superavits. Zagalo (2 milhões) foi uma meta do programa.





Nas finanças as táticas se chocam: O Fluminense faz “timinho” e o Botafogo, faz “Scratch”,

Eurico Lisboa acha que um sistema de compressão de despesas do clube é capaz de proporcionar os almejados lucros.

Enfim ó Paraíso! Mas encaminhamos o assunto para as finanças e a miragem se desfaz: a palavra “deficit” volta a imperar.

O presidente tricolor considera que as rendas dependem de um número variado de fatores, como a colocação do clube no campeonato, do tempo com que é realizado um jogo (ressalta a queda de renda num clássico em dia de chuva), etc. A solução ideal, na opinião de Frias de Paula seria a majoração dos preços dos ingressos, que os clubes pleiteiam mas que o governo recusa conceder. Ainda aponta a loteria esportiva — se bem organizada — como uma saída para o problema. E mais: fala das enormes possibilidades de uma Liga em bases puramente comerciais, através de uma perfeita união entre os clubes da cidade. Nesta Liga, as despesas dos clubes ficariam subordinadas às receitas efetivas dos jogos e excursões.

Em relação ao Fluminense, o presidente é bem claro no seu ponto de vista: afirma que o clube está procurando evitar grandes gastos com a aquisição de jogadores renomados e que o vice-presidente de futebol orienta um trabalho decalcado na experiência do passado como também da parte diretiva da Copa do Mundo. O objetivo é formar um bom plantel dentro das condições estabelecidas e limitadas pelo orçamento.

O Fluminense conta hoje com três técnicos: Pirilo, Zoulo e Jorge Vieira, assessorados por José de Almeida — e já se fala na contratação do professor Ernesto Santos, onde se vê que os recursos do clube estão sendo aplicados no sentido de proporcionar um máximo de assistência técnica ao jogador, que será recolhido nas “peladas” ainda garoto e preparado para a sua trajetória de futebolista: do juvenil ao “time de cima”.

A teoria do Fluminense é portanto totalmente oposta à do Botafogo. Frias de Paula está “apertando o cinto” — medida simples e eficiente — e também se dirigindo a um plano a que dedica especial atenção: o aumento do quadro social.

Eurico Lisboa (Vasco):
“VAVÁ PÔE AS FINANÇAS DO VASCO EM DIA.”

— Acho que os lucros do setor de futebol profissional dependem apenas de um controle de despesas.

— Apenas isto? — indagamos lembrando que quase todos os clubes apontam dezenas de causas para os prejuízos que têm com o futebol.

— Apenas controle de despesas. Um problema de administração.

Pedimos dados, solicitamos referências sobre as gestões dos outros clubes cariocas que se queixam da televisão, do preço dos ingressos, das despesas com as demais atividades esportivas do clube, do salário dos jogadores. Eurico Lisboa sorri. Não deseja falar dos outros. Não quer criticar administrações, ferir ânimos mais suscetíveis. Acha o assunto uma casa de maribondos. Mas comenta:

— Naturalmente que as finanças do Vasco no futebol poderiam ser sanadas se acabássemos com os departamentos de esporte amador do clube.

Pede a um funcionário o Balança do clube e mostra-nos o jogo das cifras:

— Veja: se cortássemos apenas as verbas de natação e de remo, o futebol profissional do Vasco daria um “superavit” de quase dois milhões, já que seus lucros são repartidos entre os esportes amadores. E estes esportes ainda diminuem de importância se verificarmos a pequena expressão que desfrutam no Rio.

Falamos sobre a venda de Vavá, o centro-avante vascaíno, campeão mundial, que foi cedido para a Espanha.

— O que representa para o Vasco os milhões de Vavá?

— Muito: com eles saldaremos todas as nossas dívidas e partiremos para a construção de uma série de obras de melhoramentos no clube, a começar pelas modificações que iremos introduzir em nossa piscina olímpica.

Eurico Lisboa considera o futebol um negócio, nos dias de hoje. E não, como temos observado, dando a cada instante com um catatau novo de números deficitários — um mau negócio. Um negócio quase desastroso, se fôssemos aceitar não mais que as frias estatísticas que nos empurram. É um caos? Um labirinto? Haverá saída para eles? O presidente do Vasco acha que sim. Já nos respondeu que o problema é, em tese, administrativo. Tem experiência. Foi por dois anos diretor de Futebol do seu clube, antes de ser presidente, colhendo bons resultados. E repete a solução milagrosa — um ovo de Colombo (pôsto um tanto lacônicamente):

— Controle de despesas!

Wolney Brauner (América):
“O AMÉRICA INVESTE EM MÉDIA, 700 MIL POR MÊS.”

Wolney Brauner afirma que a situação do América já possibilita ao departamento de futebol profissional um serviço geral de assistência. E neste sentido é que o clube faz seus investimentos (mensalmente 700 mil cruzeiros, em média).

Para Brauner existem alguns grandes problemas para os clubes de futebol cobrirem deficits — a renovação do contrato de um jogador do primeiro time, por exemplo. Nem sempre o clube pode satisfazer as exigências do profissional, que acaba por sair — deixando um buraco no time. Para evitar estas lacunas, o clube tem que contar com reservas à altura, de bom nível técnico, o que significa despesa dobrada (empregada com dois times em condições). O presidente americano afirma que num campeonato de cinco meses não se pode fazer frente às despesas de um ano, e que se o clube não for campeão ou vice, o resultado é um desastre, pois falharam as rendas do certame e as propostas de excursão — se surgirem — serão fracas. No América os investimentos no futebol estão sendo feitos para fazer crescer a receita social indiretamente. Equivale dizer que a preocupação maior do América não é conquistar o público das arquibancadas, e sim granjear sócios. No América, o sócio é considerado a fonte de renda básica do clube.

FEMININAS



♦ MANGUIN — Duas peças, casaquinho curto sem gola com borda de cetim. Bolsos verticais abaixo da cintura. Sala reta.

PARA PASSEIOS e pequenos jantares o duas-peças composto de um casaco sem mangas e de um vestido decotado em shantung de tom claro. Para guarnecer o colo despido, pesados colares em pedras de côr viva. Com os vestidos e os costumes claros, escarpins de gamo branco e couro marinho, com meio salto.

O QUE A MULHER USA EM PARIS

O QUE A MULHER USA EM PARIS

Para fazer week-end, um suéter de pele de camelo para a meia-estação guarnecido de flanela combinando com a saia. Pela manhã, blusa-chémisier em shantung natural plissado. Luvas compridas de gamo ou cabrito combinando com o cinto em forma.

Sobre a aba do pequeno canotier branco ou cinza, em organza drapeado (pois que a forma "cloche" volta à moda), ela coloca como que ao acaso, um inseto em pedrarias de cores variadas montadas sobre ouro. Com o seu chandail laranja ou branco, numerosos colares nos quais as bolas de coral misturam-se às pérolas e aos strass.

Com seu costume esporte, uma grande bolsa bege e luvas do mesmo tom; sobre muitos costumes finos recortes imitam o tecido "Prince de Galles".

Para os pequenos jantares, um cardigan em jersey d'Orlon, cor-de-pastel, guarnecido do mesmo setim branco da saia comprida.

Com o tailleur de lã, um pequeno cloche de feltro branco, e em vez da blusa chémisier, um casaco sem mangas em algodão listrado.

À noite, para o teatro ou para os cocktails, encantadores arranjos de cabeça: uma coroa de folhagens, uma rosa no coque. Sobre a nuca uma tira de inúmeras pétalas de seda leve fixada por uma minúscula fivela, ou ainda, alguns cachos presos por uma borboleta de setim bordado.

A fim de suavizar um decote, longas écharpes leves em organza de seda, por vezes guarnecidas de uma fita bordada ou pregueada. Com os conjuntos matinais, escarpins em tweed com saltos de bezerro: com os vestidos para a tarde, escarpins em fino panamá natural.

TRICOTS NA MODA

Os tricots têm agora seu lugar num guarda-vestido elegante em quase todas as estações, e a todas as horas do dia. Com a condição, naturalmente, de saber-se escolher a linha, a cor e o tecido das saias que os acompanham, de maneira a formar um conjunto harmonioso.

Para um longo tricot, gênero casaco reto, confortável, escolha uma saia lisa em flanela cinza, uma saia de veludo "côtelé" e uma saia de cheviotte lisa, larga abotoada na frente.

Para fazer conjunto com um pull-over bege ao qual um efeito de peitilho abotoado muito novo dá um ar "twin-set", você poderá escolher segundo suas preferências entre: a saia de linho de oito panos largos e cujas costuras são sublinhadas por um duplo recorte, a saia de shantung com plissados à máquina muito estreitos para a tarde, a saia de tweed fino, com duas pregas deitadas e uma prega redonda no meio da frente e nas costas. Poderão ser usadas em casa ou nos passeios matutinos.

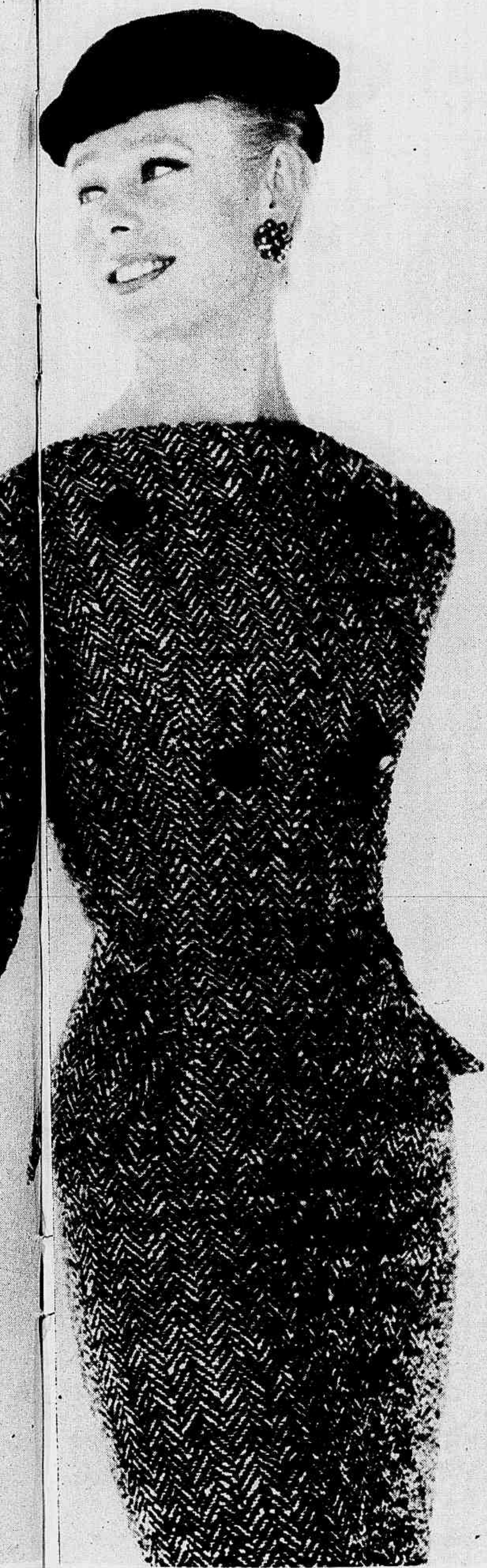
Se você prefere ao vestido os conjuntos cuja fantasia familiar concorda com as noites de meia-estação, poderá usar um pull-over em jersey de seda preta de gola alta e mangas 3/4, com a saia ao seu gosto — em ottoman de seda, feita pelo avesso, ajustada à cintura por pinças e com uma prega funda no meio e nas costas; uma saia em surah liso ou estampado, alargado em volta por grandes pregas deitadas, uma saia em organdi de seda, muito ampla, cujas pregas duplas são costuradas até à altura das cadeiras.

Também para dançar você poderá comprar um pull-over, mas que seja bem decotado. Poderá ser em jersey de seda branca e simplesmente preso ao ombro por uma larga tira segura por um clip.

Neste caso deverá preferir as saias muito amplas, de pregas, franzidos ou babados executadas em tecidos mais toilette, por exemplo, uma saia ajustada na cintura por numerosas pequenas pregas que se alargam em volta das cadeiras, uma saia em mousseline de seda muito finamente plissada, ou uma saia de organdi preto composta de três babados bordados com um vize, e com um fôrro em forma.



♦ CLARENCE — Vestido de tweed fino, bege, preto e branco, decote original sem gola, ombros largos conforme em moda, cintura marcada um pouco acima do lugar.



♦ GIVENCHY — Tailleur de fina lã azul celeste.
Casaquinho curto com franzidos na cintura. Decote
em ponta com pequena gola. Mangas três quartos, retas.



♦ DIOR — Conjunto de fina lã branca,
muito "habillé", saia reta, pequeno casaquinho,
"bustier" de cetim preto



A QUEDA FOI BRUSCA. Por um instante as árvores tornaram-se escuras e com formas indefinidas. Um barulho surdo e pesado misturou o som da cachoeira distante ao do vento. Aos poucos a luz voltou e os vultos indefinidos movimentaram-se em desordem.

Murilo fez um grande esforço e aclaramam-se os contornos das coisas. O som da cachoeira distante separou-se do gemido do vento quando se machucava nas galhas secas. Alguns piros de pássaros e gritos de pequenos insetos pontilhavam a desolação em torno. Um peso estranho encimava-lhe a cabeça. Para livrar-se dele Murilo sacudia a cabeça e quis se levantar. Impossível. A perna direita negava-se a obedecer ao cérebro. Apalhou-a. Estava quebrada. Os nervos reagiram. Uma dor imensa assaltou-o. Suor brotou-lhe na testa e depois no corpo todo.

"Que foi?" Primeira pergunta ordenada no cérebro confuso. Interrogou-se do que acontecera e procurou o cavalo. Estava atrás, mal se sustentando de pé. Os olhos semicerrados, a barriga ensanguentada.

"Pronto!" Foi a exclamação de desânimo nos lábios ressequidos. Urgia uma solução. Em volta o campo imenso, a indiferença ao que acontecera. O sol queimando.

Murilo arrastou-se penosamente para a sombra do jatobá. A perna doendo muito, o suor molhando-lhe a camisa.

"E agora?" Pegou uma fruta seca do jatobá e atirou-a no cavalo. A força foi insuficiente e o animal apenas abriu os olhos para certificar-se se havia perigo. Depois permaneceu como antes, piscando vagarosamente, e soltando, de vez em quando, pequenos gemidos. O buraco, que a estaca lhe abria na barriga, sangrava. Um sangue preto, que atraía mosquitos. O cavalo procurava evitá-los com o rabo ou sacudindo o corpo em movimentos curtos e nervosos.

"Desgraça". Murilo pensou no que poderia fazer e não encontrou solução. O cavalo não aguentaria o seu peso, tão pouco ele se aguentaria. A perna direita negar-se-ia a executar qualquer so-

A NUVEM

ANTÔNIO ARAÚJO



lução. A fruta, atirada no cavalo, matara-lhe a esperança. Se o cavalo chegasse ao curral, machucado e sozinho, mandariam procurá-lo.

Mas os dois ali estavam, inutilizados.

Uma nuvem escondeu o sol e a terra agradeceu com um bafo quente, impregnado de cheiros campestres. Após aquele vento lento, pesado, o calor aumentou. Ao longe a mata tremulava, medrosa, talvez, do castigo do sol.

Murilo olhava tudo indiferentemente. A garganta seca, a angústia impedindo a respiração normal.

Arrependido. Poderia ter sido cuidadoso. Deveria ter previsto a queda.

A curruira saiu do ninho, no alto da árvore, olhou-o e soltou um grito de espanto ou admiração. Murilo olhou para o cavalo, procurou a espingarda. Não estava no arreio. Caíra no chão a uns cinco ou mais metros de onde se encontrava.

"Castigo!". Era a exclamação de D. Maria, sua antiga professora. Ouvia-lhe a modulação da voz, o aspecto reprovador do olhar. Lendo a lição: "e o menino mau que desobedeceu o pai e derrubou o ninho do passarinho foi castigado: caiu da árvore e machucou-se". Não subira em árvores, mas caíra do cavalo. Desobediência havia: há muitos anos o pai advertira-o do perigo:

— "Quando fôr ao pasto não corra no cavalo. Tem muitos paus pontegudos. O cavalo cai e pode machucá-lo".

Se D. Maria tivesse escutado, diria, agora, ser castigo. "Destas coincidências nasce a metafísica", explicação do professor herético.

Murilo passou a mão pelo rosto suado e pegajoso. Necessário espantar os pensamentos inúteis e achar uma solução imediata para a situação.

O cavalo bateu com o pé. Murilo ia olhá-lo, mas evitou o tóco pontegudo, ameaçador. A ponta suja de sangue e muitos cabelos brancos do cavalo davam-lhe um aspecto estranho.

A imaginação humanizou-o e Murilo viu o tóco satisfeito: "Cor-taram-me e vinguei-me".

A perna não doía; estava adormecida agora. "Quanto mais quieta, menos dói", pensou.

"Que fazer?". A pergunta não foi formulada, mas existia.

A mãe, certamente, estaria costurando. Impossível passar-lhe pelo pensamento que o filho estava no mato, sozinho, com a perna quebrada, sem poder se levantar. Soubesse disto e ela viria a pé, correndo, os passos miúdos, o chinelo de pano atrapalhando-a no capim, a respiração ofegante, sacudindo os seios grandes e moles. O pai reprovaria: "Eu sabia! Cansei de falar, mas nada adiantou. Bem feito!" Pegaria na perna, que agora voltava a doer, e balançaria a cabeça: — "É preciso ter muito cuidado".

A mãe se desdobraria em cuidados excessivos:

— Isto não há de ser nada. Deus é grande!

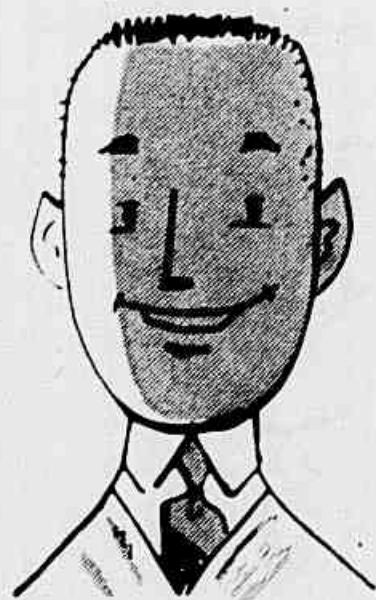
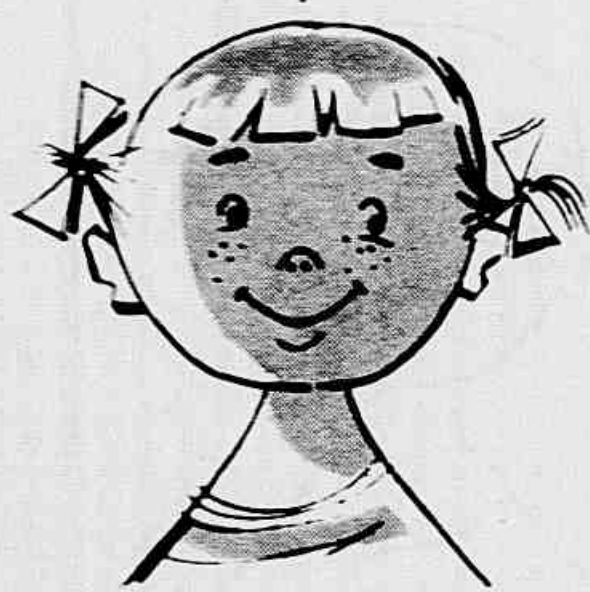
A perna doendo muito... O vento soprando era o único a chorar com os galhos pelas fôlhas caídas.

Murilo sentiu sede. A garganta seca, os lábios ardendo. O vento parou. Desolação estranha, cheia de pequenos ruídos de pequenos seres. Um grilo que faz "cri-cri", um passarinho que pia ao longe...

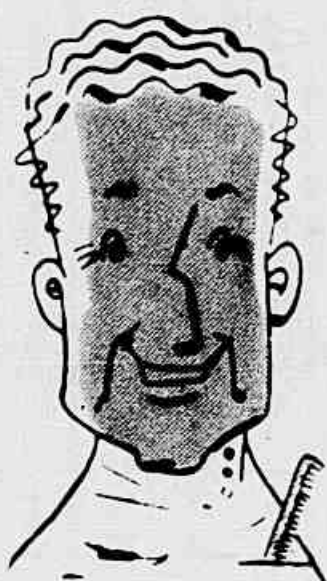
O vento voltou suave, trazendo consigo o barulho da cachoeira distante. Murilo imaginou-a: a água caindo no poço azul. Grandes sobras de árvores e a água clara, fria, a correr por entre pedras escuras. O pensamento aumentou-lhe a angústia. Vontade impotente de correr e cair no poço, beber a água fria, lavar o suor do rosto, banhar a perna doente.

Murilo quebrou um ramo a fim de espantar com êle os mosquitos que voavam em tórno de sua cabeça, entrando-lhe afoitamente no nariz e tentando assentar-lhe nos olhos. Enquanto Murilo movimentava o ramo êles desapareciam, depois voltavam cada vez mais lerdos.

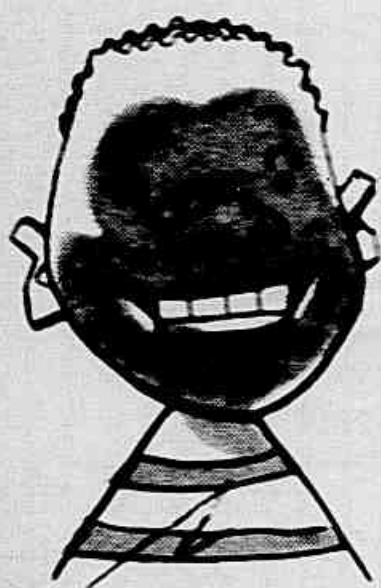
Uma nuvem começava a cobrir o sol. A sombra, agora sobre a mata, aproximava-se lenta, vagarosa, mas constantemente. Desceu das árvores, correu pelos arbustos, atravessou a cerca. Aproximou-se mais e após envolver o jatobá seguiu apressada rumo à fazenda, como se fôsse levar notícias.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

OS GALHOS DO CEDRO

(Continuação da pág. 31)

bofeteou impiedosamente um sujeito que lhe faltara com o respeito, numa estrada solitária. — Fêz as pazes com Deus, numa capelinha católica, humilde e caiada de branco, chorando ante a imagem da Virgem e depositando no cofre da santa, a fêria de um dia de trabalho. — Sistemáticamente procurava cartomantes, na ânsia de saber notícias do filho deixado no Líbano porque na sua vida errante, não recebia cartas e, muito raramente, podia enviá-las. — Várias vêzes recusou-se a casar com homens que lhe dariam conforto e paz de espírito. — Apesar de não saber ler ou escrever e de sentir dificuldade em expressar-se em português, tapeava ou comovia os fiscais que tentavam obrigá-la a pagar pesados impostos sobre as mercadorias de sua lojinha ambulante. — Os lucros do negócio, ela os trazia dentro de um saco costurado numa das anáguas. Vivia sobressaltada, temendo ser roubada e não se deitava sem o saco de dinheiro e uma "peixeira" adquirida no sertão de Pernambuco.

Nessa existência dura e cansativa, encontrava alegrias: a maior era observar a habilidade comercial de seus filhos. Os meninos, tarimbados na escola da vida, espertos e matreiros, já faziam seu próprio comércio. Veneravam a mãe e tinham também uma grande, uma desmesurada ambição. Liam e escreviam mal, porque só tomavam lições interrompidamente, à proporção que Nabira parava mais ou menos tempo, em determinados lugares. Graças porém às suas inteligências agudas e práticas, tinham grande habilidade em resolver problemas e ganhar dinheiro. Outra grande alegria para ela, era pousar em casa de libaneses e sírios. No Brasil, os dois povos se confundiam, constituindo um só. Conhecida em todo interior onde circulava, era recebida sempre com carinho pelos de sua raça. Levava notícias de uns para outros, arranjava casamentos que continuavam se fazendo à velha maneira das pátrias distantes.

Quando chegava numa casa, a vida normal se interrompia. Pediam-lhe conselhos, remédios para doenças, matavam um carneiro para fazer os pratos típicos da cozinha oriental. Conversavam durante horas. De vez em quando, Nabira tinha o enorme prazer de encontrar alguém vindo de sua aldeia que lhe dava notícias vivas do filho e do sogro. Pôde também mandar-lhes dinheiro por amigos que tendo feito fortuna, iam de visita à terra. Eram tocantes e muito humanos, os recados enviados através desses privilegiados que reveriam o Líbano dos Cedros Eternos.

A emigração se fazia cada vez mais intensa. Os primeiros emigrantes já estabelecidos e encaminhados, mandavam buscar irmãos ou sobrinhos para ajudá-los a desenvolver os negócios. Esses, encontravam o caminho feito: não tinham de rasgar sozinho e desamparados, a selva de dificuldades onde se viram perdidos os primeiros aventureiros.

E no Brasil inteiro, nos rincões mais isolados, de fronteira a fronteira, libaneses e sírios se espalhavam, nostálgicos de suas pátrias distantes, mas muito amigos do país que os acolhera.

Nem sempre recebidos com boa vontade, eram pejorativamente chamados turcos. Dolorosa ironia! Os brasileiros os enquadravam entre os conquistadores de suas terras! Os turcos não emigravam por serem os ricos e poderosos senhores do mundo árabe.

"Turco", era o errôneo sinônimo de malvado e de bárbaro. No entanto, através dos séculos, foram sempre benévolos conquistadores. Jamais impuseram seus costumes e sua religião aos países dominados.

Uma nação supercivilizada, dirigida por um pintor maluco desencadeou uma guerra há poucos anos tentando espezinhar o mundo e imolar às suas idéias de racismo, milhares de judeus...

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias de Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente
ou sem firmeza, use BEL-HOR-
MON N° 1 e quando for, ao con-
trário, demasiadamente volumoso,
use BEL-HORMON N° 2. BEL-HOR-
MON, à base de hormônios, é um
preparado moderníssimo, e efí-
ciente, de aplicação local e resul-
tados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogas ou pelo
Correio.

**BEL-
HORMON**



Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua São Januá-
rio, 706 — Rio de Janeiro.

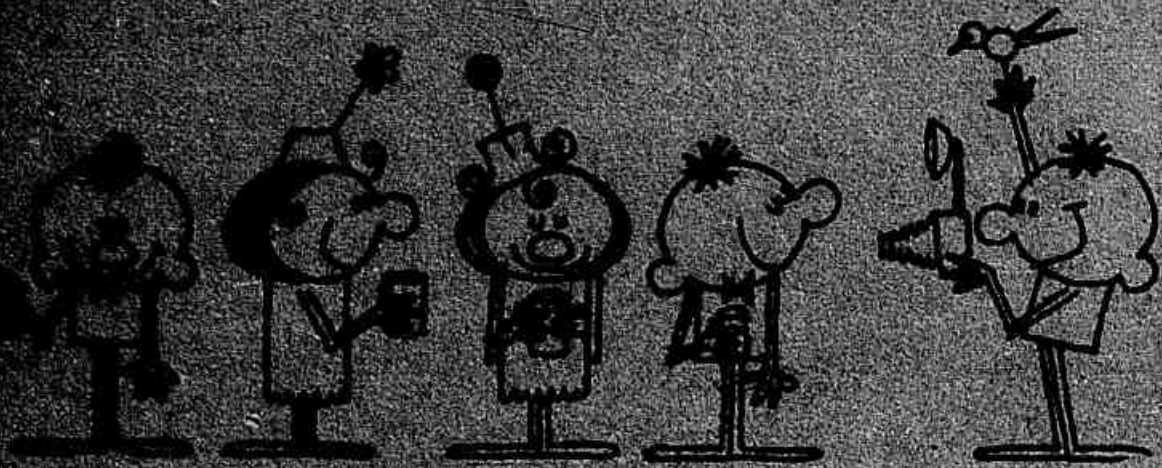
Queiram enviar-me por Reem-
bolso Postal um vidro de «BEL-
HORMON» N°

NOME
RUA N°
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

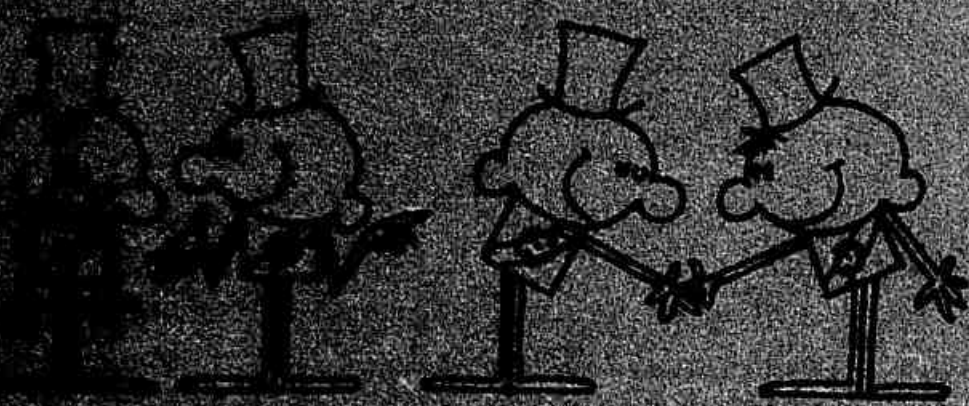
A SOCIEDADE DE NOSSOS DIAS. DIVIDE-SE EM:

AMBRÓZIO

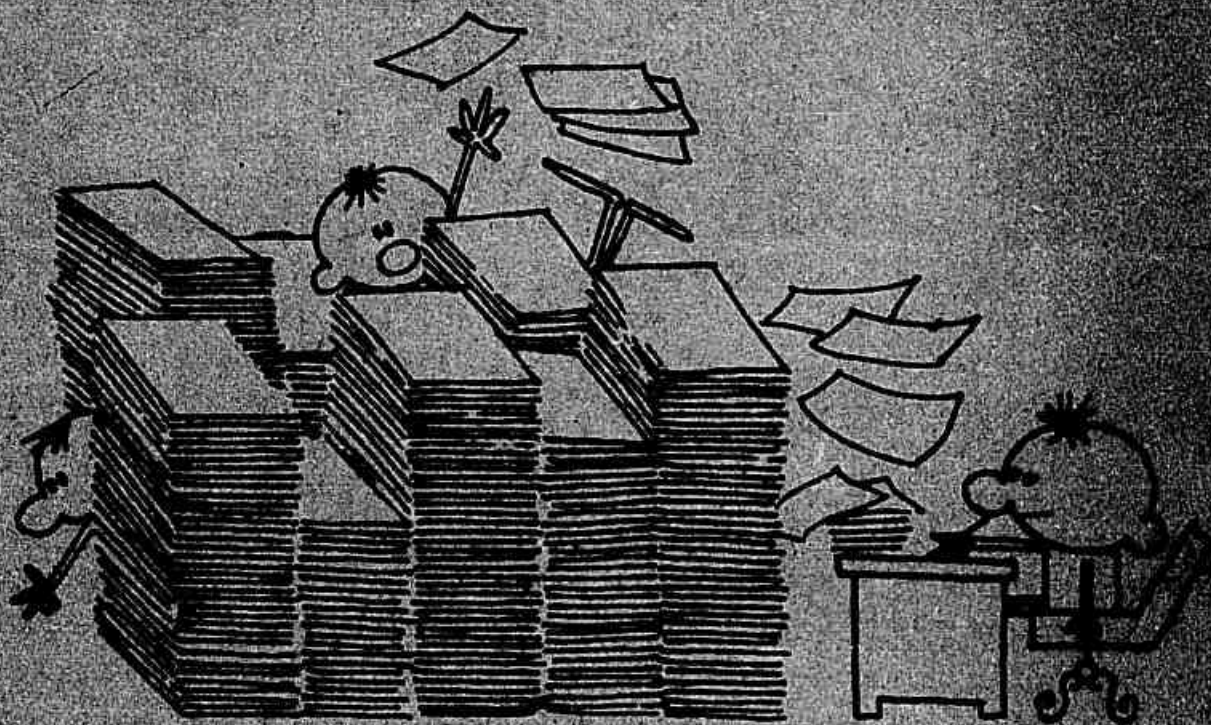
A SOCIEDADE



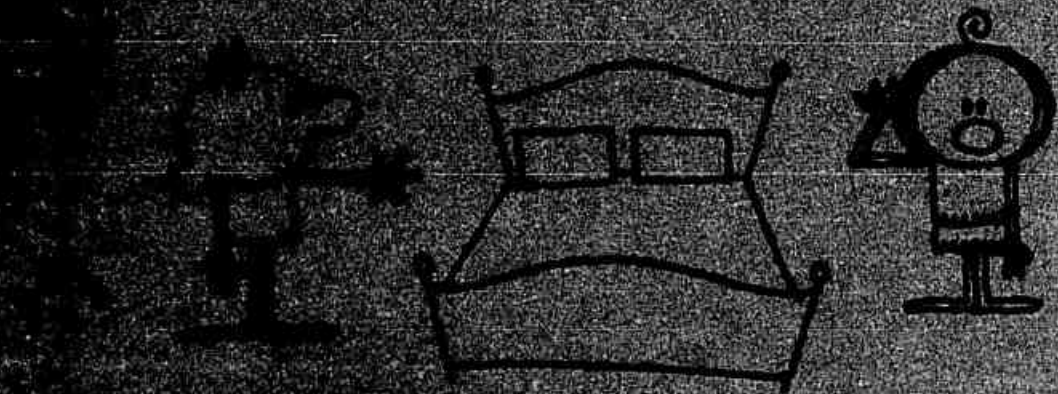
ARISTOCRATAS...



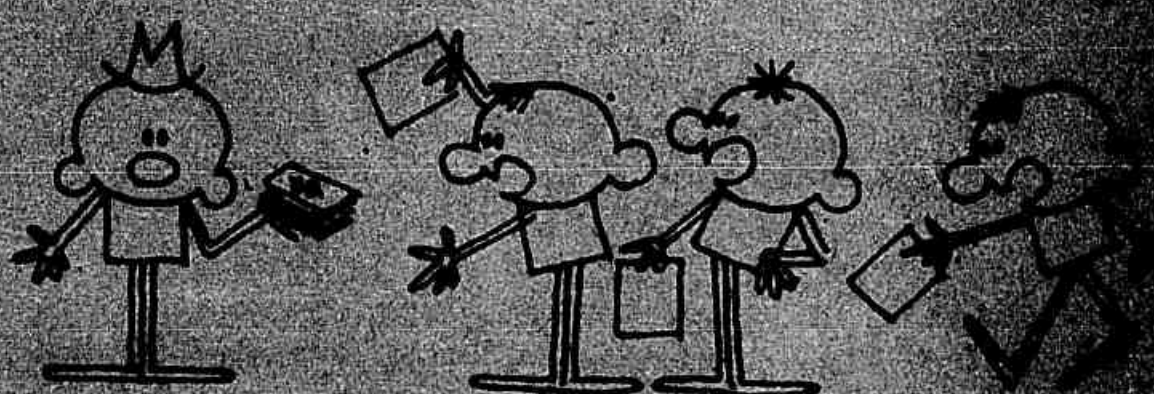
DIPLOMATAS...



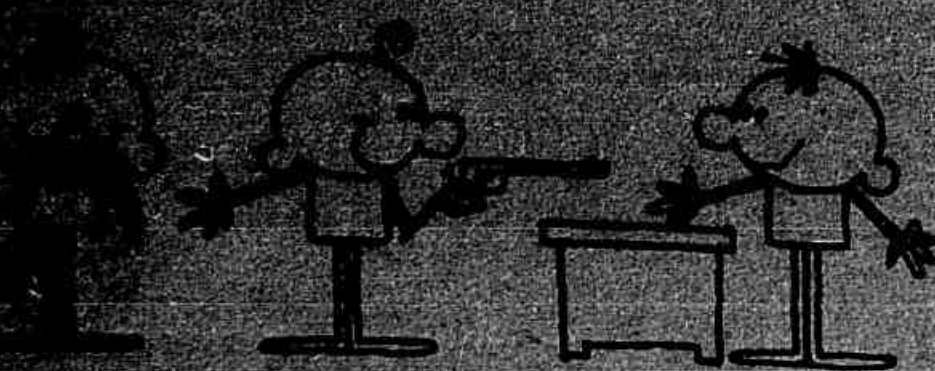
BUROCRATAS...



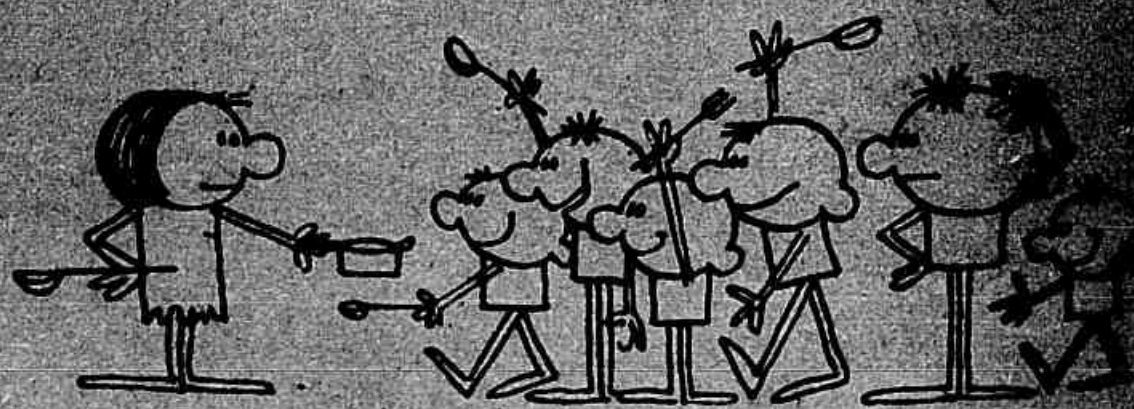
AVAREZAS...



BURGUESES...



OPORTUNISTAS...



...E OTIMISTAS!

CARTAS

ROSSELLINI

"... é a personalidade de Rossellini está bem evidenciada na reportagem. O autor fala no diretor inglês John Grierson, que esteve há pouco no Brasil. Por que não o entrevistaram?"

Ricardo Soares — D.F.

"... quero fazer meu elogio à ótima reportagem que fizeram com Rossellini. Ignorava as razões de seu prestígio como cineasta e passei a conhecê-las um pouco depois da leitura."

Ezdras Campos — D.F.

PROBLEMAS DA JUVENTUDE

"Uma bela iniciativa da R.S., a de mostrar o lado positivo da juventude brasileira. Espero que a série prossiga tão bem como começou, com a "Lareira" do padre Calasans."

Dr. Almeida Travassos — D.F.

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

"... também faço esculturas de madeira, o que me fez gostar mais ainda do seu último trabalho. Mando daqui um abraço de parabéns para Maurício Caminha de Lacerda, pelas suas reportagens semanais. Não perco nenhuma."

Ana Valença — Minas

§ Maurício agradece o interesse e retribui o abraço.

O Editor

SOCIAIS

"... e acho que os casamentos dos colunistas sociais já passaram de moda. Chuck e Mariza estão de parabéns, mas a reportagem é dispensável..."

Anita Keller — Juiz de Fora

MISS BRASIL

"... achei que o juiz de Long Beach foi injusto no que disse sobre Adalgisa. Mas achei oportuno que a RS abordasse o assunto."

Helena Godói — Petrópolis

TRAPEZIO

"... e o Panorama do "Trapézio" bate sempre numa tecla só. Prefiro as "charges políticas..."

Antônio Ramos — D.F.

LUÍS CANABRAVA

"Cada vez melhores as ilustrações de Luís Canabrava. Já conhecia o seu traço através de seu livro "Sangue de Rosaura". Esse moço (ou senhor?) é excelente tanto no desenho como na literatura. Uma sugestão: por que não publicar também alguns de seus contos?..."

Rosa Faria — B. Horizonte

§ Teríamos todo o prazer em fazê-lo. Mas o escritor deixou de escrever contos, no momento, para se dedicar a um romance.

O Editor

GAFFES

"... curiosíssimas as "gaffes" de Cacilda Becker e Adalgisa Nery. Excelente toda a reportagem."

TRANSCRIÇÃO

"... junto com esta, envio o recorte da página social do "Diário da Manhã", de Ribeirão Preto, São Paulo, edição de 10 do corrente. Como se vê na parte assinalada, cópia exata de um trecho da seção de Mariazinha Maranguape, do n. 32. E sem sequer mencionar a cronista da R.S."...

R.M.M. — São Paulo

§ Estas coisas acontecem. São as consequências inevitáveis da glória... De qualquer modo, Mariazinha agradece.

O Editor

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



1 — A rainha Maria Antonieta, a famosa esposa de Luís XVI, morreu com a idade de:

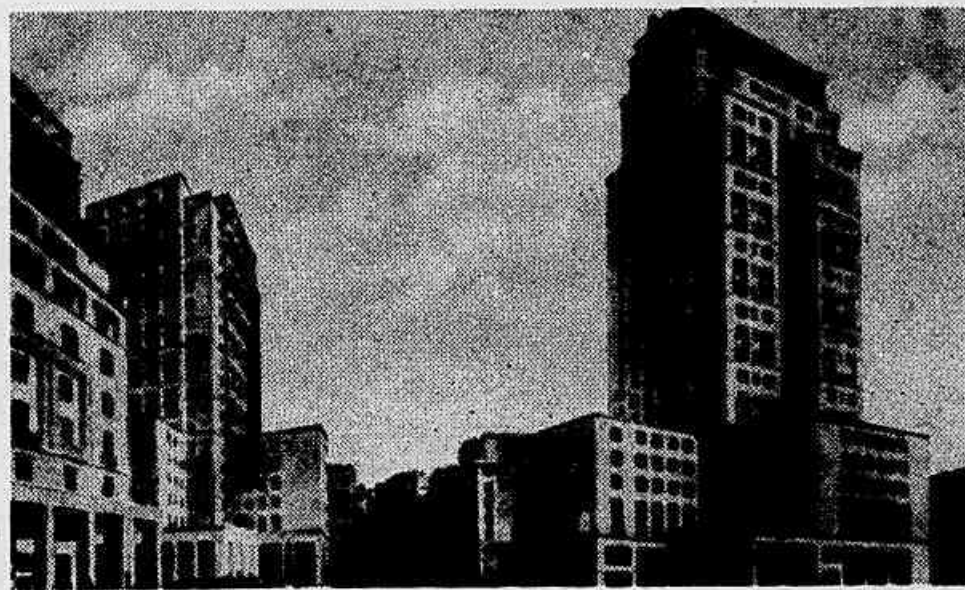
- 38 anos?
- 45 anos?
- 60 anos?

2 — Retor significa:

- Mestre de retórica?
- O mesmo que reitor?
- Porção de uma reta limitada por dois pontos?

3 — A "Cruz de Ferro" é uma ordem militar fundada por:

- Frederico Ebert?
- Adolph Hitler?
- Frederico Guilherme II da Prússia?



9 — A foto apresenta um aspecto da cidade de:

- Detroit?
- Gênova?
- Porto Alegre?

4 — A famosa estátua de Perseu, em Florença, é de autoria de:

- Miguel Angelo?
- Benevenuto Cellini?
- Fidias?

5 — Grover Cleveland (1837-1908) foi presidente dos Estados Unidos:

- Uma vez?
- Duas vezes?
- Três vezes?

6 — A "Crítica da Razão Pura" é uma obra famosa de:

- Descartes?
- Aristóteles?
- Kant?

7 — O romancista russo Leão Tolstói, falecido aos 81 anos, publicou o seu monumental "Guerra e Paz" com a idade de:

- 41 anos?
- 57 anos?
- 79 anos?

8 — Isócrates foi um célebre:

- Político?
- Médico?
- Orador?

RESPOSTAS: 1) 38 anos; 2) mestre de retórica; 3) Frederico Guilherme II, da Prússia; 4) Benevenuto Cellini; 5) duas vezes; 6) Kant; 7) 41 anos; 8) orador; 9) Gênova

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



Lucas.



Lott.

PANORAMA

UMA ESPÉCIE DE GOLPE BRANCO foi dado, êstes dias, dentro do Governo, na hora em que o Ministro da Fazenda, sr. Lucas Lopes, fiel aos seus proclamados pontos de vista sôbre o mundo de conduzir a economia e as finanças do Brasil, reeditou, espetacularmente, as críticas feitas, há dois anos, à política de gastos e pregou um regime de contensão idêntico ao programa de restrições que vem sendo recomendado insistentemente para o Brasil pelas autoridades monetárias internacionais.

Isto queria dizer que, dois meses depois da posse, o sr. Lucas Lopes não podia esperar mais para levar à prática aquelas medidas que, aprovadas pelo grupo mais ortodoxo dos economistas brasileiros, são vistas, entretanto, com as maiores desconfianças em outros meios, principalmente em vastos setares militares, que as identificam como uma forma de paralisar ou retardar o desenvolvimento do Brasil. O sr. Lucas Lopes estava perfeitamente à vontade. Sua ida para o Ministério da Fazenda se deveu ao fato de que pensava assim — e sempre teve a coragem de proclamá-lo — e porque o Brasil precisava de adaptar-se às ditas medidas, a fim de habilitar-se a empréstimos e outras concessões no plano financeiro internacional.

Na modorra em que o país caminha para a mais fastidiosa das eleições, com o povo atropelado nas voltas de um custo de vida asfixiante, perto de levar as famílias ao desespero, o acontecimento provocaria apenas os comentários dos jornais, se os problemas no seio do Governo se estivessem resolvendo com aquela aparente submissão de suas diversas partes que se vem observando desde que o Presidente resolveu assumir, mesmo, as rédeas do Poder e reformou o Ministério. O Ministro Lucas Lopes, sempre acusado de chefiar o partido "entreguista" no País, faria o seu pronunciamento em paz.

UMA ESPÉCIE DE CONTRAGOLPE foi dado pelo General Teixeira Lott, com o imediato pronunciamento que fez sôbre a manu-

tenção da política da Petrobrás e a utilização dos recursos do País. (A Petrobrás é a pedra de toque da luta "nacionalismo" versus "entreguismo", no Brasil).

O sr. John Foster Dulles trouxera na bagagem duas pretensões: não prosseguimento das operações sôbre o petróleo na Bolívia; abolição do monopólio estatal do petróleo no Brasil. O esquema adotado na Argentina, entretanto, relativamente à política petrolífera nacional, não pôde ser pôsto em prática no Brasil (pelo menos imediatamente). Na Argentina, não existe monopólio estatal do petróleo e o Presidente da República pode dispor sôbre o assunto, através de decretos e atos administrativos, como dispôs. No Brasil, o monopólio existe, por lei e, só por outra lei pode ser revogado.

Não tendo sido atendido, o sr. Dulles partiu bastante zangado. Influente figura das classes armadas acha que pior do que a repercussão da famosa foto colhida pelo "Jornal do Brasil" sôbre o encontro dos dois homens de Estado, foi o que disse o Secretário Dulles, do Brasil, ao voltar a USA.

UNIRAM-SE OS MILITARES. Comenta-se que o próprio General Castelo Branco se entendeu com o General Teixeira Lott a fim de ser mantida uma linha nacionalista dentro das forças armadas. Sabe-se, mesmo, que os dois chefes militares (o primeiro foi o candidato derrotado nas eleições para o Clube Militar por um candidato do General Teixeira Lott, o General Justino Alves Bastos) já entraram a conferenciar sôbre a forma de assegurar sucessão regular ao atual Presidente da República, em 1960.

Mas o dólar livre disparou além da casa dos 150 cruzeiros (e deixou realmente de ser o dólar turístico, pois já atende a outras necessidades mais sérias), a quantidade de moedas oferecidas aos leilões foi reduzida de vinte por cento — o que quer dizer maior encarecimento geral de tôdas as importações e do custo de vida. O Presidente recusa-se, por falta de dinheiro, a conceder aumento aos servidores públicos, — sacrificando um de seus prazeres. A

viagem, — os funcionários estão furiosos porque não entendem aritmética fazendária e querem apenas ver que cada dia precisam de mais dinheiro para comprar as mesmas coisas e a política de restrições (talvez o remédio heróico para um Governo realmente categorizado) dificilmente poderá ser posta em prática.

SÓ FALTA UM ARAMBURU. Assim opinou uma personalidade que se encontra no centro dos acontecimentos, ao examinar a situação do Presidente Juscelino Kubitschek. Entende-se que JK, por sua vontade, teria negociado o petróleo, só não o fazendo porque não pôde.

Ficou, assim, JK na posição de Perón às vésperas de perder o Governo na Argentina. De um lado, teve seus passos descobertos

com Lucas Lopes, que lhe exige restrições internas e concessões externas, sob evidente pressão dos interesses que negociam com o Brasil e cercam habitualmente o Ministro da Fazenda. De outro, encontra o General Teixeira Lott, com apoio de seus companheiros de armas, que não podem concordar com as restrições internas, muito menos com as concessões externas.

JK se encontra numa encruzilhada, da qual deve sair pessoalmente nestes próximos seis meses, em que ainda terá pela frente um Congresso que se espera seja predominantemente nacionalista.

E o México torpedeia a Operação Pan-Americana, propondo um esquema de reuniões que contraria formalmente a sugestão do Brasil e encontrou logo o apoio da Organização dos Estados Americanos

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

◆ O deputado Lutero Vargas (já se diz vencedor da eleição para o Senado) anda entristecido com jornais a quem dá entrevistas e não reproduzem as suas opiniões sobre as companhias petrolíferas...

◆ O sr. Amaral Peixoto (que pretendia ser Ministro do Exterior após a eleição de outubro) não está muito cotado nos meios militares (questão do petróleo).

◆ Por isso, mesmo, talvez, o sr. Amaral Peixoto deixa a Embaixada em Washington para candidatar-se ao Senado pelo Estado do Rio, rompendo abruptamente os entendimentos que vinham sendo mantidos com a UDN em torno do sr. Raul Fernandes e pondo inesperado fim à crise fluminense.

◆ A dissolução do Partido Comunista do Brasil não parece ter favorecido muito a posição pessoal do sr. Luís Carlos Prestes. O sr. Ademar de Barros (apesar da previsão do astrólogo, favorável ao sr. Moura Andrade, ainda acha que vai vencer a eleição) recusou-se a recebê-lo, esta semana, em São Paulo.

◆ Até Brasília — Pasárgada e donzela Hermengarda do seminarista JK — entrou na faca dos cortes orçamentários determinados por LL (Lucas Lopes) que, em matéria de verbas, é como o alfaiate Litrico: medidas curtas e pouco pano para as mangas.

◆ "Com mais açúcar do que devia", isto é, com mais ênfase do que as conversações realmente havidas, segundo uma fonte diplomática, saiu a nota conjunta dos Ministros Louis Jacquinot, do Governo francês, e Negrão de Lima, sobre a visita do primeiro ao Rio. Julgava-se que o Ministro (sem pasta, mas influente e extraordinariamente simpático) trataria de uma Operação Brasil-Europa, nos termos da Operação Pan-Americana, lançada por JK. O assunto não chegou a ser tratado, por naquele momento a Operação Pan-Americana começava a correr perigo.



Niomar.



Negrão x Amaral.



Prestes.

◆ A atitude do Ministro da Guerra do Brasil pronunciando-se a favor da Petrobrás logo após a visita do Secretário de Estado dos EE.UU. teve maior repercussão na Argentina do que no Brasil. (Os argentinos não tinham recebido a visita de Dulles).

◆ No programa "Congresso em Revista", de Murilo Melo Filho, na TV-Rio, o deputado Adauto Lúcio Cardoso, às vésperas do julgamento do mandado sobre o uso do rádio, lançou um olhar de profunda melancolia e mandou as suas "saudades" aos telespectadores, saudades suas e dos seus companheiros da Oposição impedidos de ter acesso aos microfones e às câmaras para a propaganda política.

◆ Sabe-se que o sr. Francisco Negrão de Lima aspira alcançar a Presidência do PSD nacional em breve, o que será muito facilitado pelo declínio da estrêla política do sr. Amaral Peixoto. Mano Otacílio vai bem na disputa pela Prefeitura de Belo Horizonte que (parece) acabará sendo sua.

◆ Na homenagem à sra. Niomar Moniz Sodré (Associação Comercial) os participantes do banquete eram 80. Mas seriam quatrocentos, se não houvesse exigência de casaca, para selecionar. Houve gente que veio de Belo Horizonte postular um convite, mas não foi atendida. A sra. Niomar Moniz Sodré é a figura feminina mais importante do Brasil, no momento.

◆ E para encerrar, por hoje — para a semana tem mais: JK (que gosta de pechincha) achou muito alto o preço cobrado pela Câmara para a sua viagem à Argentina: sete bilhões de cruzeiros (reclamados para os novos vencimentos dos funcionários públicos). Disse que não tem esse dinheiro. E adiou a viagem para outra oportunidade, quando o preço estiver mais barato. Seria a passagem mais cara até hoje paga, em todo o mundo...

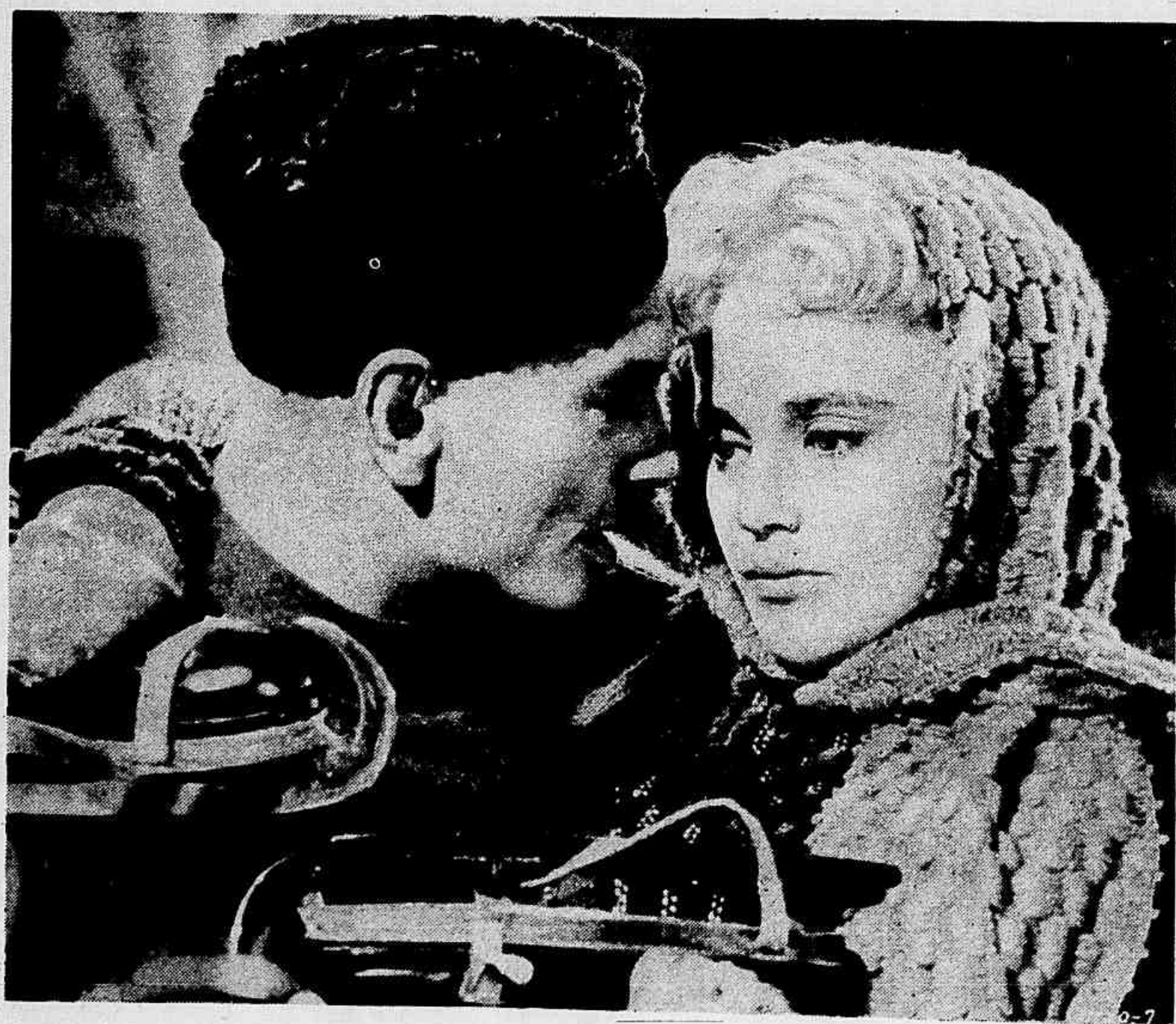
QUEM ESTÁ NO TRAPÉZIO: ... É JK. BALANÇANDO ENTRE A TESOURA DE LUCAS LOPES E A ESPADA DO GENERAL LOTT

DOSTOIEWSKY

(Os Irmãos Karamazov)

EM

HOLLYWOOD



Pai e filho desejam a mesma mulher — que prefere o segundo.



Em "Os Irmãos Karamazov", Maria Schell estreia com

CINEMA



Kathia (Claire Bloom) é a noiva desprezada por Dimitri (Yul Brynner).

FOI MARILYN MONROE quem sugeriu a Hollywood a realização da versão cinematográfica de **Os Irmãos Karamazov**. A estrela n.º 1 ainda estava fazendo **O Pecado Mora ao Lado** quando declarou que o papel que mais tinha vontade de interpretar na tela era o de Grushenka. Como houve quem estranhasse essa declaração — alguns insensíveis que não julgam Marilyn uma verdadeira atriz — os comentários e as discussões criaram, no modo de pensar dos produtores americanos, a atmosfera propícia à filmagem da obra-prima de Dostoiévsky. E a Metro-Goldwyn-Mayer, antecipando-se a todas as outras empresas, rodou **Os Irmãos Karamazov**.

Mas, em vez de Marilyn Monroe, o papel de Grushenka foi confiado a uma atriz que ainda nada havia feito em Hollywood, porém já famosa na Europa: Maria Schell. Como Katya, surgiu a inglesa Claire Bloom, revelada por Chaplin em **Luzes da Ribalta**, antes de fazer **Ricardo III** com Laurence Olivier. E os papéis masculinos de maior evidência na história foram entregues a Yul Brynner (Dimitri), Richard Basehart (Ivan), Lee J. Cobb (o velho Fyodor Karamazov) e Albert Salmi (o bastardo e assassino Smerdiacov), descendo William Shatner para segundo plano, com a redução da importância de seu personagem, Alexey, o terceiro irmão (legítimo) Karamazov.

ANTES DOS KARAMAZOV

Várias vezes o cinema tem procurado captar o espírito e a densa atmosfera dos romances de Dostoiévsky. Já houve uma versão

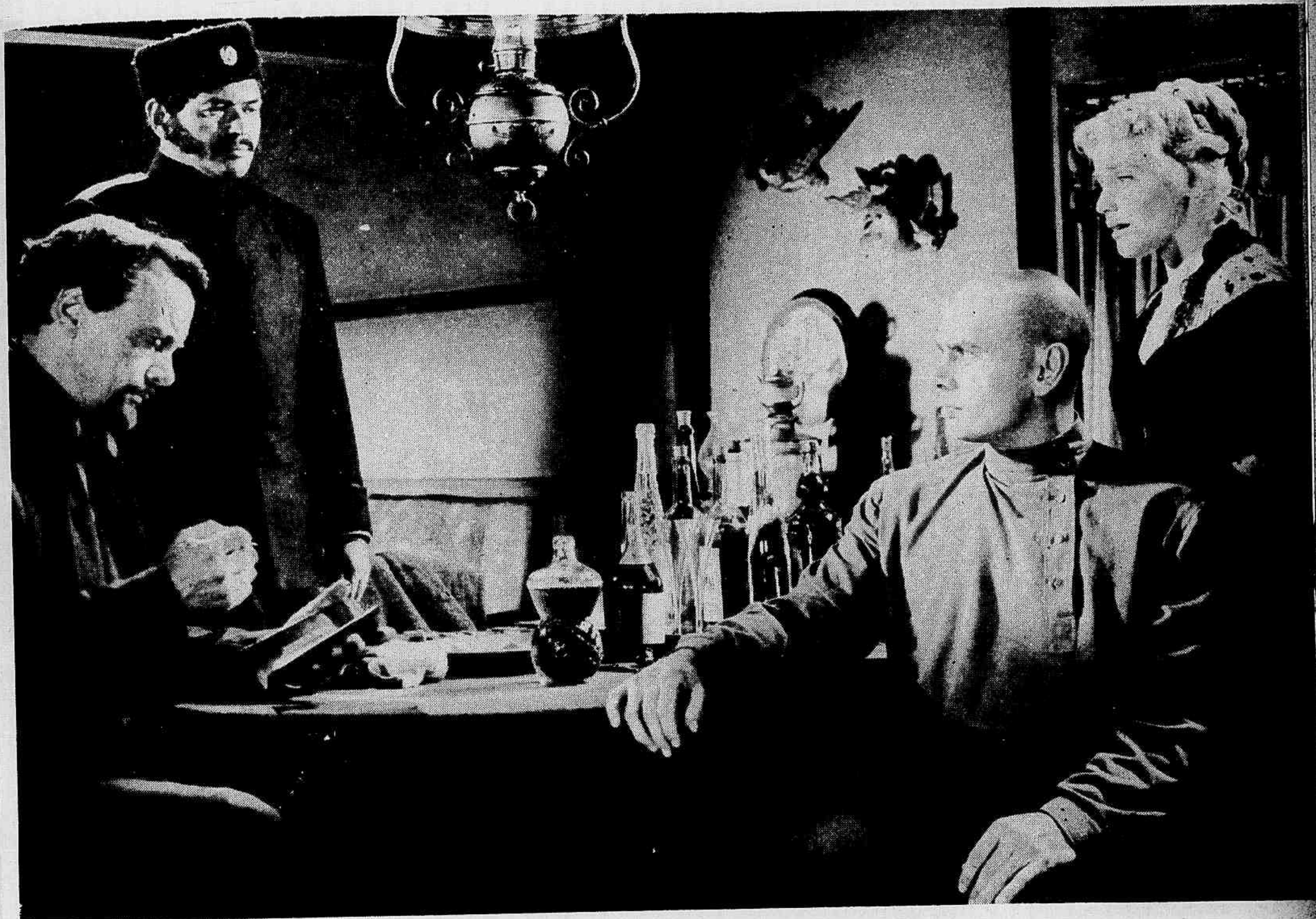
— incompleta porque focalizando quase exclusivamente Dimitri e Grushenka — de **Os Irmãos Karamazov**, a realizada por Fedor Ozep na Alemanha (1931) com Fritz Kortner e Anna Sten. Também duas versões principais foram feitas de **Crime e Castigo** no cinema falado: uma francesa, de Pierre Chenal, com Pierre Blanchar; a outra americana, de Josef Von Sternberg, com Peter Lorre. E Pierre Blanchar, depois de Raskolnikov, foi o herói de **O Jogador** — esta novela tendo servido, em Hollywood, para uma biografia (!) do grande escritor produzida na Metro com Gregory Peck (!) como protagonista, ao lado de Ava Gardner e Melvyn Douglas: **O Grande Pecador** (The Great Sinner), de Robert Siodmak.

Além desses, outros filmes extraídos de obras de Dostoiévsky merecem ser citados: **O Idiota**, com Gérard Philippe, e **O Eterno Marido**, com Raimu — ambos feitos na França, logo depois da última guerra. E na Itália, pouco antes de **Os Irmãos Karamazov**, a Grushenka deste filme foi a heroína da versão, dirigida por Luchino Visconti, de **Noites Brancas**. Ao lado de Maria Schell apareceram, então, Jean Marais e Marcello Mastroianni.

O CLIMA DOSTOIEVSKIANO

A versão atual de **Os Irmãos Karamazov** foi dirigida por Richard Brooks, também responsável pelo "script" final, que ele extraiu da adaptação do romance feita, alguns anos atrás, pelos gêmeos Julius J. e Philip G. Epstein. Bom diretor, com obras da classe de **Sementes de Violência**, **A Festa de Casamento** e **A Úl-**

éi com todo o desembaraço no cinema americano



Na sala, entre os irmãos reunidos, a acusação ~~se~~ terrível: parricídio.

Na **Caçada** em sua filmografia, Richard Brooks também tem interessante experiência na literatura. Antes de começar em Hollywood como cenarista, ele já havia publicado inúmeros contos nas melhores revistas dos Estados Unidos. E uma de suas novelas, "The Producer", é um vigoroso estudo do mecanismo interno de Hollywood e da personalidade de seus homens — produtores, diretores, escritores e artistas.

A atmosfera dostoiévskiana, especialmente a do drama dos Karamazov, oferece ao cineasta que se empenha em captá-las as mais insondáveis dificuldades. Até agora, só Josef Von Sternberg, e assim mesmo parcialmente, conseguiu um resultado dostoiévskiano com **Crime e Castigo**. No caso de Richard Brooks, o esforço do diretor é evidente em todas as passagens do filme. O essencial da narrativa de **Os Irmãos Karamazov** está na tela — mas é linear essa narrativa. A câmara de Brooks não desce até os abismos em que, muitas vezes, mergulham os personagens no livro.

É verdade que o diretor encontrou pela frente alguns obstáculos, normais no ritmo da produção hollywoodiana. Um dos mais altos, e que ele não superou, foi a presença, imposta pelo produtor, de um canastrão da ordem de Yul Brynner no papel-chave de Dimitri. Não há, no elenco, outro ator tão insensível — no elenco deste filme e também em Hollywood. Mas os outros intérpretes de Brooks, de um modo geral, estão bem, sobretudo Richard Basehart, como Ivan, o mais inteligente dos Karamazov e, involuntariamente, o causador do assassinio do pai pela influência exercida sobre o bastardo Smerdiakov por seu ateísmo e a concepção que faz do crime. Também é bom o desempenho, como Smerdiakov,

de Albert Salmi. E bom, ainda, é o do velho Karamazov, depravado e sensual até o fim, que nos dá Lee J. Cobb.

Quanto às duas estrêlas, vale ressaltar a personalidade de Maria Schell, que estréia com todo o desembaraço no cinema americano, embora a sua Grushenka não seja aquela que desejavam, aliás licitamente, os marilynistas. Claire Bloom, como Katya, a noiva desprezada por Dimitri e amada em silêncio por Ivan, é realmente uma atriz treinada e firme, mas que não costuma brilhar muito em seus filmes.

A PSICOLOGIA DA CÔR

Na tentativa de transmitir o estado íntimo dos personagens e a natureza das situações por meio da côr, Brooks e John Alton, o excelente fotógrafo de tantos triunfos, introduziram uma inovação. Esta é assim explicada pelo próprio Alton:

Em vez de iluminar os **décors** e os participantes da cena com luz natural para obter a côr original tal como vista pelo olho humano, projetamos uma mistura de cores. Isto resulta em dezenas de diferentes matizes aparecendo na tela e criando um ambiente emocional paralelo ao tonus dramático com que Brooks quis envolver certas cenas em que tomam parte Yul Brynner, Maria Schell e Claire Bloom. Em nossa opinião, esta inovação representa um passo à frente nos processos de iluminação cinematográfica e que resultará como uma grande força no sublinhamento de episódios dramáticos".

MEU FILHO É MINHA RELIGIÃO



DINAH SILVEIRA
DE QUEIROZ

COMO QUE CORREU um mal-estar por tôdas as consciências quando se soube do agravo público que o moço fizera ao pai. Os nomes aqui não interessam, e esta não é uma coluna onde os seres humanos devam surgir com o seu próprio rosto e seu registro de nascimento. O que interessa é o caso, que se fez hoje verdade humana e profunda. Esse moço, que se volta contra o pai, não irritou a todos por constituir uma exceção, e sim por bem se tornar sinal dos tempos. Por acaso, conheço uma pessoa que teve íntima amizade com o pai desse jovem.

— “Meu filho é a minha única religião”, teria dito esse homem que não acreditava em Deus, que julgava todos os credos ingênuos e até ridículos.

Sim, ele vivia para seu filho e, por isso, fazia do filho uma espécie de sua segunda vida, cem por cento feliz e despreocupada, realizada enfim. Por que o rapaz deveria trabalhar como o pai, sofrer como o pai, ter as responsabilidades do pai? A religião era o filho, e o que se nega a um deus? Se ele fosse mau amigo, se se tornasse tão ingrato com os colegas quanto com as namoradas — então! — desde os tempos do Olimpo que os deuses faziam as suas velhacarias e infidelidades, e passavam muito bem, sim senhor. Seria possível citar figuras mitológicas que fizeram o mesmo com muito proveito, e nem por isso perderam suas aprazíveis condições divinas. Para o moço não deveria haver trabalho, já que ficou estipulado, desde o sétimo dia da Criação, que trabalho é castigo para homem, disso estando só isentas, portanto, as divindades. Na sua religião — e não há pai nem mãe que não seja um pouco a caricatura desse pobre milionário — o pai ia oferecendo o que não podia, a esse ídolo que se tornava cada vez mais exigente. O moço foi amadurecendo e não queria saber de responsabilidades — o velho sempre concordando com suas atitudes. Se o rapaz queria trocar o dia pela noite, que mal haveria nisso? O pai não teria comprado, com uma vida inteira de trabalhos, o direito de fazer seu deus dormir o tempo que quisesse? Tudo era tornado doce e fácil na vida desse moço. Nunca sofreu o menor vexame, a menor dificuldade, que o pai não afugentasse, ainda que por isso tivesse de mover céus e terra. E o que aconteceu de doloroso nesta história toda é que o filho não perdoou, como

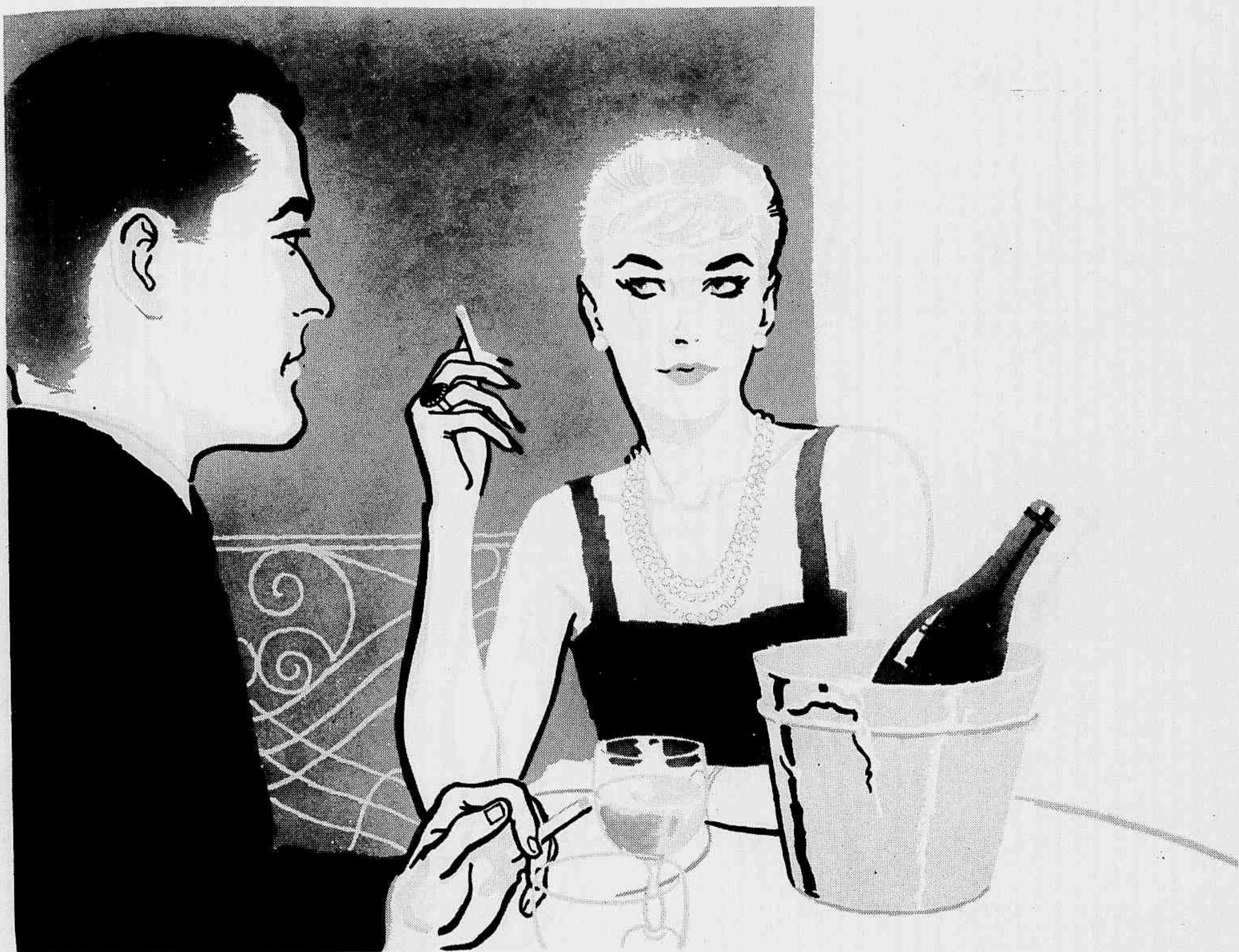
não poderia perdoar, ao pai, a sua posição de deus. Os filhos perdoam tudo, perdoam zangas, iras, até castigos físicos, severidades de toda a espécie. Eles só não perdoam o endeusamento.

Acho mesmo que a severidade cria até uma espécie de sentimento de proteção. Tenho observado que os pais mais rudes e grosseiros podem ser amados (chegam às vezes até a ser venerados) com tôdas as suas exigências e proibições. Homens rústicos, obstinados, ainda que analfabetos, são queridos pelos filhos bem mais adiantados do que eles. Assim também as mães, que não concedem liberdades aos filhos. Mas todo menino e toda menina parece ser que nem bicho que sente a fraqueza das criaturas. Ama-se o mais forte, por mais que exija de nós dedicação e obediência. Mas ninguém pode amar o fraco, o que bajula, ainda que este fraco... seja um pai.

— “Meu filho é minha religião!”

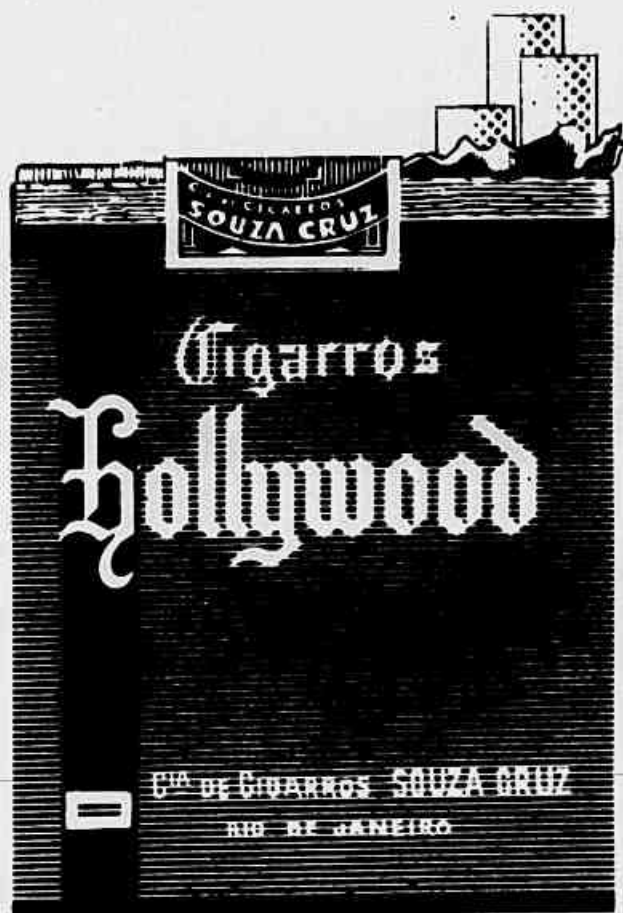
Quando os jornais deram a notícia do grave antagonismo entre o filho e esse pai que vivia unicamente pelo gosto de proporcionar ao moço tudo o que a vida parecia poder oferecer em alegrias e vantagens — recordei com melancolia aquela frase. E comecei a pensar nesses transviados “bem”, muito mais filhos-deuses do que filhos-mandados. Também pensei que o ser humano não perdoa a paixão do amor, seja ela de amante ou de pai, seja do que fôr.

Tive os olhos úmidos, pensando na solidão deste homem contra quem seu deus se havia levantado. E me propus mandar uma mensagem a todos os pais e a tôdas as mães do mundo: “Amem com cuidado, amem com discricção seus próprios filhos; conservem sempre, em relação a suas crianças, mesmo depois de crescidas, esse tom sereno do superior, que é amado justamente por ser mais forte, colocado sempre no plano do respeito. Não ouçam essas se-reias da educação moderna. Deixem seus filhos desejarem as coisas que idealizam, não lhes façam nunca a injustiça de proporcionar tudo o que desejarem porque, um dia... um dia eles se voltarão rancorosos contra vocês, na primeira ocasião em que a menor exigência não puder ser correspondida”.



quase um sonho... ficar assim
em silêncio, ouvindo música,
fumando

hollywood



Uma
tradição de
bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ



**HOTEL
AMAZONAS**

**BRASÍLIA
PALACE HOTEL**

